

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

RENATO FRANCISCO SÔNEGO

**OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO
BRASILEIRO: INVESTIGAÇÃO SOBRE A
COBERTURA DO ESPORTE ADAPTADO NO RÁDIO
BRASILEIRO PARA A PRODUÇÃO DE UMA SÉRIE
DE REPORTAGENS**

BAURU
2016

RENATO FRANCISCO SÔNEGO

**OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO
BRASILEIRO: INVESTIGAÇÃO SOBRE A
COBERTURA DO ESPORTE ADAPTADO NO RÁDIO
BRASILEIRO PARA A PRODUÇÃO DE UMA SÉRIE
DE REPORTAGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a M^a Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU
2016

Sonego, Renato Francisco

C318d

Os desafios do esporte paralímpico brasileiro: investigação da cobertura do esporte adaptado no rádio brasileiro para a produção de uma série de reportagens / Renato Francisco Sonego. -- 2016. 142f. : il.

Orientadora: Profa. M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Atletas. 2. Brasil. 3. Paralimpíadas. 4. Série de reportagem. I. Sonego, Renato Francisco. II. Bochembuzo, Daniela Pereira. III. Título.

RENATO FRANCISCO SÔNIGO

**OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO:
INVESTIGAÇÃO SOBRE A COBERTURA DO ESPORTE ADAPTADO
NO RÁDIO BRASILEIRO PARA A PRODUÇÃO DE UMA SÉRIE DE
REPORTAGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a M^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Banca examinadora:

Prof^a M^a Daniela Pereira Bochembuzo
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Me. Lucas Silveira de Azevedo
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Me. Vinicius Martins Carrasco de Oliveira
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 13 de dezembro de 2016.

Dedico este trabalho a Deus; aos meus pais, Marlene de Fátima Oliveira Sônego e Valter Ademir Sônego; à minha irmã, Joira de Oliveira Sônego, e às personalidades do meio paralímpico.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por guiar toda a trajetória acadêmica e durante a produção de trabalho de conclusão de curso, dando serenidade e calma nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus pais, Valter Ademir Sônego e Marlene de Fátima Oliveira Sônego, em especial à minha mãe, que me deu toda força para iniciar a jornada acadêmica, mesmo quando os obstáculos surgiram, e pelo amparo nos momentos da graduação e finalização do trabalho de conclusão de curso. À minha irmã, Joira de Oliveira Sônego, por todo o carinho e orientações durante a jornada acadêmica.

Agradeço imensamente por toda paciência e dedicação à minha orientadora, Daniela Pereira Bochembuzo, por ter me orientado durante esse quase (1) um ano, trazendo todo o conhecimento que corroborou para o desenvolvimento do trabalho e mostrando todo o carinho e amor pela profissão, além de trazer as palavras certas nos momentos adequados.

Agradeço ao meu amigo Luís Felipe Zago Carrion por todo o companheirismo e convivência durante o período acadêmico e por ter abraçado a ideia no momento de desenvolvimento do projeto e extensão, mesmo sabendo as limitações temporais para o desenvolvimento do trabalho e produto final do TCC.

Agradeço aos profissionais do Laboratório de Rádio da USC, Alexsandro Costa e Leandro Zacarim, por toda ajuda durante o período acadêmico e no TCC.

Agradeço aos amigos que fiz na faculdade, aos mais próximos do círculo de amizade: Luís Felipe Zago Carrion, Tiago Renan Pelegatti Migliani, André Nascimento Donati, Heloísa Paulucci Casonato, Ana Carolina Castilho Pereira, por todo momento de distração e risadas. Que nossa amizade seja levada adiante, não somente durante o período acadêmico. E ao demais que merecem o destaque: Guilherme Muller Cardoso, Isabella Christina Silva de Lima, Luís Roberto Machado de Araújo (Will), Mariana Ribeiro Camargo, Mayara Crepaldi Chaves, Pedro Henrique Sacardo, Renan da Silva Watanabe e Vitor Reghine Manfio. Mesmo estando distante de muitos, levo-os comigo nas minhas orações e pensamentos positivos.

Por fim, agradeço aos 14 entrevistados, presenciais ou não, que contribuíram para que a série de reportagens fosse realizada, arrumando um tempo na jornada e

correria do dia a dia: Bruno Landgraf das Neves (Vela); Daniel Tavares Martins (Atletismo) (por intermédio de Levi Carrion); Débora da Silva Rodrigues Campos (Tiro Esportivo); Edilson Alves da Rocha (Tubiba) (Diretor técnico - CPB) - por mérito do pesquisador Luis Felipe Zago Carrion; Jennyfer Marques Parinos (Tênis de Mesa); Mauricio Gomes dos Santos (fisioterapeuta); Miracema Ferraz (ex-atleta); Paulo Cesar dos Santos (Jatobá) (Basquete em Cadeira de Rodas); Raysa Cappelin Costa (ABDA); Sandro Laina Soares (ex-atleta e gestor esportivo - CBDV); Talita Barbi Hermann (Psicóloga esportiva); Thiago Pestana da Silva (ABDA); Tiago José Frank (Técnico da Seleção Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas); Verônica Silva Hipolito (Atletismo).

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi estudar os esportes paralímpicos com a intenção de compreender qual era o espaço de abordagem radiofônica para esse segmento. A questão foi investigada por meio de percurso metodológico composto por pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, a partir de corpus formado por quatro emissoras brasileiras, sendo este um estudo de abordagem quantitativa, de objetivo descritivo realizado por meio de método de análise de conteúdo, e sua natureza aplicada na forma de uma série de reportagens. Por meio dessas etapas, foi possível averiguar que não há conteúdo disponível em quantidade expressiva no ambiente radiofônico sobre os esportes paralímpicos, apenas para a cobertura sobre o evento olímpico do que o paralímpico, a despeito do expressivo desempenho dos atletas brasileiros nas categorias paralímpicas. Os dados obtidos permitiram a realização da última etapa deste trabalho, que consistiu no planejamento e na realização da série de reportagens sobre os esportes paralímpicos. Para tanto, considerou-se os principais aspectos sobre o paradesporto, com a compreensão das características de cada modalidade paralímpica. O produto deste TCC é uma série de reportagens – formato radiofônico pouco explorado pelo meio de comunicação –, que aborda a importância, as dificuldades enfrentadas pelos atletas paralímpicos, os mecanismos que corroboram para o desenvolvimento paralímpico, ações governamentais, parcerias com o meio acadêmico, com o uso de depoimentos, trilhas e inserção de atletas, dirigentes, profissionais da área de saúde, jornalistas e ex-atletas. Os resultados indicam quão rico é o tema e a sua importância para o esporte e para a comunidade.

Palavras-chave: Atletas. Brasil. Paralimpíadas. Rádio. Série de Reportagem.

ABSTRACT

The objective of this work was to study the Paralympic sports with the intention of understanding the space of radiophonic approach for this segment. The question was investigated through a methodological course composed of bibliographical research and documentary research, based on a corpus of four Brazilian broadcasters. This study is a quantitative approach, with a descriptive objective carried out through a content analysis method, and its Applied in the form of a series of reports. Through these steps, it was possible to find out that there is not enough content available in the radio environment about Paralympic sports, only for coverage of the Olympic event than the Paralympic, in spite of the expressive performance of the Brazilian athletes in the Paralympic categories. The data obtained allowed the realization of the last stage of this work, which consisted in the planning and the realization of the series of reports on the Paralympic sports. For that, we considered the main aspects on the paradesport, with the understanding of the characteristics of each paralympic modality. The product of this TCC is a series of reports - radio format little explored by the media -, which addresses the importance, the difficulties faced by Paralympic athletes, the mechanisms that corroborate the paralympic development, governmental actions, partnerships with academia, With the use of testimonies, tracks and insertion of athletes, managers, health professionals, journalists and ex-athletes. The results indicate how rich the theme is and its importance to the sport and the community.

Keywords: Athletes. Brazil. Paralympics. Radio. Series of Reports.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMA	18
1.2 HIPÓTESES.....	18
1.3 JUSTIFICATIVA	19
1.4 OBJETIVO GERAL	21
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
1.6 METODOLOGIA.....	21
2. JORNALISMO ESPECIALIZADO	27
3. RADIOJORNALISMO ESPORTIVO.....	33
4. ESPORTES PARALÍMPICOS	40
4.1 ATLETISMO	40
4.2 BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS.....	41
4.3 BOCHA	42
4.4 CICLISMO	43
4.5 ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS.....	44
4.6 FUTEBOL DE CINCO	45
4.7 FUTEBOL DE SETE	46
4.8 GOALBALL.....	47
4.9 HALTEROFILISMO	48
4.10 HIPISMO	49
4.11 JUDÔ	49
4.12 NATAÇÃO	50
4.13 TÊNIS EM CADEIRA DE RODAS.....	50
4.14 TÊNIS DE MESA.....	51
4.15 TIRO ESPORTIVO.....	52
4.16 VÔLEI SENTADO	53
4.17 REMO	54

4.18	VELA	55
4.19	RUGBY EM CADEIRA DE RODAS.....	55
4.20	TRIATLO	56
4.21	CANOAGEM	57
4.22	TIRO COM ARCO	57
5.	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	59
5.1	CORPUS DE ANÁLISE	62
5.1.1	Rádio Jovem Pan AM	62
5.1.2	Rádio MEC	65
5.1.3	Rádio Senado.....	67
5.1.4	Rádio Valinhos Comunitária FM.....	69
5.2	OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA DE CONTEÚDO	70
6	DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO.....	74
6.1	PAUTAS.....	76
6.1.1	Segunda Pauta.....	77
6.1.2	Terceira Pauta.....	85
6.2	EXECUÇÃO E ENTREVISTA	93
6.3	REDAÇÃO, GRAVAÇÃO E EDIÇÃO	95
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
	APÊNDICE B – Decupagem das entrevistas para elaboração da série de reportagens.....	111
	APÊNDICE C – Reportagens produzidas em pesquisa aplicada	136
	APÊNDICE D – Arquivo em áudio	142

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso aborda uma grande reportagem no rádio, com destaque para os esportes paralímpicos, também chamados de esportes adaptados, que são “[...] prática esportiva realizada pelas pessoas com deficiência visando à inclusão ou a melhora de suas funções motoras, podendo ter uma caráter mais generalista ou especialista.” (SHERRIL, 2004 apud COSTA; WINCKLER, 2012, p. 17).

No início do século XX, as modalidades paralímpicas surgiram para pessoas que tinham problemas auditivos e, posteriormente, nos anos de 1920, modalidades como atletismo e natação surgiram para os deficientes visuais. No período de 1939 a 1945, muitos combatentes e sobreviventes da Segunda Guerra Mundial voltaram para casa com problemas físicos, então, o esporte surgiu como uma forma de reabilitação dessas pessoas.

No ano de 1944, o neurologista e neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann inaugurou um centro de traumas medulares no hospital de Stoke Mandeville, na Inglaterra, e decidiu organizar competições esportivas envolvendo sobreviventes da Segunda Guerra Mundial que haviam sofrido traumas medulares. Foi assim que, na abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, foram lançados os Jogos de Mandeville Stoke, primeira competição para atletas em cadeira de rodas.

Ludwig Guttmann tinha uma frase que expressa bem os benefícios das atividades esportivas proporcionam em longo prazo. “A função mais nobre do esporte para portadores de deficiência é ajudá-los a restaurar a conexão com o mundo que os rodeia.” (SESI, 2013, p.11).

Os primeiros Jogos Paralímpicos foram disputados em Roma, no ano de 1960, porém destaca-se que somente no ano de 1988, em Seul, as Paralimpíadas foram realizadas na mesma sede em que ocorreu o evento olímpico.

Em solo brasileiro, a prática dos esportes para pessoas com deficiência iniciou-se na década de 50, quando o Clube dos Paraplégicos de São Paulo trouxe para o país a prática de atividades físicas para cadeirantes.

Em 1972, nas Paralimpíadas de Munique, houve a primeira participação brasileira. Na edição seguinte, em Montreal, foi conquistada a primeira medalha brasileira pelos atletas Luís Carlos e Robson Sampaio na modalidade Lawn Bows, atividade esportiva próxima a bocha. (SESI, 2013).

Durante a década de 80, houve um aumento significativo nas atividades praticadas por pessoas com deficiência, o que resultou no surgimento de novos atletas.

Atualmente, o Brasil realiza campanhas expressivas nas Paralimpíadas. De acordo com SESI (2013), na paralimpíada de Londres, no ano de 2012, o país conquistou 43 medalhas, sendo 21 de ouro, e garantiu a sétima posição no quadro de medalhas. O evento contou com a participação de 4.294 atletas, competindo em 20 modalidades diferentes. (SESI, 2013).

Na última edição realizada no Rio de Janeiro, no ano de 2016, a delegação brasileira conquistou 14 medalhas de ouro, 29 de prata e 29 de bronze, totalizando 72 conquistas. (PARAOLIMPÍADA..., 2016).

De acordo com os autores Costa e Winclker, algumas modalidades esportivas são adaptadas: atletismo, natação e basquete em cadeira de rodas, e outras próprias para as pessoas com deficiência: goalball, futebol de cinco e de sete. (2012).

De acordo com o Rio 2016, na Paralimpíada do Rio de Janeiro, duas modalidades estrearam nos jogos: paratriatlo e paracanoagem, resultando em 22 diferentes modalidades paradesportivas. (MODALIDADES..., 2016).

As modalidades paradesportivas são uns dos assuntos abordados pela editoria de esporte, setor em que o rádio se faz presente nas transmissões. No início, no entanto, o conteúdo esportivo não possuía o mesmo valor se comparado às demais editorias, como afirma Coelho (2015, p.08): “Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país?”.

Porém, com o decorrer do tempo, o jornalismo esportivo ganhou força na década de 60 e caiu no gosto popular, como salienta o jornalista Fábio de Carvalho Messa:

80% de cobertura jornalística do futebol, só há, em sua maior parte, notícia-entretenimento para torcedores e aficionados, no que se referem a uma infinidade de matérias de jogos, agendas das etapas de campeonatos, copas, apenas registrando dados corriqueiros (factuais), ou então mitificando personagens técnicos, jogadores, árbitros, atletas etc. Praticamente todo o noticiário de esportes nos dá a impressão de que há um cumprimento mecânico de pautas, sem qualquer diferencial criativo, com pouca profundidade especulativa e, muito menos, científica. (MESSA, 2005, p.01).

Ainda o mesmo autor afirma que o jornalismo esportivo concentra-se predominantemente no futebol, “[...] mais de 80% das temáticas noticiosas e das reportagens especializadas giram em torno de uma única modalidade desportiva que é o futebol.” (MESSA, 2005, p.01).

A modalidade, aliás, está entre as quatro mais praticadas no país. O dado é do Ministério do Esporte, que realizou em 2013 o Diagnóstico Nacional do Esporte, apresentando o número de pessoas que praticam atividades esportivas no Brasil. Futebol, voleibol, natação e futsal são as quatro primeiras opções dos brasileiros, com 59,8%, 9,7%, 4,9% e 3,3%, respectivamente. (DIESPORTE, 2015).

O interesse pelo futebol pode ser percebido, segundo Ribeiro (2007), durante a cobertura da Copa do Mundo realizada em 1962, pelas rádios Bandeirantes, em São Paulo, e Guanabara, no Rio de Janeiro, que resultou na liderança absoluta das transmissões. Para atingir a grande audiência, a Bandeirantes investiu em propagandas antes do início do Mundial e promoveu uma caravana, que levou torcedores para assistir aos jogos no Chile. Para ter credibilidade nos sorteios, um fiscal participava do evento, mas mesmo assim os sorteios não atingiram o respeito almejado, como relata André Ribeiro:

Não me perguntem como o fato aconteceu. O certo é que eu retirava as cartas de uma urna que recebia milhares de envelopes, e entre os mesmos sorteei dois fotógrafos da Gazeta Esportiva, que dava cobertura à promoção. (ARAUJO 2001, p. 191 apud RIBEIRO, 2007, p.186).

Durante o Mundial, a emissora paulista (Bandeirantes) colocou um painel na Praça da Sé, em São Paulo, onde os alto falantes ecoavam os sons das transmissões sonoras; os narradores tinham a instrução de ilustrar o lugar da bola durante o jogo, onde os painéis acendiam indicando o local para a população que acompanhava a transmissão.

Segundo o autor, a explicação pelo novo método de transmissão se deve ao fato que a transmissão habitual pela televisão acontecia após dois dias de transmissão da partida pelo rádio.

As redes de televisão Record e Tupi firmaram a parceria com a Televisa, empresa mexicana, que com o aporte financeiro do candidato a governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, possibilitou a transmissão dos jogos pelas emissoras. As narrações ficaram a cargo de Raul Tabajara, pela Record, e por

Walter Abraão, pela equipe da Tupi; cada um dos narradores fazia a locução de cada tempo do jogo.

Ribeiro (2007) cita que o rádio, nessa época, passou por uma transformação com as saídas de Edson Leite e Pedro Luiz da rádio Bandeirantes para a Tupi e Fiori Gigliotti, que foi para a emissora paulista.

Fiori tinha a missão de procurar novos talentos para a emissora, encontrando profissionais. Roberto Silva, Flávio Araújo, Mauro Pinheiro, Luís Aguiar, Luís Augusto Maltone, Ênio Rodrigues e Ethel Rodrigues surgiram no cenário radiofônico e a equipe esportiva ganhou o apelido de “scratch do rádio”.

A Rádio Tupi criou “Redação Esporte”, um programa no formato mesa-redonda com debates que contava com as participações de Sergio Baklanos, Gerdi Gomes, Ely Coimbra, Roberto Petri, Avilla Machado e Geraldo Bretas. Segundo Ribeiro, “[...] as principais rádios de São Paulo disputavam a liderança de audiência com mudanças radicais de seus quadros [...]” (2007, p. 190).

O autor também cita que, durante a Ditadura Militar (1964-1985), os jornais, rádios, televisão e jornalistas sofreram repressão tanto pelos profissionais quanto pelo conteúdo veiculado, o que resultou no fechamento de jornais e na venda de canais de televisão para as principais emissoras daquela época, como a Rede Globo.

Ribeiro (2007) afirma que a crise financeira afetou a rádio Panamericana, primeira emissora voltada para o esporte, que fechou e foi adquirida pela rádio Jovem Pan, esta inovou com o uso de estatísticas nas transmissões esportivas, de autoria de Claudio Carsughi, que possuía vasto conhecimento esportivo. Orlando Duarte foi incorporado à emissora, que também contava com o bom humor nas locuções por parte de Geraldo Blota.

Diante do interesse crescente pelo futebol, na Copa do Mundo de 1970, foi realizado um acordo temporário entre as rádios Bandeirantes, Nacional e Pan para a transmissão da Copa do Mundo, no México. Na mesma época, surgiu a transmissão ao vivo pela televisão, porém os brasileiros não possuíam televisores, tão pouco receptores para a captação das imagens a cores.

Na década de 70, a Rádio Mulher, de propriedade de Roberto Montoro, criou a primeira equipe esportiva somente com mulheres, composta por Zuleide Silveira, Jurema Iara, Leila Silveira, Lea Campos, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca

Amaral. Porém, a equipe não perdurou muito, por conta do preconceito, muitas abandonaram a carreira esportiva. (RIBEIRO, 2007).

Sobre a figura feminina no esporte, é importante lembrar que está presente nas editorias olímpicas, como afirma Coelho que “[...] as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes olímpicos.” (2015, p. 35). A justificativa é a maior facilidade em demonstrar o conhecimento esportivo em outras áreas, como basquete, vôlei e tênis em relação ao futebol. (COELHO, 2015).

No rádio esportivo, no entanto, o futebol permanecia tendo homens à frente, caso de Osmar Santos, jovem do interior do estado de São Paulo que mudou o jeito de transmitir os jogos de futebol e convidou personalidades de fora do cenário esportivo, como ex-presidente, Fernando Henrique Cardoso.

Soares (1994) cita a importância dessas personalidades no jogo que resultava na diminuição da participação do comentarista, que “levava pessoas com visões diferentes. No futebol, todo mundo emite opiniões e, como é uma coisa muito polêmica, acho que concentrar tudo num cara só para comentar é um desperdício.” (SANTOS apud SOARES, 1994, p.72).

A inovação foi tanta que bordões famosos foram criados, tais como: ripa na chulipa, pimba na gorduchinha e tantos outros, os efeitos sonoros, durante a locução dos gols, foi outra grande sacada de Osmar Santos. (RIBEIRO, 2007).

Durante o auge, Santos pronunciava cem palavras sem que a pronúncia fosse prejudicada. Quando passou a transmitir as partidas pela televisão, o locutor inovou com o close nele em que conversava com o telespectador. (PRADO, 2012).

Nessa época, as rádios paulistas e cariocas passaram a pagar altos salários para os jornalistas esportivos. Osmar Santos mudou-se para a Rádio Globo, de São Paulo, com rendimentos de 300 mil cruzeiros, salário nunca antes oferecido a qualquer profissional da área.

As emissoras de rádios esportivos apostavam em grandes personagens que facilitavam a venda de patrocínios e, com isso, era possível o arrecadamento de dinheiro necessário para compra os direitos de transmissão da Copa do Mundo, porém, as emissoras não possuíam dinheiro necessário para custear a compra do evento. (RIBEIRO, 2007).

Na década de 80, a televisão viveu a sua grande fase, com a criação da programação esportiva voltada para o esporte, caso da Rádio Panamericana e da TV Bandeirantes, que criou o Show do Esporte. Sob o comando de Luciano do Valle,

o programa foi incentivador de outras modalidades esportivas, como atletismo, vôlei, basquete. (RIBEIRO, 2007).

Nessa década, a figura feminina voltou a atuar no futebol como repórter de campo, porém, ainda existe preconceito por parte dos profissionais masculinos sobre a opinião feminina em relação ao esporte considerado masculino. (COELHO, 2015).

Para atenuar o impacto da televisão sobre a transmissão esportiva, o rádio ressurgiu com a empresa Klefer Promoções, que promovia a criação de novos programas de rádio para comercializa-los. A instituição comercial contava com a participação das principais e mais importantes estrelas do cenário esportivo daquela época. Ribeiro explica como era o funcionamento:

Foi um trabalho insano. Contatamos todas as rádios AM, primeiras e segundas colocadas nas capitais e principais cidades do interior. Formatamos os contratos com as rádios e contratamos dez personalidades esportivas, entre elas Zico, Falcão, Jorge Curi, Saldanha e outros do mais alto nível e ressonância nacional. O enlace comercial era o seguinte: não cobrávamos nada das emissoras, entregávamos um produto absolutamente pronto, em que fazíamos a inserção nacional e cada rádio fazia a inserção local. (RIBEIRO, 2007, p. 257).

Durante a década de 90, as Organizações Globo dominaram o cenário esportivo e a população começou a ter acesso aos canais fechados de televisão, gerando novo impacto sobre o radiojornalismo esportivo.

Em 1994, Osmar Santos e Pedro Luiz tiveram as suas carreiras afetadas. O primeiro por conta de um acidente automobilístico, que fez com que encerrasse a sua carreira precocemente. Luiz faleceu aos 79 anos e participou da cobertura de sete Copas do Mundo. (RIBEIRO, 2007).

Osmar Santos superou a barreira imposta pelo acidente, com a prática da fisioterapia e fonoaudiologia, restabeleceu a fala e a coordenação motora, mas não mais retomou sua carreira no esporte. A despeito disso, o setor esportivo da Rádio Globo, em São Paulo, continua usando a expressão Equipe Osmar Santos, em memória ao grande narrador esportivo. (PRADO, 2012).

Diante de um cenário de maior concorrência, na cobertura da Copa do Mundo de 1998, as emissoras de televisão contaram com a participação de personalidades, como Romário, Rivellino, Gerson, Zito, estratégia que continuou a ser utilizadas nos eventos esportivos seguintes até hoje.

Nos anos 2000 em diante, escândalos assombraram o cenário futebolístico, envolvendo grandes dirigentes, entre eles Ricardo Teixeira, presidente da CBF, Confederação Brasileira de Futebol.

Em sua trajetória, autores como Coelho (2015) e Ribeiro (2007), observam que o jornalismo esportivo não obteve ampliação da temática abordada, restringindo grande parte da atenção ao futebol. Diante da riqueza da prática esportiva no país, se percebe a necessidade de ampliar a abordagem temática, fugindo do tradicional e atingindo novos horizontes, como os esportes paralímpicos, de importante função social.

É nesse contexto que este trabalho se propõe a investigar, mas sob a forma de uma frente de pesquisa composta por dois braços: um contemplando os esportes paralímpicos, a cargo deste pesquisador e objeto deste Relatório de Fundamentação Teórica, relatado a seguir, e outro sobre os formatos do jornalismo radiofônico, de autoria do pesquisador Luís Felipe Zago Carrion (2016), alvo de outro relatório.

1.1 PROBLEMA

Diante dos aspectos citados anteriormente, a questão que norteia este trabalho final de conclusão de curso é: Qual é o espaço dedicado aos esportes paralímpicos na cobertura radiofônica brasileira?

1.2 HIPÓTESES

Acerca do problema, derivam-se as hipóteses:

- a) Sim, verifica-se que o rádio destaca tempo na grade de transmissão para a divulgação das atividades paralímpicas;
- b) Sim, percebe-se um aumento na divulgação de conteúdo por conta da realização dos Jogos Paralímpicos ou dos Parapan-Americanos no Brasil;
- c) Não, percebe-se que a população brasileira não demonstra interesse por esse tipo de conteúdo transmitido pelas rádios, com exceção ao conteúdo tradicional veiculado pelo meio, como futebol.

1.3 JUSTIFICATIVA

Por conta de seu impacto social, o tema esportes paralímpicos tem relevância. Basta observar os números que comprovam a quantidade de pessoas com limitações físicas que desenvolvem a prática de atividades físicas no Brasil.

Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 apontou que o país possuía 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, sendo que a maior frequência compreendia problemas visuais. (CENSO..., 2010).

De acordo com a Associação Desportiva para Deficientes, estima-se que aproximadamente 10% da população brasileira pratique atividade esportiva adaptada. (FAQ..., [2016?]). Utilizando-se desse percentual aplicado aos números do Censo, chega-se ao número estimado de 4,56 milhões de brasileiros com deficiência que desenvolvam o exercício de alguma modalidade esportiva adaptada no Brasil.

Bagnara (2010) afirma que o desenvolvimento regular da atividade física pelas pessoas que apresentam algum tipo de deficiência possui três objetivos diferentes: o lazer, a competição e a finalidade terapêutica.

As pessoas com deficiência podem desenvolver as atividades físicas com o propósito de lazer, recuperação física, emocional ou social. O indivíduo pode aperfeiçoar a atividade física de forma a buscar a melhora gradativa até atingir o potencial necessário para a participação em competições esportivas da modalidade.

Segundo o autor, alguns benefícios podem ser adquiridos pelas pessoas que praticam regularmente as atividades físicas, tais como: (a) melhora da coordenação motora e do equilíbrio; (b) produção de endorfinas e de neurotransmissores, como a catecolamina, que trazem a sensação de bem estar e combatem os sintomas da depressão; (c) diminuição das dores no corpo; (d) perda de gordura na luta contra o peso; (e) ganho de força muscular; (f) melhora no funcionamento dos músculos, tendões, articulações; (g) aumento na capacidade cardiovascular; (h) regularização na produção de hormônios e enzimas e (i) perda da síndrome de ansiedade e incapacidade. (BAGNARA, 2010).

Por conta da estimativa do número de praticantes e benefícios que a atividade física traz para o indivíduo, entende-se que poderia haver maior divulgação do

assunto por meio do jornalismo esportivo, principalmente levando-se em conta o número significativo de pessoas praticantes das modalidades paralímpicas.

O entendimento também pesa o fato de que, comparado ao tempo destacado para as modalidades olímpicas, os esportes paralímpicos possuem divulgação midiática reduzida, restrita a TVs fechadas, com notas ou reportagens nos seus telejornais.

Levando-se em conta as características dos veículos, entende-se que o rádio, por ser um dos meios de comunicação mais populares, seja pelo seu preço acessível ou pelo seu porte físico – em muitos casos o aparelho cabe na palma da mão –, sendo considerado o mais indicado para realizar essa divulgação.

O rádio é definido por Luiz Artur Ferraretto como

Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários. [...] De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma de fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (FERRARETO; KISCHINHEVSKY, 2010 apud FERRARETO, 2014, p. 18).

Além de ser um meio popular de transmissão, possui a característica de formação de imagens para os ouvintes, como afirma Robert McLeish: “Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que, logo ao ouvir a voz do locutor, o ouvinte tente visualizar o que ouve [...]”. (MCLEISH, 2001, p.15).

Para a mensagem atingir o seu objetivo de levar informação para as pessoas, no entanto, deve ser clara, precisa, concisa e breve, como recomenda o jornalismo das emissoras. (FERRARETO, 2014).

Tendo em vista as características pertinentes ao rádio e unindo a abordagem esportiva, saindo do habitual, no caso futebol, e voltando-se para o ambiente paralímpico, torna-se fundamental realizar tratamento além do noticioso. Entende-se que o formato mais adequado é a grande reportagem radiofônica, cujo fatiamento resulta no que se chama de série de reportagens radiofônicas.

Ferraretto define a série de reportagens radiofônica como “[...] um meio-termo entre a reportagem comum, aquela do dia a dia, e o documentário”. (FERRARETO, 2014, p. 167).

1.4 OBJETIVO GERAL

Frente à justificativa, entende-se que o objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é realizar estudo sobre o tema paralímpico, ressaltando a importância e benefícios implícitos para os praticantes, a fim de se elaborar uma grande reportagem radiofônica seriada que aborde o tema estudado.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A partir do objetivo geral, traçam-se como objetivos específicos:

- a) Realizar uma pesquisa exploratória composta por estudo bibliográfico sobre o esporte paralímpico, com a origem, modalidades praticadas e competições, e análise midiática, com ênfase para o rádio, sobre os esportes paralímpicos;
- b) Interpretar os dados e sistematiza-los de forma a nutrir produção de roteiros para a série de reportagens radiofônica, identificando as modalidades paralímpicas praticadas em Bauru e região e os atletas praticantes, realizando uma pesquisa aplicada.

1.6 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, foi composta uma frente de pesquisa, compreendida pelo aluno Luís Felipe Zago Carrion, que está à frente da pesquisa sobre o meio radiofônico, gêneros e características, e este pesquisador, Renato Francisco Sônego, que trata de os esportes paralímpicos, surgimento, modalidades e desempenho ao longo das realizações dos jogos, subtemas sobre os quais este relatório versa.

Para a execução da grande reportagem com ênfase aos esportes paralímpicos no rádio, foi necessária, inicialmente, a pesquisa exploratória, que versa em “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (GIL, 2008, p. 27). Como métodos para a exploração do tema foram utilizados a pesquisa bibliográfica e a pesquisa descritiva.

A professora Ida Regina Chitto Stumpf define a pesquisa bibliográfica ampla como

[...] planejamento global de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2006, p. 51).

Com esse propósito, foi realizado o levantamento bibliográfico para a identificação dos livros e autores que contemplam o tema com profundidade.

A autora conceitua a pesquisa bibliográfica restrita como

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder á respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2006, p. 51).

No caso deste trabalho, a pesquisa bibliográfica aborda temas e autores sobre o universo do esporte paralímpico, desde o seu surgimento, com a apresentação das modalidades existentes, desempenho dos atletas brasileiros ao longo das competições realizadas até a exposição midiática para essas modalidades. Para essa contextualização foram usados os autores SESI, Marco Túlio de Mello e Ciro Winckler.

O próximo passo consistiu na realização da pesquisa descritiva, definida pelas professoras Tatiana Engel Gerhart e Denise Tolfo Silveira, da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como um conjunto de informações que o indivíduo busca com a finalidade de relatar os acontecimentos e fenômenos da realidade. (TRIVINOS, 1987 apud GERHART; SILVEIRA, 2009).

Nesse requisito foram contemplados os autores SESI e Marco Túlio de Mello, Messa, Ciro Winckler para a fundamentação sobre os aspectos das parolimpíadas e os autores Ferraretto, McLeish, Jung para a contextualização do ambiente radiofônico; Coelho e Messa, para jornalismo esportivo.

Além disso, foram selecionadas as emissoras radiofônicas integrantes do corpus de análise para a verificação do conteúdo transmitido para o ouvinte, tendo sido utilizadas as emissoras Rádio Jovem Pan, Rádio MEC AM, Rádio Senado e Rádio Valinhos FM. A justificativa para essa seleção deveu-se à disponibilidade de conteúdo em podcasting, que facilita a reunião de conteúdo das quatro emissoras. As emissoras de Bauru e região poderiam compor o corpus de estudo, porém as emissoras não disponibilizam o conteúdo nesse formato.

A partir das emissoras escolhidas foram selecionados programas de esporte por elas veiculados. Nelas, foi identificada a quantidade de assuntos esportivos abordados por essas emissoras e em qual ocasião e quantidade foi dedicada alguma atenção aos esportes paralímpicos. Esta etapa pode ser caracterizada como uma pesquisa quantitativa, que difere do qualitativo em alguns aspectos, como

[...] os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente. (FONSECA, 2002, p.20 apud GERHART; SILVEIRA, 2009, p. 33).

O período de estudo compreendeu as datas de 29 de agosto a 09 de setembro de 2012, durante a realização dos Jogos Paralímpicos de Londres, e em outro período nos dias 07 a 15 de agosto de 2015, em que aconteceram os Jogos Parapanamericanos, em Toronto. Para isso, foram realizadas análises de conteúdo, que podem ser definidas como “[...] um método das ciências humanas e sociais destinados à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 280).

De posse dos dados obtidos, foi analisada como é dada a exposição midiática dos esportes paralímpicos em um determinado período, a fim de investigar as hipóteses levantadas e, por fim, realizar o desenvolvimento do produto final, etapa esta denominada como pesquisa aplicada, e que resultou na elaboração de uma grande reportagem para o rádio. Para isso, foi necessária a realização de uma nova pesquisa bibliográfica compreendendo as técnicas de construção de roteiro para a grande reportagem radiofônica.

Nesse processo de elaboração do roteiro, a pesquisa de campo teve a finalidade de conhecer as modalidades paralímpicas e atletas abordadas na grande reportagem por meio da apuração jornalística.

O professor da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luiz Artur Ferraretto, define o significado da apuração da notícia como a “investigação, levantamento e verificação dos dados e elementos de um acontecimento para

transformá-lo em notícia”. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p.37 apud FERRARETTO, 2014, p. 158). Nesse processo:

[...] o repórter deve informar-se o mais que puder sobre fatos e circunstâncias, a fim de transmiti-los com seus dados essenciais para os leitores. Uma notícia pode ser apurada: diretamente na fonte ou por meio de uma área oficial. Na falha dos métodos anteriores, pelo cerco por meios paralelos, ou seja, procurando-se outras pessoas ou instituições que possam, indiretamente, fornecer indicações que levem ao informe desejado. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 37 apud FERRARETTO, 2014, p. 158-159).

Como se trata de um Trabalho de Conclusão de Curso, se buscou o máximo de informações, a fim de solucionar os questionamentos que surgiram durante o decorrer do trabalho, tanto teórico quanto prático.

Foram utilizadas cinco técnicas que auxiliaram no contexto prático, são elas: a observação direta, que consiste na participação do repórter no local do acontecimento, trazendo a riqueza de detalhes para a notícia; a coleta, ação que precisa da participação do repórter no lugar do acontecimento, mas que traga personagens e informações que farão a composição da notícia; o levantamento, que consiste na busca de informações de forma informal ou por meio da percepção de detalhes; o despistamento, que busca circunstâncias para a revelação de informações de pessoas desejadas e, por último, a análise, em que o repórter faz o cruzamento de informações do passado e do presente do acontecimento, para ‘ler’ o acontecimento. (FERRARETTO, 2014, p. 159-160).

Além das cinco técnicas de apuração citadas anteriormente, há a entrevista, que integra a composição processual da notícia.

A jornalista e pesquisadora Cremilda Medina de Araújo define a entrevista como “[...] uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.” (MEDINA, 2008, p.08).

Com isso, foram agendadas e realizadas entrevistas com fontes relacionadas ao tema da grande reportagem, com a intenção de dar voz aos entrevistados e os pesquisadores adquirem o conhecimento necessário para a temática.

Cremilda Medina de Araújo cita a importância da entrevista como

[...] um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além das trocas de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que os filósofos como Martin Buber já dimensionaram: O diálogo

que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. (MEDINA, 2008, p. 08).

A entrevista também tem o objetivo de “[...] fornecer, nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão [...]”. (MCLEISH, 2001, p.43).

Após os processos de apuração e entrevista, o último passo consistiu na reunião de todo o material coletado, na elaboração e correção do roteiro da série de reportagem. Fazendo-se necessário o uso das instalações e dos técnicos do Laboratório de Rádio, da Universidade do Sagrado Coração, para gravação e edição do produto final.

O percurso metodológico descrito resultou na elaboração de oito capítulos. Este primeiro apresenta o projeto que antecedeu a execução do Trabalho de Conclusão de Curso. O segundo capítulo aborda a contextualização histórica do tema paralímpico, implicações e características, também sendo retratada a temática sobre o ambiente radiofônico. Contando com colaborações dos autores Marco Túlio de Mello, Ciro Winckler, Sesi, Luiz Artur Ferraretto, Milton Jung e Cremilda Medina de Araújo.

O terceiro capítulo tem como tema o jornalismo especializado, a partir das contribuições do professor Nilson Lage. A abordagem foi dividida por editorias, com destaque para a esportiva, em que o tema deste TCC está presente.

No quarto capítulo o tema é o radiojornalismo esportivo, trazendo um panorama sobre o rádio, desde o seu surgimento até a transmissão do conteúdo esportivo, a evolução do ambiente tanto físico quanto dos profissionais e a evolução das abordagens dos profissionais esportivos.

No quinto capítulo, o tema envolve o contexto Paralímpico, com destaque para os jogos, participação mundial, brasileiro, as primeiras conquistas brasileiras, o surgimento de atletas de alto rendimento, a constante evolução no desempenho brasileiro nas competições.

No sexto capítulo é descrito o passo a passo do desenvolvimento da pesquisa, com a definição do corpus de análise, compreendendo as emissoras radiofônicas, a definição do período de estudo e a comprovação das hipóteses levantadas.

No capítulo sete está descrito o produto final, que é a grande reportagem radiofônica sobre os esportes paralímpicos, com o destaque às fontes, transcrição das laudas, seleção dos áudios pertinentes e indicação do tempo total do produto.

O oitavo capítulo traz as considerações finais sobre o trabalho e os resultados obtidos.

2. JORNALISMO ESPECIALIZADO

Durante as primeiras décadas, o esporte não possuía prestígio no jornalismo, sendo tratado apenas na apresentação dos resultados com o uso de vinte linhas para cada modalidade esportiva. (ERBOLATO, 1981).

Antes mesmo de o jornalismo ser dividido em editorias, em 1947, a rádio Panamericana criou o departamento de Esportes com a presença de profissionais específicos, tais como cronistas, locutores e repórteres que dedicam à cobertura esportiva. (SOUZA, 1994, p.59 apud FERRARETTO, 2014, p.213).

Atualmente, o esporte está presente nas emissoras de rádio da capital e do interior, sendo tratado com o prestígio necessário, como afirma Mário Luiz Erbolato.

Hoje, o esporte é cuidado com interesse até pelo rádio. Emissoras do interior, que não se preocupam em transmitir as notícias gerais da cidade, mantêm equipes de repórteres para obter as novidades dos clubes locais ou “corujar” as informações divulgadas pelas estações da capital ou dos municípios vizinhos. (ERBOLATO, 1981, p.14).

O professor Nilson Lage (2002) cita que as redações jornalísticas são separadas por editorias, próximas das áreas de interesse do jornalismo, que compreende os setores de cidade, polícia, política, esportes, economia, ciência e tecnologia, artes e espetáculos. Cada uma com a sua característica específica. NO rádio, a editoria pode também ser chamada de setor.

Para Ferraretto (2014), a atuação do jornalista setorista compreende seguir exclusivamente o acompanhamento diário do que ocorre em delimitada área de interesse da comunidade. No jornalismo esportivo, portanto, as notícias relacionam-se a esportes.

Assim, Nilson Lage conceitua a notícia esportiva como

[...] o jogo ou a disputa. Delas as pessoas tomam conhecimento assistindo ao espetáculo ou a partir de resumos – os lances principais. Tudo mais é constituído de declarações e decisões, tomadas num clima de paixão, em torno das quais se propõem análises e prognósticos – a crônica esportiva. (LAGE, 2002, p. 115).

Mário Luiz Erbolato defende que a atuação do profissional da editoria esportiva deve ter como característica essencial a

[...] diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente as possibilidades dos

concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. (ERBOLATO, 1981, p.14-15).

Por conta da diversidade de assuntos esportivos abordados, o noticiário evoluiu para a cobertura com o destaque de aproximadamente vinte colunas diárias pelo veículo impresso para as reportagens esportivas, não ficando restrito apenas ao futebol, mas mostrando outras modalidades, como: boxe e automobilismo. (ERBOLATO, 1981).

Esse cenário dos anos 1980 evoluiu e, desde então, tem abarcado mais modalidades esportivas. A despeito da modalidade, Nilson Lage afirma que a cobertura esportiva possui detalhes exteriores que se fazem necessários para a composição da notícia, tais como: registro das declarações, circunstâncias emocionais, cenário econômico, além do respeito aos princípios éticos para a constituição da notícia. (LAGE, 2002).

Por conta das atribuições da função jornalística, o profissional precisa manter atualizados os contatos para, em uma eventual necessidade de última hora, buscar “[...] conhecer, necessariamente, onde (e a qualquer momento) poderá encontrar o esportista – seja ele atleta, dirigente ou técnico – que lhe possa dar informações urgentes”. (ERBOLATO, 1981, p.15).

Ao encontro das ideias de Erbolato, Ferraretto (2014) afirma que o trabalho específico resulta na produção de maior qualidade da informação, por conta do conhecimento adquirido e pelas fontes utilizadas pelo jornalista.

Dentro da cobertura esportiva, outras modalidades merecem destaque, tais como: vôlei, basquete, tênis, automobilismo, boxe, judô, surfe, mas o futebol predomina no cenário radiofônico.

Os requisitos necessários para o acompanhamento das diferentes modalidades esportivas, segundo define Erbolato, exige compreender que

[...] além de conhecer as regras e os regulamentos de cada modalidade de esporte, o jornalista precisa inteirar-se de uma série de fatos que, por serem infringidos ou esquecidos, podem constituir base para um bom noticiário (ERBOLATO, 1981, p.13).

Utilizando a história, a atuação do repórter, até meados dos anos 70, era uma mistura da opinião própria junto com a informação sobre o assunto. Contudo os princípios jornalísticos mudaram o processo de realização da informação, passando a constar um teor interpretativo sobre o fato jornalístico. (FERRARETTO, 2014).

Ferraretto descreve a função do jornalista nessa área.

O jornalista tem, nesse campo, uma atuação ampla. Pode mostrar os preparativos para as grandes partidas, descrever o que se passa nas concentrações, os treinos (individuais ou coletivos), os atletas que deverão passar (passaram ou foram barrados) pelos exames médicos e as possíveis substituições ou modificações nos quadros. Há ainda a abordagem das contratações ou vendas, declarações dos técnicos, eleições das diretorias e a missão dos olheiros ou emissários, que pretendem comprar passes de jogadores de outros clubes. (ERBOLATO, 1981, p.16 apud FERRARETTO, 2014, p.217).

As funções desempenhadas pelo jornalista esportivo (diga-se rádio) são de coordenador de esportes, plantão esportivo, narrador, comentarista, apresentador, produtor, estagiário e repórter. A última função exige do profissional uma especialização para o acompanhamento dos acontecimentos do dia a dia das agremiações esportivas ou da modalidade específica. Nos eventos ao vivo, o profissional ganha denominação de repórter de campo, apresentando as particularidades do evento que corroboram para a riqueza de detalhes para o ouvinte. (FERRARETTO, 2014).

Essas distinções indicam que a atuação do profissional da comunicação sofreu mudanças ao longo dos tempos, resultando na produção de conteúdo de qualidade para o consumidor.

Nilson Lage (2002) afirma que, nos séculos XVII e XVIII, a atuação dos jornalistas estava ligada ao uso da linguagem retórica com ênfase a atos religiosos e governamentais, como destaca o autor:

A pretensão de orientar e interpretar estava sem dúvida ligada ao estilo, que era parecido com o dos discursos e proclamações. A narrativa surgia às vezes - tanto de acontecimentos reais quanto de eventos fictícios ou alegóricos - e os registros menores lembram o tom seco dos enunciados conhecidos na época (anais, atos, relatórios, as relações de episódios listados em ordem cronológica que tinham o nome de crônicas), mas a linguagem dominante ficava entre a fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso. (LAGE, 2002, p.10-11).

No século XIX, foram introduzidas mudanças, como a linguagem utilizada pelos profissionais, transformando em agentes “[...] educadores e sensacionalista”. (LAGE, 2002, p14).

A função de agente educativo compreende a absorção de novos modos que mudaram as relações sociais e econômicas das pessoas. Já o sensacionalismo corresponde à ação social que o texto jornalístico pode remeter a assuntos que despertem atenção do público. Durante o período, o repórter ganhou espaço com o

uso da linguagem escrita próxima à oral, com atributos que buscavam a atenção do público, tais como: o uso de expressões iniciais, a divulgação de fatos em primeira mão pelos meios de comunicação. O uso do lead e a conduta ética com as fontes foram aspectos inseridos no trabalho do jornalista. (LAGE, 2002).

Tamanha complexidade leva Ferraretto (2014) a afirmar que alguns requisitos são necessários para que o jornalista desenvolva a função corretamente, tais como: capacidade de observação na busca pelas particularidades da notícia, habilidade de comunicação com a transmissão do conteúdo de forma direta e limpa, sensibilidade que corresponde ao repórter trazer o aspecto humano na cobertura jornalística. Unidas à criatividade, o conhecimento cultural e a percepção própria da modernização, enquanto profissional, resultando na eficácia conduta do jornalista.

Nos dias de hoje, com os equipamentos tecnológicos disponíveis, o comunicador desempenha a função com extrema responsabilidade, participando de outras funções da reportagem. Entretanto Lage afirma que profissional precisa “[...] não apenas deve apurar bem, mas formular seu texto como o melhor dos redatores e participar das tarefas de edição [...]” (LAGE, 2002, p.20).

Nas ocasiões especiais, como nos Jogos Olímpicos, o repórter, bem como os demais membros da equipe esportiva, deve realizar a divulgação pelo veículo. Além disso, os profissionais que acompanham os jogos olímpicos em outra localidade necessitam realizar a adaptação à cultura e língua, exigindo do conjunto jornalístico que realiza a cobertura do evento fora do território brasileiro a “[...] preferência integradas por repórteres que dominem não só a língua do país em que se realiza a competição, mas também outras línguas estrangeiras.” (ERBOLATO, 1981, p.15).

A composição da equipe para os eventos, segundo Luiz Artur Ferraretto, compreende

[...] a equipe para a transmissão de eventos de outras modalidades esportivas seguem, mais ou menos, a mesma lógica que orienta a estrutura da cobertura de futebol: o narrador, o comentarista, um repórter pelos menos e o plantão. (FERRARETTO, 2001, p. 330).

De acordo Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo Lima, o profissional da comunicação que não domina as temáticas esportivas deve reconhecer que precisa e necessita buscar outra opinião para esclarecer. Portanto, não deve oscilar em ligar para o especialista e tirar as dúvidas pertinentes à temática. (BARBEIRO; LIMA, 2001).

Percebe-se nesse cenário (inclusive no futebol) a presença “[...] com frequência, para analisar a competição são contratados ou convidados ex-atletas como comentarista.” (FERRARETTO, 2001, p. 330).

Ao lado do comentarista, o profissional que cobre a área esportiva (diga-se futebol) corre dois riscos, que são: retratação do futebol como paixão, com ares de lembranças e priorização da figura do jornalista em relação à notícia. (COELHO, 2015).

Para fugir do esporte tradicional (futebol) e buscar novos horizontes com outras modalidades ou setores esportivos, Paulo Vinicius Coelho cita os exemplos dos jornalistas Adalberto Leister Filho e Jorge Luiz Rodrigues.

Adalberto Leister Filho realizava a cobertura dos fatos futebolístico do Palmeiras, porém, em determinada ocasião, foi deslocado para cobrir os esportes olímpicos, ficou furioso pela pouca visibilidade para o profissional. Porém, percebeu a oportunidade de destacar modalidades esportivas que não estavam no cenário brasileiro. (COELHO, 2015).

Coelho explica como ocorreu o processo de destaque das outras modalidades pelo profissional: “Começou a acompanhar o vôlei com afinco, investiu em boas matérias de boxe. Encontrou personagens interessantes e produziu matérias de qualidade.” (COELHO, 2015, p. 49).

Como resultado do excelente material disponibilizado, o profissional recebeu o convite do jornal Folha de São Paulo, onde realizou a cobertura dos esportes olímpicos para o veículo. O jornalista, segundo Coelho, especializou-se na reportagem esportiva sobre o universo olímpico e contou com a colaboração dos esportistas que viram o empenho do profissional em realizar o processo de aperfeiçoamento. (COELHO, 2015).

Jorge Luiz Rodrigues especializou-se no universo dos esportes, não havendo distinção, com o propósito de buscar a excelência da informação. Ganhou fama de enciclopédia, com conhecimento que compreende o futebol até vôlei de praia. Participou na cobertura de quatro Jogos Olímpicos, sendo “[...] um dos principais especialista no assunto.” (COELHO, 2015, p.50).

A explicação se deve à mínima pressão recebida pelos profissionais que acompanham esse setor.

Coelho categoriza o aspecto que envolve o universo olímpico especializado.

Especializar-se nunca é demais. A questão, quando se trata de esportes olímpicos de pouca divulgação no Brasil, é saber esperar pela hora certa de o trabalho aparecer. Pode durar anos. Pode nunca se concretizar. Por isso, é tanto melhor saber por que a escolha recai sobre essa ou aquela modalidade. (COELHO, 2015, p.51).

No próximo capítulo, será retratado o radiojornalismo esportivo com aspectos sobre o veículo, o surgimento até as transmissões esportivas, além de itens que compreendem a evolução do ambiente físico, profissional e abordagem radiofônica.

3. RADIOJORNALISMO ESPORTIVO

O esporte (diga-se futebol) surgiu como um dos primeiros gêneros a ganhar espaço nas emissoras de rádio, fazendo-se presente em debates, programas e transmissões de eventos esportivos.

As notícias esportivas e as demais editoriais utilizavam o modelo da Gillete Press, técnica que consistia no recorte da notícia do jornal, lida e comentada pelo apresentador, modelo utilizado até 1930.

Porém, em 19 de julho de 1931, foi realizada a primeira transmissão esportiva, em que as equipes paulista e paranaense se enfrentaram no campo da Chácara da Floresta e a narração foi de Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista.

De acordo com Soares (1994), pelo pouco tempo de contato com os brasileiros, o veículo de comunicação ainda era uma novidade para a população, assim a primeira transmissão esportiva contou com a “[...] improvisação e o amadorismo.” (SOARES, 1994, p. 17).

McLeish (2001) afirma que os narradores esportivos (de futebol) devem transmitir as informações para que o ouvinte se situe em que lado está cada equipe, porém, devendo ser transmitidas no início e durante o decorrer da partida.

No Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan, Maria Elisa Porchat recomenda que a transmissão do evento conte com a linguagem “[...] espontânea, coloquial, feita de improviso.” (PORCHAT, 1989, p. 85).

Foi desse modo, segundo Soares, que aconteceu a primeira transmissão integral de uma partida de futebol. Como não existia nenhuma numeração e, também, trabalho do produtor em buscar as informações sobre a partida, Tuma desceu até os vestiários e memorizou as características físicas dos jogadores para que ele reconhecesse quem era quem durante o jogo de futebol. (SOARES, 1994).

Outro fator essencial e que se faz presente nos dias de hoje é o conhecimento do profissional de comunicação das regras para a prática do futebol e a utilização da linguagem simples, como afirma Porchat:

Um único sentido (a audição) tende a cansar e desconcentrar. Só uma linguagem simples, que seja facilmente entendida, e ao mesmo tempo rica de variações, conseguirá manter o ouvinte interessado. (PORCHAT, 1989, p. 97).

Foi isso que fez Tuma na fatídica transmissão de 1931. Como não existia local específico para a imprensa, o locutor ocupou o lugar denominado por ele como “reservado da imprensa”, próximo aos torcedores. (SOARES, 1994, p. 30), e fez uso da técnica da criação de imagens, característica pertinente ao meio de comunicação.

Naquela tarde, Nicolau Tuma pede ao ouvinte para tentar pensar num retângulo na sua frente ou então para pegar uma caixa de fósforos e visualizar o campo, onde vai começar a partida entre as duas seleções. Do lado direito estão os paulistas e, do lado esquerdo, estão os paranaenses. (SOARES, 1994, p. 30).

Naquela época, era função do narrador, denominado de *speaker*, que ocupasse a locução da partida de futebol sozinho, pois não contava com a presença do repórter de campo, comentarista e anúncios publicitários. (SOARES, 1994).

Depois disso, a rádio Educadora Paulista, apesar de ser a primeira emissora a realizar a transmissão de uma partida de futebol, não obteve continuidade nas transmissões esportivas, foi assim que surgiu a rádio Record, que passou a dar espaço para o esporte, após a compra por Paulo Machado de Carvalho. (SOARES, 1994).

Durante os finais de semana, a rádio Record dedicava parte da programação para a cobertura esportiva, com partidas e conferências.

Nas transmissões esportivas, os narradores contavam com a precariedade do sistema telefônico, que prejudicava na irradiação do evento esportivo, chegando ao ponto de realizar ligações clandestinas, quando o tempo não era suficiente para o pedido da instalação convencional pela empresa de telecomunicações. (SOARES, 1994).

A evolução do radiojornalismo esportivo brasileiro contou com o empenho dos narradores, que buscavam melhores condições com equipamentos mais sofisticados e, conseqüentemente, o gênero esportivo modernizou o jornalismo de rádio no Brasil. (SOARES, 1994).

Outras modalidades esportivas, como boxe e automobilismo, contaram com a criatividade brasileira para serem transmitidas. O boxe envolvia a montagem de um ringue com dois lutadores, os jornalistas ouviam pelos fones de ouvido a luta e reproduziam os movimentos.

Já com as corridas de automóveis, como a empresa não possuía o direito das transmissões, telefones foram colocados em pontos estratégicos da pista e as informações detalhadas eram repassadas para o estúdio para que o evento fosse transmitido. (SOARES, 1994).

Durante a década de 30, cabines de transmissões foram colocadas nos principais estádios paulistas para a transmissão do evento e entrevista com os personagens. Porém, a transmissão dos jogos, na visão dos clubes, atrapalhava o arrecadamento dos clubes, portanto, ficavam restritos à Organização Byington.

A partir de 1940, os jogos de destaque aconteciam no estádio Paulo Machado de Carvalho, conhecido como Pacaembu, que possuía cabines de transmissão abertas e gratuitas às emissoras que demonstravam interesse.

Celso Unzelte, em sua análise, cita a função do veículo de comunicação, cuja divulgação da modalidade esportiva consiste:

No caso do esporte, ao contrário da televisão ou de qualquer outra mídia, as emissoras de rádio não pagam absolutamente nada pra transmitir os eventos esportivos que cobrem, embora aconteça o equivalente ao venderem suas cotas de publicidade. Herança de tempos idos, em que, de acordo com o senso comum, ao divulgar o acontecimento a rádio estaria prestando um serviço público. (UNZELTE, 2009, p. 64).

Entretanto, o salto na qualidade das transmissões esportivas ocorreu com a rádio Panamericana, denominada “Emissora dos Esportes”, que contava com os principais nomes do rádio brasileiro e foi a primeira a criar o departamento específico para a área esportiva. (SOARES, 1994).

Nessa década foi criado o plantão esportivo pela emissora. Edileuza Soares destaca a importância dessa atividade como “[...] um verdadeiro arquivo, que pode ser acionado a qualquer momento por repórteres, locutores e comentaristas para resolver dúvidas e dar informações precisas em pequeno espaço de tempo.” (SOARES, 1994, p.52).

Já Celso Unzelte ressalta a importância do plantão esportivo como “aquele cara que, no meio do jogo, interrompe o locutor para anunciar um gol em algum lugar e que ao final da jornada esportiva volta para dar o placar de todos os jogos do dia.” (UNZELTE, 2009, p. 80).

A figura do comentarista esportivo surgiu na década de 40. Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, que escreveram o Manual de Jornalismo Esportivo, destacam a

importância do profissional que exerce “[...] a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada. [...] Cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida.” (BARBEIRO; RANGEL, 2012, p. 78-79).

Porchat (1989) afirma que cada profissional, comentarista, repórter, a pessoa do plantão esportivo, deve desempenhar uma função específica e a relação deve ser esclarecida para o ouvinte. Porchat complementa as considerações de Celso Unzelte em relação às funções desempenhadas pelos profissionais:

[...] o repórter colhe as informações e transmite com exatidão; ao comentarista cabe passar uma análise do evento em linguagem simples, deixando de lado seus valores pessoais – esta separação torna nítida uma transmissão, distinguindo informação de opinião. (PORCHAT, 1989, p. 85).

Blota Júnior foi um dos primeiros comentaristas a participar das transmissões esportivas, e também substituíva o locutor principal em algumas ocasiões. Marcelo Rozenberg (2015) afirma que o comentarista obteve destaque na Rádio Record, desempenhando a função por 45 anos. Além do rádio, trabalhou nas tevês Bandeirantes e SBT.

Para se manter na locução das partidas de futebol, é necessário adotar uma linguagem de fácil compreensão pelo receptor. Há a recriação dos ambientes esportivos por meio dos detalhes que o narrador transmite para o espectador.

Diante disso, Barbeiro e Rangel garantem que prática da locução compreende a “[...] expor, relatar, descrever o fato. Observar e comunicar. [...]”. Esse profissional deve saber passar a emoção da competição narrada, mas sem exageros.” (BARBEIRO; RANGEL, 2012, p. 66).

Além das qualidades citadas por Barbeiro e Rangel, Porchat define o narrador como “[...] os olhos do público.” (PORCHAT, 1989, p. 85). Para tanto, cabe a ele o uso da voz, de acordo com o ritmo do jogo, além da improvisação, característica citada no início do capítulo, para a transmissão dos lances da partida. (UNZELTE, 2009).

Segundo Barbeiro e Rangel (2012), alguns requisitos são necessários para que o profissional desenvolva a função de forma coerente e eficiente. Os aspectos que compreendem a locução são:

- a) Utilizar com moderação bordões inusitados;

- b) Dinâmica de acordo com o ritmo de jogo, fator que colabora para o entendimento pelo receptor;
- c) Conhecimento adequado sobre a modalidade esportiva transmitida;
- d) Preparo antecipado com números, confrontos anteriores, prováveis escalações, principais atletas, além da atenção com a pronúncia dos nomes estrangeiros;
- e) Evitar o uso da emoção em detrimento da informação;
- f) Apresentação constante do resultado, para que o ouvinte mantenha informado.

As emissoras radiofônicas, segundo Celso Unzelte, inovam com a apresentação de programas que antecedem, percorrem o intervalo e terminam a transmissão esportiva (em especial nas partidas de futebol) como uma distinção em comparação com a televisão aberta. (UNZELTE, 2009).

Ferraretto (2014) afirma que nas transmissões esportivas o veículo de comunicação retrata o evento esportivo de acordo com o interesse do ouvinte, compreendendo “[...] a cidade, do estado ou país em que está sediada a rádio.” (FERRARETTO, 2014, p. 215).

Além das partidas de futebol ao vivo, o rádio transmite programas que priorizam a cobertura dos principais clubes (São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Santos), com a participação dos repórteres que informam os acontecimentos que movimentam as equipes, entrevista com as personalidades esportivas e análise da rodada. (SOARES, 1994).

As emissoras radiofônicas utilizam o nome dos jornalistas de destaque para atrair o mercado publicitário e fidelizar o público que acompanha o noticiário ou transmissão esportiva. (SOARES, 1994).

Atualmente, o cenário do rádio esportivo brasileiro compreende “[...] equipes cada vez mais enxutas [...]” (UNZELTE, 2009, p. 132). Com a retração do mercado jornalístico, o indivíduo que possui como característica um conhecimento avançado na área esportiva, de acordo com Celso Unzelte, com nomes, acontecimentos, históricos marcantes e particularidades do esporte que pode “[...] facilitar um bocado a sua vida em todos os processos da prática jornalística. Quem a domina tem a confortável sensação de ir sempre pelo atalho, chegando a algumas soluções práticas antes dos outros.” (UNZELTE, 2009, p. 09).

De início, o jornalista deve buscar a oportunidade em emissoras de menor porte, como as do interior, que proporcionam a primeira convivência com o universo esportivo e assim há a possibilidade de ascensão no cenário profissional. (UNZELTE, 2009).

Osmar Santos, um dos maiores locutores esportivos brasileiros, é um exemplo de profissional que percorreu o interior do estado de São Paulo, trabalhando com a locução esportiva e conquistou espaço na rádio Panamericana (Jovem Pan) com a utilização de recursos sonoros e vinhetas e uma participação maior dos repórteres de campo e menor dos comentaristas. (BARBOSA, 2011). Outro diferencial do profissional era o uso de jargões que imortalizaram o locutor.

Após sete anos de trabalho na rádio Panamericana, em 1977, Osmar Santos foi a principal contratação da rádio Globo, que passava por uma transformação. Na ocasião, ele ganhou carta branca para contratar os profissionais e definir os programas que faziam parte da nova grade de programação da emissora. (BARBOSA, 2011).

Os efeitos sonoros e vinhetas, utilizados no tempo da Panamericana, foram mantidos na nova emissora. Em 1987, o profissional mudou-se para a Record e, logo após, em 1992, voltou para a rádio Globo. (BARBOSA, 2011).

Contudo, a carreira do profissional sofreu um abalo com um acidente ocorrido em 1994, que fez com que encerrasse a sua carreira de forma precoce. (BARBOSA, 2011).

Tal como ocorre com grandes profissionais do radiojornalismo esportivo, no início, um profissional exercerá funções que possuem menor destaque, como a busca pela “[...] ficha técnica e o *scout* (levantamento dos passes, desarmes, chutes a gol e outras estatística durante uma partida).” (UNZELTE, 2009, p.135).

Porém, o jornalista esportivo deve buscar as oportunidades que satisfaçam os seus objetivos, como a realização da matéria de capa, no impresso ou de grandes reportagens no rádio e até na cobertura de grandes eventos, como a Copa do Mundo e Olimpíadas. (UNZELTE, 2009).

Nas duas últimas décadas, a de se considerar que a internet ampliou a maneira de atuação do profissional de rádio, inclusive na cobertura esportiva, pois envolve uma lógica ampliada de oferta e associa-se a outros formatos midiáticos.

Segundo Lígia Maria Trigo de Souza, as rádios na internet possuem três tipos, que são: rádio *offline*, *online* e NetRadios. As rádios *offlines* são emissoras

que existem fisicamente, distribuem o conteúdo no dial e para o ambiente virtual oferecem “[...] vinhetas, trechos de programas, músicas, etc.” (SOUZA, 2002, p. 94).

Já a rádio online compreende a emissora que disponibiliza e distribui o conteúdo pelo dial (físico) e pela internet (virtual). As NetRadios são as rádios que surgem exclusivamente para o ambiente web. (SOUZA, 2002).

Luiz Arthur Ferraretto, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, classifica as emissoras radiofônicas em:

[...] *rádio de antena ou hertziano*, correspondendo às formas tradicionais de transmissão por ondas eletromagnéticas; e *rádio on-line*, que engloba todas as emissoras operando via internet, independentemente de possuírem contrapartes de antena ou hertzianas, além de produtores independentes de conteúdo disponibilizado também via rede mundial de computadores; *web rádio*, para emissoras que disponibilizam suas transmissões exclusivamente na internet; e práticas como o podcasting, uma forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos – os podcasts, nesse caso específico de áudio com linguagem radiofônica. (KISCHINHEVSKY, 2011, p. 11 apud FERRARETTO, 2014, p. 19, grifo do autor).

Após a realização da abordagem sobre radiojornalismo, no próximo capítulo, a temática será a Paralimpíada, tema deste trabalho, com ênfase para as modalidades, participação brasileira, conquistas, aparecimento de atletas de alto rendimento e progressiva evolução na participação brasileira nas competições.

4. ESPORTES PARALÍMPICOS

O primeiro evento paralímpico foi realizado entre 18 e 25 de setembro de 1960. Naquela ocasião, as modalidades esportivas disputadas foram “[...] atletismo (lançamento de disco, pentatlo e arremesso de peso), basquete, esgrima natação, tênis de mesa, tiro com arco, tiro com dardo e snooker.” (SESI, 2013, p. 16).

Ao longo das edições, foram incluídas novas modalidades e também houve a abertura para a participação feminina nas competições.

Já nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, a equipe brasileira esteve presente em 18 modalidades diferentes com quarenta e quatro conquistas e atingiu a sétima colocação no quadro geral de medalhas. (SESI, 2013).

E no programa paralímpico nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, esteve presente nas 22 modalidades diferentes, que são descritas a seguir a fim de indicar a dimensão desse evento esportivo, bem como o envolvimento de atletas e dirigentes. Nessa edição dos jogos, 286 atletas brasileiros participaram em todas as modalidades paralímpicas. (MOURA; SIQUEIRA, 2016).

4.1 ATLETISMO

Desde 1960, o atletismo está presente no cenário paralímpico. Ciro Winckler cita a diferença entre o atletismo olímpico e paralímpico:

A principal diferença entre o atletismo olímpico e paralímpico é que o segundo possibilita um sistema de divisão dos atletas através da classificação funcional, o que possibilita ao atleta competir com outros que tenham a mesma funcionalidade de movimento em equidade de condições. (WINCKLER, 2012, p. 65).

Para a correta classificação funcional do atleta, ele (atleta) é submetido ao exame, que analisa a “[...] realização de movimentos, feita por meio de testes de força muscular, coordenação e teste funcional.” (SESI, 2013, p.33).

As provas são organizadas e seguem as normas da Federação Internacional de Atletismo, que exigem modificações, tais como: utilização de próteses pelos competidores, cadeiras adaptadas e guias, com o intuito de promover o alto desempenho dos atletas. (SESI, 2013).

Em 1972, aconteceram as primeiras participações brasileiras com sete atletas e nenhuma conquista.

As primeiras conquistas no atletismo aconteceram nos Jogos Paralímpicos de Stoke Mandeville e Nova York em 1984, onde a delegação brasileira contou com 27 atletas que conquistaram seis medalhas de ouro, 12 de prata e três de bronze, totalizando 21 medalhas. (WINCKLER, 2012).

Nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, o atletismo brasileiro conquistou 18 medalhas, sendo sete de ouro, oito de prata e três de bronze. (SESI, 2013).

Na última edição dos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, o atletismo conquistou 33 medalhas, sendo considerada a melhor participação da modalidade em todas as edições dos jogos. (QUADRO..., 2016).

Os recordistas na modalidade são: Adria Rocha dos Santos, com 12 conquistas, dos quais quatro de ouro, oito de prata e uma de bronze, no período de 1988 a 2008. Já no masculino o destaque é de Luiz Claudio Pereira, com seis medalhas de ouro e três de prata, nos Jogos Paralímpicos de Seul, em 1988, Barcelona, em 1992, e Atlanta, em 1996. (WINCKLER, 2012).

4.2 BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS

O basquete em cadeira de rodas é uma modalidade presente em todas as edições dos Jogos Paralímpicos. Em 1958, começou a ser praticada em solo brasileiro por inúmeras pessoas e por Sergio Del Grande, que fundou, em 28 de Julho de 1958, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. (ALVES; MARQUES, 2012).

Nos Jogos Paralímpicos de 1968, realizado em Tel-Aviv, capital de Israel, houve a participação das mulheres na modalidade paradesportiva. (SESI, 2013).

A quadra paralímpica possui o mesmo tamanho da quadra olímpica com 28 metros de comprimento e 25 de largura. (ALVES; MARQUES, 2012).

O basquete em cadeira de rodas (BCR) possui poucas mudanças nas regras em relação ao basquete convencional, tais como:

- a) A classificação funcional que compreende os índices de 0,1 até 4.5, onde a equipe é composta por cinco atletas e não pode ultrapassar a soma de 14 pontos;
- b) As duas rodas traseiras não podem ser erguidas do solo;

- c) Evitar se erguer no assento da cadeira;
- d) É considerada penalidade a ação do atleta que eleva a cadeira sem que uma das mãos esteja no aro da cadeira;
- e) Os joelhos devem ser mantidos parados, sem o movimento com o intuito de reequilibrar-se;
- f) É proibido segurar a bola nos joelhos ou coxas;

De acordo o Marco Antonio Ferreira Alves e Rui David Marques, o termo andada no basquete convencional corresponde no BCR a:

[...] Um jogador não pode dar mais do que dois impulsos em sua cadeira de rodas sem driblar a roda. Mas, a partir do momento em que o jogador faz o dribble, ele pode repetir esta sequência quantas vezes quiser. No entanto, essa sequência fica restrita aos oito segundos para sair da quadra de defesa ou aos vinte e quatro segundos que uma equipe tem de posse de bola para atacar. (ALVES; MARQUES, 2012, p. 77).

A primeira participação da seleção masculina de basquete em cadeira de rodas aconteceu nos Jogos Paralímpicos de Seul, em 1988. Já a delegação feminina participou pela primeira vez nos Jogos em 1996. (ALVES; MARQUES, 2012).

O melhor resultado da seleção masculina foi a quinta colocação na edição do Rio de Janeiro em 2016, com a vitória sobre a seleção australiana por 70 a 69. (LEME, 2016).

Nessa mesma edição, a seleção feminina conquistou o sétimo lugar ao derrotar a França por 57 a 39. (BRASIL..., [2016?]).

4.3 BOCHA

A modalidade bocha está presente desde 1984, nos Jogos Paralímpicos Stoke Mandeville e Nova York. Também foi a atividade esportiva, no caso denominada como Laws Bowls - disputa semelhante à bocha praticada no gramado -, que proporcionou a primeira conquista brasileira, com Robson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos da Costa. (SESI, 2013).

No início, as competições eram individuais, em 1996, passaram a ser disputadas em duplas, a partir de 2004, foram incluídos atletas que apresentem “[...]”

deficiência de origem não cerebral.” (CAMPEÃO; VIEIRA, 2012, p.83) e na competição por equipes.

A partida de bocha consiste na disputa pelo cara ou coroa entre os competidores; aquele que ganhar decide entre as bolas vermelhas ou azuis que deseja competir. Quem escolher a cor vermelha inicia a partida com o lançamento da bolim, bola central de cor branca, e da bola vermelha e azuis intercaladas. Ao final dos lançamentos, à(s) bola(s) azul(is) ou vermelha(s) que estiver(em) mais próxima do bolim, serão concedidos os pontos para a equipe. É declarado vencedor aquele que somar mais pontos, caso a partida termine empatada, o desempate acontecerá pelo tie-break. (CAMPEÃO; VIEIRA, 2012).

A duração da partida de bocha paralímpica consiste na disputa de quatro parciais ou *ends* nas categorias individuais e duplas, entretanto, a competição sobe para seis parciais ou *ends*, nas disputas em trios. (SESI, 2013).

Outro detalhe que permeia a partida de bocha é a quantidade de bolas azuis e vermelhas lançadas em cada *end*, como salienta SESI: nas “[...] partidas individuais [...] o competidor deve lançar seis bolas. Nos jogos em duplas [...] cada participante deve jogar três bolas. Nos duelos por trios [...] duas bolas por atleta [...]” (SESI, 2013, p.36).

No Brasil, a modalidade esteve presente nas Paralímpicas de Pequim em 2008 e Atenas em 2012, onde conquistou o total de sete medalhas, sendo cinco de ouro e duas de bronze. (SESI, 2013).

Na edição brasileira, a bocha conquistou duas medalhas, ouro e prata por equipes. (BRASIL..., [2016?]).

Os competidores brasileiros que se destacam na modalidade são: Dirceu Pinto, com duas medalhas de ouro, e Eliseu Santos, com duas de ouro e duas de bronze. (SESI, 2013).

4.4 CICLISMO

A partir de 1984, nos Jogos Paralímpicos de Nova York e Stoke Mandeville, o ciclismo foi inserido no cenário paralímpico. Ao longo das edições, novas categorias foram acrescentadas, como salientam Claudio Civatti e Sesi, tais como:

- a) Em 1984 foram sete provas de estradas disputadas pelos atletas com deficiência cerebral;

- b) Em 1988, a mesma quantidade de provas foi disputada, porém com a inclusão dos atletas amputados;
- c) Na edição seguinte, nos Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992, foram nove provas no total, com a disputa da modalidade contra o relógio e a participação de atletas que apresentavam problemas visuais. Nessa edição dos Jogos, o Brasil se fez presente com o paratleta Rivaldo Gonçalves;
- d) Nos Jogos Paralímpicos de Atlanta, em 1996, houve a integração das provas em pistas com a participação de competidores com paralisia cerebral, deficiência visual, amputados e demais carências cerebrais, físicas e psicológicas.

Sesi explica o formato e como acontece a disputa no ciclismo paralímpico:

As bicicletas podem ser convencionais ou triciclos para portadores de paralisia cerebral. O ciclista cego compete em bicicleta dupla, chamada de 'tandem', com um guia no banco da frente indicando a direção. Para os cadeirantes, a bicicleta é movimentada com as mãos [...]. (SESI, 2013, p. 39).

O Brasil não conquistou nenhuma medalha paralímpica na modalidade, mas percebe-se um aumento na quantidade de praticantes, atletas participantes e, conseqüentemente, a melhora no nível de competição a cada edição. (CIVATTI, 2012).

Já na edição brasileira, Lauro Chaman conquistou duas medalhas: uma prata e um bronze. Também houve a primeira participação feminina brasileira nessa edição dos jogos com Jady Malavazzi e Márcia Fanhani. (BRASIL..., [2016?]).

4.5 ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS

Participam da modalidade esgrima em cadeira de rodas atletas que apresentam deficiência no movimento dos membros inferiores. As dimensões da quadra para a disputa compreendem quatro metros de comprimento por um metro e meio de largura, com a fixação das cadeiras dos competidores. (SESI, 2013).

Os equipamentos para o confronto são os mesmos utilizados na competição habitual, composta por espada, florete e sabre, cada qual com as proteções compatíveis ao equipamento utilizado.

Edilson Duarte e Valber Lázaro Nazareth explicam o processo de pontuação:

O florete e a espada são armas de estocada; os toques válidos ocorrem somente com a ponta da lâmina. No florete, a área de jogo é limitada ao tronco, excluindo-se os braços e a cabeça, já na espada é válido em todos os membros superiores. O sabre é a única arma que toca de lado (corte, contra-corte) e de ponta, sendo que a região válida compreende todo o tronco superior. (DUARTE, NAZARETH, 2012, p. 110).

As vestimentas dos atletas possuem sensores que indicam e sinalizam quando o oponente toca o ponto correto e marca a pontuação durante a disputa. Quando as luzes de cores verde ou vermelha acendem, sinalizam o ponto, mas quando a luz branca é acionada, o toque não possui pontuação. (SESI, 2013).

Andréa de Mello foi precursora na disputa da modalidade no Brasil, porém a única medalha conquistada por brasileiro foi de Jovane Guissone, nas Paralímpias de Londres, em 2012. (DUARTE; NAZARETH, 2012; SESI, 2013).

A esgrima em cadeira de rodas não conquistou nenhuma medalha na edição dos Jogos realizada no Rio de Janeiro, em 2016. (BRASIL..., [2016?]).

4.6 FUTEBOL DE CINCO

O futebol de cinco está no programa paralímpico desde 2004, e o quinteto brasileiro conquistou a medalha dourada em todas as edições dos jogos. Porém, relatos históricos de 1950 registram as primeiras partidas realizadas no Instituto Padre Chico, em São Paulo. (SESI, 2013).

As regras do futsal convencional (não cegos) são usadas para o cenário paralímpico, com adaptações que visam a conferir dinamismo à disputa.

A quadra de futebol de cinco possui a medida de 18 até 22 metros de largura por 38 a 42 metros de comprimento, mesmo tamanho da quadra de futsal. Nas laterais são instaladas barras que medem um metro e percorrem toda a extensão da quadra. (FREIRE; MORATO, 2012).

A partida de futebol possui a participação de duas equipes com cinco atletas cada, sendo quatro cegos de cada lado, onde todos devem usar vendas para estarem em condições normais de disputa; os goleiros são os únicos a quem é facultado o comprometimento na visão. No caso da visão normal dos goleiros, os arqueiros não podem ter disputado nenhuma competição organizada pela FIFA nos últimos cinco anos. (SESI, 2013).

A bola utilizada no jogo possui guizos que emitem sons para facilitar a localização pelos atletas. Atrás dos gols ficam pessoas que orientam e posicionam o ataque da equipe; nas laterais, fica o técnico, que orienta e o goleiro faz os ajustes na defesa da seleção. (FREIRE; MORATO, 2012).

A partida possui dois tempos de 25 minutos de duração com intervalo de dez minutos entre eles; e cada delegação pode utilizar o pedido de um tempo técnico.

A seleção brasileira de futebol de cinco, campeã em Londres, foi composta pelos atletas: Fábio Vasconcelos, Emerson de Carvalho, Gledson Barros, Cássio dos Reis, Marcos Felipe, Jeferson Gonçalves, Raimundo Mendes, Severino da Silva, Ricardo Alves e Daniel da Silva. (SESI, 2013).

De acordo com Elaine Ortiz, repórter da revista ISTOÉ 2016, publicação voltada exclusivamente para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, mas que abrange o universo paralímpico, os requisitos necessários para a seleção brasileira de futebol de cinco manter a hegemonia em território brasileiro envolvem a participação de uma clínica intensiva de treinamentos pelos atletas uma vez por mês durante dez dias e participação dos bicampeões Damiano Ramos e Ricardo Alves e os tricampeões Marcos Felipe e Severino da Silva na composição da seleção para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. (ORTIZ, 2016).

Na última edição dos jogos realizados em 2016, a seleção brasileira manteve a hegemonia e conquistou a medalha de ouro. (BRASIL..., [2016?])

4.7 FUTEBOL DE SETE

A modalidade do futebol de sete, diferentemente do item anterior, possibilita a participação de atletas com “[...] paralisia cerebral, além de indivíduos que tenham sequelas de traumatismo crânio-encefálicos ou de acidentes vasculares cerebrais (AVC).” (CRUZ, 2012, p. 126-127).

Está no programa paralímpico desde 1984 e a primeira participação brasileira aconteceu em Barcelona no ano de 1992 com a conquista da sétima colocação. (SESI, 2013).

As equipes participam da partida de futebol com seis atletas de linha e um goleiro; cinco jogadores ficam à disposição para as substituições.

O campo possui a dimensão máxima de 75 metros de comprimento por 55 de largura, podendo atingir dimensões menores com 70 metros por 50 metros, respectivamente. (CRUZ, 2012).

Inicialmente, a duração da partida perdurava 50 minutos divididos em dois tempos com intervalo de 15 minutos, posteriormente, verificou o avanço da modalidade, aumentando para 60 minutos totais.

Alguns detalhes importantes no futebol de sete envolvem a cobrança de lateral com uma das mãos e inexistência do impedimento. (SESI, 2013).

A melhor colocação da seleção brasileira de futebol de sete foi nos Jogos Paralímpicos de Atenas com a medalha de prata, perdendo a final para a Ucrânia pelo placar de 4 a 1. (FUTEBOL..., 2004; SESI, 2013).

Em 2016, a seleção conquistou a medalha de prata e nessa edição marcou a despedida da modalidade, que não estará nos próximos Jogos Paralímpicos, em Tóquio, no ano de 2020. (BRASIL..., [2016?]).

4.8 GOALBALL

De acordo com Almeida e Morato (2012), a definição de *goalball* compreende a “[...] um esporte paralímpico criado especificamente para pessoas com deficiência visual – pessoas cegas e com baixa visão.” (ALMEIDA; MORATO, 2012, p. 131).

A modalidade esportiva esteve presente no ambiente paralímpico, como evento de exibição, em 1972; em 1976, foi incluído na disputa paralímpica na categoria masculina e em Nova York e Stoke Mandeville, em 1984, as mulheres começaram a participar da modalidade. (ALMEIDA; MORATO, 2012).

A quadra possui o tamanho de 18 metros de comprimento por nove de largura, dimensões iguais às de uma quadra de vôlei. (SESI, 2013).

Para a disputa são necessários três jogadores de cada lado, vendados e o objetivo é arremessar a bola em direção ao gol adversário. A bola possui um guizo que facilita a localização pelos atletas que estão na disputa da partida. O jogo possui a duração de 20 minutos, divididos em dois tempos de dez minutos cada um. (SESI, 2013).

Em solo brasileiro, a modalidade possui duas vertentes que são aceitas para o surgimento da prática; a primeira foi por intermédio de Steven Dubner, em 1985, que trouxe a prática para os brasileiros, e a segunda opção compreende o início da

atividade esportiva, após o Mundial de 1986, realizado na Holanda. (ALMEIDA; MORATO, 2012).

Nos Jogos Paralímpicos de Pequim, a delegação brasileira conquistou a medalha de prata. (SESI, 2013).

Na edição dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, a seleção masculina conquistou a medalha de prata e a equipe feminina ficou na quarta colocação. (BRASIL..., [2016?]).

4.9 HALTEROFILISMO

O halterofilismo começou a ser disputado nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, de 1964. Apenas em Sidney, no ano de 2000, as mulheres iniciaram a disputa por medalhas. (FERREIRA JUNIOR, 2012). De início, apenas atletas com problemas na coluna medular podiam participar do evento.

Durante a disputa os atletas permanecem:

[...] deitados em um banco e fazem um movimento chamado supino. A prova começa no momento em que a barra de apoio é retirada, com ou sem a ajuda do auxiliar centra, de modo que o braço fique totalmente estendido. O atleta flexiona o braço descendo a barra até a altura do peito. Depois, levanta até a posição inicial, finalizando o movimento. (SESI, 2013, p. 43).

Posteriormente, foram inclusos portadores de sequelas nos membros inferiores (amputados ou não) e atletas que apresentam paralisia cerebral.

O halterofilismo segue os parâmetros do Comitê Paralímpico Internacional e existe a divisão dos atletas de acordo com o peso da categoria.

A primeira participação brasileira aconteceu em 1996, com a conquista da décima primeira colocação. Na edição de Atenas, Alexander Whitaker conquistou a quarta posição e em 2008, em Pequim, Josilene Alves e Maria Luzineide ficaram na quinta posição. (FERREIRA JUNIOR, 2012).

Nos Jogos do Rio de Janeiro, Evanio da Silva marcou o seu nome na modalidade e conquistou a medalha de prata levantando 210 quilos na categoria 88 quilos. (BRASIL..., [2016?]).

4.10 HIPISMO

O hipismo começou a ser praticado em 1984 como evento exibição, porém, em 1996, nos Jogos de Atlanta foi incluso no programa paralímpico. (ALMEIDA; DO CARMO; RODRIGUEZ, 2012).

O adestramento é a única categoria em que atletas do sexo masculino e feminino sem distinção de deficiência podem participar das competições paralímpicas. (SESI, 2013).

No cenário brasileiro, a prática da modalidade surgiu em 2002. Dois anos após, o cavaleiro Marcos Fernandes Alves (Joca) representou o Brasil pela primeira vez nos Jogos Paralímpicos de 2004, conquistando a nona colocação. (ALMEIDA; DO CARMO; RODRIGUEZ, 2012).

Na edição seguinte dos Jogos Paralímpicos, Joca conquistou duas medalhas de bronze.

Em 2016, o cavaleiro Sergio Oliva conquistou duas medalhas de bronze nas categorias adestramento e estilo livre. (BRASIL..., [2016?]).

4.11 JUDÔ

Em 1984, nos Jogos Paralímpicos de Nova York, o judô começou a fazer parte do contexto de disputas.

As regras são as mesmas utilizadas no esporte tradicional, apenas com adaptações como: a colocação da pegada entre os combatentes pelo árbitro, não há a penalidade caso o atleta saia da área de combate e a sinalização verbal da validação do ponto pelo atleta. (SESI, 2013).

A primeira delegação de judocas brasileiros paralímpicos foi registrada em 1988. Na primeira participação, os judocas Jaime Oliveira, Júlio Silva e Leonel Cunha Moraes Filho conquistaram as medalhas de bronze nas categorias até 60 quilos, até 65 quilos e acima de 95 quilos, respectivamente.

Antonio Tenório da Silva é o paratleta de destaque na modalidade, sendo tetracampeão nas edições de Atlanta em 1996, Sidney em 2000, Atenas 2004 e Pequim 2008. Em Londres, o judoca conquistou a medalha de bronze. (ALMEIDA; CERQUEIRA; GOMES, 2012; SESI, 2013).

No Rio de Janeiro, a delegação brasileira conquistou quatro medalhas prateadas. O veterano paratleta Antonio Tenório marcou história ao conquistar a sexta medalha em competições paralímpicas. (BRASIL..., [2016?]).

4.12 NATAÇÃO

Desde 1960, a natação se faz presente no contexto paralímpico.

Nas três edições daquela década (de 1960 a 1968) apenas atletas com problemas medulares participavam das competições esportivas. A partir dos Jogos Paralímpicos de Heidelberg, na Alemanha, em 1972, atletas com problemas visuais (cegos ou com baixa visão) passaram a participaram do evento paralímpico. Nesta edição, houve a primeira participação brasileira. (ABRANTES, 2012).

As regras para a natação seguem o regimento do Comitê Paralímpico Internacional e colaboração do Comitê Técnico de Natação, sendo oferecidas para os deficientes físicos, mentais e psicológicos. (ABRANTES, 2012; SESI, 2013).

Conforme a necessidade especial, os atletas recebem o auxílio de atletas assistentes, tais como: o nadador pode sair de dentro da água, caso não consiga manter-se equilibrado ou o atleta cego pode ser orientado por meio de um bastão de espuma quando se aproxima da borda da piscina. (SESI, 2013).

A natação paralímpica brasileira possui notório destaque no cenário dos Jogos Paralímpicos, com destaque para os atletas: Daniel Dias, com oito medalhas de ouro, quatro de bronze e uma de prata; André Brasil, com sete de ouro e três de prata, e Clodoaldo Silva, com seis de ouro, cinco de prata e duas de bronze conquistadas até Londres no ano de 2012. (ABRANTES, 2012; SESI, 2013).

Em 2016, a natação paralímpica conquistou 19 medalhas, sendo quatro ouros, sete pratas e oito bronzes. Essa edição também foi marcada pela despedida de Clodoaldo Silva das piscinas. (BRASIL..., [2016?]).

4.13 TÊNIS EM CADEIRA DE RODAS

O tênis em cadeira de rodas está presente no programa de esportes paralímpicos desde 1988 (evento exibição) e em 1992 com a disputa pelos atletas.

As competições podem ser disputadas por homens e mulheres. (SESI, 2013).

No Brasil, o precursor da modalidade paralímpica foi José Carlos Morais, que em 1985 fazia parte da seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas e conheceu Randy Snow, paratleta campeão em três modalidades, entre elas o tênis em cadeira de roda.

José Carlos Morais abraçou a ideia e começou a difundi-la no Brasil. No começo, encontrou muita resistência do professor, que não acreditava na possibilidade da disputa com a cadeira de rodas e por não possuir os equipamentos necessários. (CAVALCANTE, 2012).

Morais, então, convidou Celso Lima, antigo companheiro no basquete adaptado, para formar duplas e divulgar a prática da modalidade. Como não possuíam equipamentos adequados, os dois foram até os Estados Unidos e adquiriram a cadeira correta e disputaram as primeiras partidas com êxito para José Carlos Morais, que conquistou o torneio norte-americano.

Encantado com a estrutura, equipamentos e administração, José Carlos Morais continuou com a divulgação da prática da modalidade paralímpica pelos brasileiros. (CAVALCANTE, 2012).

A primeira aparição brasileira no cenário paralímpico foi, em 1996, em Atlanta, representada pelos atletas José Carlos Morais e Francisco Reis.

Na edição seguinte, a seleção brasileira não teve nenhum representante e em 2004 contou com dois, mas sem nenhuma medalha conquistada.

Em 2016, na edição brasileira, oito atletas participaram das competições, mas não conquistaram nenhuma medalha. (BRASIL..., [2016?]).

4.14 TÊNIS DE MESA

O tênis de mesa faz parte do contexto paralímpico desde os Jogos Paralímpicos de 1960. Homens e mulheres disputam a modalidade esportiva paralímpica em disputas individuais, duplas e equipes. (SESI, 2013).

A prática da modalidade paralímpica em solo brasileiro aconteceu na década de 1970, pela Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE).

A partir dos Jogos Parapan-americanos do Rio de Janeiro, organizado pela ANDE e realizado em 1977, houve a necessidade da criação de mais associações e entidades que auxiliaram na difusão do esporte paralímpico. (NAKASHIMA, 2012).

A partida compreende a disputa de cinco sets entre os atletas, vencendo o confronto aquele que atingir 11 pontos primeiro, caso o set esteja empatado por dez a dez. Conquista a vitória aquele que conseguir dois pontos de diferença. (SESI, 2013).

Quando o atleta atinge cinco pontos, eles trocam de lado na quadra. (NAKASHIMA, 2012).

Celso Toshimi Nakashima, técnico da seleção brasileira paralímpica, define a diferença do saque nas regras, olímpica e paralímpica, sendo:

Para os mesatenistas paralímpicos andantes, as regras são idênticas aos olímpicos, com exceção do saque: no caso de alguns atletas com o braço livre amputado ou com alguma deficiência que não lhes permite estender totalmente a palma da mão, é permitido que esses atletas executem o saque com a própria mão do jogo. No caso dos mesatenistas cadeirantes, o saque deve ser executado de modo que a bola sempre ultrapasse a linha de fundo da mesa adversária. (NAKASHIMA, 2012, p. 190).

A delegação brasileira se fez presente nos Jogos Paralímpicos de Atlanta, em 1996, contando com a participação dos atletas Luiz Algacir Vergílio da Silva, Francisco Eugênio Sales e Maria Luiz Pereira Passos. (NAKASHIMA, 2012).

Porém, o atleta que se destacou na modalidade foi o próprio Luiz Algacir Vergílio da Silva, que conquistou a medalha de prata nos Jogos Paralímpicos de Beijing, em 2008. A carreira do atleta foi interrompida após diagnóstico de câncer. Silva morreu aos 36 anos de idade.

Nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, os paratletas brasileiros conquistaram quatro medalhas, sendo uma de prata e três de bronze. (BRASIL..., [2016?]).

4.15 TIRO ESPORTIVO

O Tiro Esportivo paralímpico surgiu com uma adaptação da modalidade olímpica, com a participação de indivíduos que apresentam problemas de locomoção. As competições acontecem com os atletas sentados ou em pé. O alvo é separado em dez circunferências, cada uma com uma pontuação que varia de 0,1 a 0,9 pontos.

A modalidade esportiva está no quadro de esporte desde 1976, nos Jogos Paralímpicos de Toronto, onde a disputa restringia-se apenas aos homens. (SESI, 2013).

A classificação compreende três grupos, que segundo Ciro Wincker e Tatiana Jacusiel Miranda:

- a) SH1: atiradores que utilizam pistola e carabinas, sem apoio para o tiro;
- b) SH2: atiradores que utilizam carabina e precisam de apoio para a realização do movimento de atiro;
- c) SH3: atiradores que usam a carabina, porém apresentam problemas visuais.

A primeira e a segunda classes são habilitadas para as competições paralímpicas.

A primeira delegação brasileira da modalidade ocorreu nos Jogos de 1976, com os atiradores: Robson Almeida, Manoel Alves, Jorge Ney e José F. da Penna.

Depois da participação brasileira, o tiro brasileiro ficou sem representante por setes edições seguidas da competição paralímpica, voltando a ser em 2008, em Beijing, por Carlos Garletti. (MIRANDA; WINCKLER, 2012).

Nos jogos paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016, a delegação brasileira contou com quatro atletas, que não conquistaram medalha, sendo a melhor colocação o 13º lugar da atiradora Debora da Silva Rodrigues Campos. (BRASIL..., [2016?]).

4.16 VÔLEI SENTADO

O Vôlei Sentado começou a ser disputado em competições mundiais a partir de 1993. Entretanto, faz-se presente no cenário paralímpico desde 1980, com a participação de sete delegações.

Em solo tupiniquim, a modalidade iniciou as atividades em 2002, com a promoção da competição entre três seleções distintas. (MEDEIROS; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2012).

Os atletas com deficiências cerebrais, lesões medulares e demais problemas locomotores são habilitados para a disputa paralímpica.

A quadra possui a dimensão de dez por seis metros, para o indivíduo do sexo masculino, a rede está a um metro e quinze centímetros do chão e para as mulheres está a um metro e cinco centímetros. A partida contém cinco sets; vence cada set a

equipe que atingir a pontuação de 25 pontos; em caso de empate, o vencedor sairá quando conseguir dois pontos de diferença. (SESI, 2013).

A seleção brasileira participou dos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, pela primeira vez da modalidade e não conquistou nenhuma medalha. (MEDEIROS; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2012).

Na última edição dos jogos, realizados no Rio de Janeiro em 2016, o vôlei sentado feminino conquistou a medalha de bronze, derrotando a seleção ucraniana por três sets a zero na disputa pelo terceiro lugar. Já a seleção masculina ficou com a quarta posição ao perder para a seleção do Egito por três sets a dois. (BRASIL..., [2016?]).

4.17 REMO

O remo é a modalidade esportiva que está no programa de competições desde os Jogos Paralímpicos de Pequim, em 2008. Para a entrada da modalidade no programa de esporte paralímpico foi necessária a realização de dois mundiais da modalidade adaptada com a participação de 24 delegações, eventos registrados em 2002 e 2004. (NORONHA; MUTCHNICK, 2012; SESI, 2013).

Porém, em território brasileiro, a prática surgiu desde a década de 80, com o Remo Adaptado, projeto que contou com a parceria da Confederação Brasileira de Remo (CBR) e a Superintendência de Desportos do Rio de Janeiro (SUDERJ), atendendo “[...] as pessoas com deficiência física, paralisia cerebral, deficiência intelectual e também deficiência auditiva.” (NORONHA; MUTCHNICK, 2012, p. 222).

O equipamento possui adaptações gerais que acomodam de forma segura os competidores e não aspectos específicos que envolvem a necessidade individual de cada atleta.

Na prova paralímpica, o atleta deve percorrer a distância de 1.000 metros e atingir a primeira colocação, independente da classificação funcional que o participante ocupa. (NORONHA; MUTCHNICK, 2012).

Na primeira participação na modalidade em Pequim, no ano de 2008, a delegação brasileira conquistou a medalha de bronze com Elton Santana e Josiane Lima, nas duplas mistas. (SESI, 2013).

Na edição brasileira dos jogos realizada em 2016, o remo brasileiro não conquistou nenhuma medalha. (BRASIL..., [2016?]).

4.18 VELA

A vela paralímpica faz parte do cenário esportivo desde 1992. De início, serviu apenas para a difusão da modalidade paralímpica. Em 1996, continuou como evento exibição, sem direito a medalha pelos velejadores. Porém, em 2000, foi incorporada ao programa de esportes com a disputa de medalhas. (CHIARELLO; VALTENTIM, 2012).

As embarcações compreendem três tipos descritos por Sesi como: 2.4mR para apenas um competidor, a Sonar para até três velejadores e a SKUD-18 em duplas mistas. (SESI, 2013).

No Brasil, a modalidade surgiu em 1999, através do Projeto Água-Viva. Após três anos, a Federação Brasileira de Vela e Motor (FBVM) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) proporcionaram a aquisição do primeiro barco 2.4mR para o treino dos velejadores paralímpicos. (CHIARELLO; VALENTIM, 2012).

A FBVM criou a Coordenação de Vela Adaptada (CVA), que administra a vela paralímpica brasileira, além de difundir a modalidade para o território brasileiro. (SESI, 2013).

A primeira participação brasileira aconteceu somente em 2008, nos Jogos Paralímpicos de Pequim, com modesta participação dos velejadores brasileiros.

A partir do mesmo ano foi criada a POLI 19, embarcação brasileira desenvolvida pela Engenharia Naval da Universidade de São Paulo. (CHIARELLO; VALTENTIM, 2012).

Os paratletas brasileiros não conquistaram medalhas na última edição dos jogos paralímpicos realizados no Rio de Janeiro, em 2016. A melhor colocação foi com a dupla formada por Marinalva de Almeida e Bruno Landgraf das Neves, que conquistou a oitava colocação na competição paralímpica. (BRASIL..., [2016?]).

4.19 RUGBY EM CADEIRA DE RODAS

O Rugby em Cadeira de Rodas está no ambiente paralímpico desde 1996, nos Jogos de Atlanta, com a disputa reservada apenas para os homens. Na edição seguinte, as mulheres entraram na disputa por medalhas na modalidade paralímpica. (SESI, 2013).

A prática chegou ao território brasileiro no ano de 2005, com a disputa dos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados – Tributo à paz. Houve a criação de duas equipes, a Rio Quadrugby Clube e Guerreiros da Inclusão, agremiações do Rio de Janeiro. (CAMPANHA; CAMPOS; GORLA, 2012).

Após a realização do evento esportivo, a modalidade paralímpica ficou esquecida. Em 2008, foi criada a Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC) com o intuito de divulgação do esporte para os brasileiros.

A modalidade paralímpica utiliza a quadra basquete com as medidas de 15 metros de largura por 28 de comprimento para a prática, com a participação de oito atletas no total, sendo quatro de cada lado. (SESI, 2013).

O período de duração das partidas é de oito minutos, divididos em quatro tempos de dois minutos cada, com intervalos menores de dois minutos (entre primeiro e segundo períodos e terceiro e quarto períodos) e paralisações maiores de cinco minutos (entre o segundo e terceiro períodos). Em qualquer paralisação da bola, marcação do gol ou saída, o cronômetro é paralisado. (CAMPANHA; CAMPOS; GORLA, 2012).

A seleção brasileira não participou em nenhuma das edições dos Jogos Paralímpicos até Londres. A estreia aconteceu nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, mas a equipe brasileira não conquistou medalha na competição. (BRASIL..., [2016?]).

4.20 TRIATLO

O triatlo foi anunciado pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) como uma das novidades dentro das 22 modalidades dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, sendo uma das novidades no programa de modalidades oferecidas nos Jogos. (PARATRIATHLON..., 2016; TRIATLO..., 2015).

As provas são compostas por 750 metros de natação, 20 quilômetros de ciclismo e cinco quilômetros de corrida. Podem participar da modalidade atletas amputados, deficientes visuais (cego) e esportivas que tenham sofrido a perda da sensibilidade nos membros inferiores (cadeirantes). (TRIATLO..., 2015).

Na etapa do ciclismo, o atleta pode utilizar a handycle (bicicleta alavancada pelas mãos) para percorrer a distância necessária. Na corrida, o competidor pode usar a cadeira de rodas para realização da etapa do triatlo paralímpico.

A classificação funcional qualifica o atleta conforme a necessidade especial do competidor com a deficiência visual e locomotora.

Nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, a delegação brasileira, formada por dois atletas: Ana Raquel Montenegro Batista Lins e Fernando Aranha Rocha, não conquistou nenhuma medalha e terminou as provas nas décima primeira e sétima colocação, respectivamente. (BRASIL..., [2016?]).

4.21 CANOAGEM

Junto com a triatlon, a canoagem se fez presente como uma das novidades dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.

Segundo Sesi, a modalidade paralímpica pode ser disputada por “[...] atletas portadores de deficiência física, auditiva, visual e mental.” (SESI, 2013, p. 53).

Os equipamentos que mantêm o atleta na água (canoas havaianas e caiaques) são adaptados conforme a necessidade especial do competidor. Na prova paralímpica, a disputa é com atletas do sexo masculino e feminino nas categorias individuais e mistas. (CANOAGEM..., 2015).

A classificação compreende as classes: (a) LTA, que os competidores utilizam os membros superiores (braços) e inferiores (tronco e pernas) para a realização do movimento; (b) TA, que o atleta usa os braços e pernas na remada; e (c) A, que o esportista utiliza apenas os braços para a realização do movimento.

Na edição dos Jogos no Rio de Janeiro em 2016, Caio Ribeiro de Carvalho conquistou o bronze na categoria velocidade KL3 masculino. (QUADRO..., 2016)

4.22 TIRO COM ARCO

O Tiro com Arco está presente desde o início das disputas paralímpicas de Roma, em 1960. Participam da competição homens e mulheres, que adquiriram a tetraplegia, amputação, paralisia cerebral e limitada mobilidade. (SESI, 2013).

Podem ser disputas nas categorias individuais e equipes (com a participação de três pessoas) com o objetivo de atingir o alvo que está a 70 metros de distância. (HAENSELL, 2012). O alvo é subdividido em dez círculos com pontuação de varia desde um até dez pontos.

O Tiro com Arco era administrado pelo Comitê Paralímpico Internacional, porém coube, a partir de 2007, à Federação Internacional de Tiro com Arco coordenar as competições Paralímpicas e Olímpicas. (HAENSELL, 2012).

A prática da atividade em solo brasileiro surgiu em 2002, com o paratleta Paulo Emílio Pereira Silva, arqueiro que possuía os requisitos necessários para participar das competições nacionais e internacionais.

Christian Michael Ali Haensell, técnico da Seleção de Tiro com Arco Paralímpico, explica a classificação funcional dos atletas para as competições internacionais, que compreendem:

- a) Tiro com Arco em Pé: também chamada de ARST, em que o competidor que apresenta limitações nos membros inferiores e escolhe o modo de desenvolvimento do movimento (apoiado em pé ou sentado na cadeira de roda);
- b) Tiro com Arco em Cadeira de Roda 1 (ARW1): categoria que o competidor tem limitações nos braços, nenhuma ação dos membros inferiores e tronco;
- c) Tiro com Arco em Cadeira de Roda 2 (ARW2): o arqueiro apresenta limitação dos membros inferiores, restrição de equilíbrio do tronco e braços ilimitados para a movimentação do arco. (HAENSELL, 2012).

A delegação brasileira do Tiro com Arco participou com oito atletas em 2016, que não conseguiram conquistar nenhuma medalha na modalidade paralímpica. (BRASIL..., [2016?]).

Nas 22 modalidades presentes no contexto paralímpico e que contaram com a participação brasileira destacam-se o atletismo, responsável por 33 medalhas; seguida pela natação, com 19; tênis de mesa e judô, com quatro conquistas cada. Além delas, quatro modalidades conquistaram medalhas inéditas pela primeira vez: ciclismo de estrada; halterofilismo; vôlei sentado feminino e canoagem, modalidade estreante no cenário de disputas. (QUADRO..., 2016).

No capítulo posterior, será desenvolvida a pesquisa, com a seleção do corpus de análise formado por emissoras radiofônicas a partir de seleção do material compreendida aos dias 15/08/2016; 16/08/2016 e 22/08/2016, a fim de se avaliar as hipóteses levantadas.

5. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

As etapas anteriores compreendidas pelos capítulos dois, três e quatro sintetizam o conteúdo bibliográfico apurado como parte da metodologia deste Trabalho de Conclusão de Curso. A pesquisa bibliográfica pode ser definida como “[...] o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto [...]” (STUMPF, 2006, p. 51).

O processo contribuiu para que, após a leitura de obras didáticas (impressas ou não), fossem selecionados autores e livros que contemplassem as temáticas abordadas, que são: jornalismo especializado e surgimento da abordagem esportiva em comparação com as demais editorias que possuíam maior divulgação de conteúdo.

Após a finalização do jornalismo especializado, o próximo passo envolveu a abordagem sobre o radiojornalismo esportivo, com destaque para o esporte de maior interesse nacional (futebol), mas sem esquecer os esportes paralímpicos. O tema, que norteia este Trabalho Final de Conclusão de Curso, foi apresentado por meio de explicação sobre as modalidades que foram disputadas nos Jogos Paralímpicos, do Rio de Janeiro em 2016, no quarto capítulo.

Para o prosseguimento do conteúdo teórico, foi necessária a busca de programas radiofônicos para a seleção do corpus que faria parte da análise. O período da análise contemplou as datas de 15/08/2016, 16/08/2016 e 22/08/2016.

Para verificar as hipóteses levantadas, relativas à abordagem radiofônica sobre os esportes paralímpicos, foi necessário o uso da técnica da pesquisa quantitativa descritiva, cujos tipos se referem à abordagem, à natureza e aos objetivos.

Com relação à abordagem, a pesquisa compreende a dois tipos: a qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa pode ser entendida como aquela que “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão do grupo social, de uma organização, etc.” (GOLDENBERG, 1997, p. 34 apud CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p.31).

Já a pesquisa quantitativa em comparação com a qualitativa pode ser compreendida como:

[...] os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. (FONSECA, 2002, p.20 apud CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p.33).

A pesquisa quantitativa se encaixa melhor no perfil e no processo de desenvolvimento desta pesquisa, com a finalidade de agrupar e sistematizar os resultados obtidos, que compreende na abordagem radiofônica sobre o universo paralímpico, tema do Trabalho Final de Conclusão de Curso. O objetivo era que, no processo da pesquisa quantitativa, fosse identificada a presença do conteúdo paralímpico.

Referente à natureza, a pesquisa pode ser classificada em dois tipos: básica e aplicada, com diferentes objetivos. A pesquisa básica tem como objetivo “[...] gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p.34).

A finalidade da pesquisa aplicada é “[...] gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p.35).

A pesquisa aplicada deve obedecer a critérios justificáveis. No caso deste trabalho, o critério de escolha de corpus a ser composto por emissoras de rádio teve como crivo identificar aquelas que oferecessem um buscador e conteúdo em áudio disponibilizado na web, a partir dos quatro tipos de emissoras encontradas no Brasil: rádios comerciais, comunitárias, educativas e institucionais.

As rádios comerciais, segundo o Ministério das Comunicações, atuam no segmento de:

(a) serviço de radiodifusão de sons em ondas médias (OM); (b) serviço de radiodifusão de sons em ondas curtas (OC); (c) serviço de radiodifusão de sons em ondas tropicais (OT); (d) serviço de radiodifusão de sons em frequência modulada (FM); (e) serviço de radiodifusão de sons e imagens (TV). (RADIOFUSÃO..., 2012).

Já as rádios comunitárias são definidas como serviço:

[...] de radiodifusão de sons, em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts), que dá condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. (RADIODIFUSÃO A..., 2014).

As rádios educativas são “[...] com fins exclusivamente educativos, seja de rádio ou de TV, é voltada à transmissão de programas exclusivamente educativo-culturais, não podendo ter caráter comercial nem fins lucrativos.” (RADIODIFUSÃO B..., 2014).

Por fim, as rádios institucionais caracterizam-se por serem:

[...] herdeiras da tradição do rádio educativo, sistema estratégico utilizado pelo Estado brasileiro para transmitir e difundir conteúdos instrucionais à população a partir da década de 1930. Entre as iniciativas pioneiras, destaca-se a criação da Rádio-Escola Municipal, cujas transmissões iniciaram em seis de janeiro de 1934 no Rio de Janeiro. Outra experiência marcante foi à criação da Rádio MEC, em 1936, como instituição fundante do Serviço de Radiodifusão Educativa (SER). (PIMENTEL, 2004, apud BARROS; BERNARDES; MACEDO, 2012, p. 02).

Ao mesmo tempo, a rádio institucional possui outra função, que é de manter um laço de comunicação entre os poderes públicos e a população, sem a interferência dos demais tipos de emissoras. (BARROS; BERNARDES; MACEDO, 2012).

De acordo com dados do Ministério das Comunicações, operam no Brasil 9.152 emissoras, distribuídas em: 2.162 emissoras do tipo FM Comercial; 448 do tipo FM Educativa; 1.682 AM Comercial; 134 Ondas Tropicais (OT) – Ondas Curtas (OC); 4.726 como Rádios Comunitárias. (DADOS..., 2014).

Os dados, com o número de emissoras radiofônicas, são mostrados na Tabela 1:

Tabela 1 – Emissoras radiofônicas - Dezembro/2015

RÁDIO*	
FM Comercial	2.162
FM Educativa	448
AM Comercial	1.682
OT e OC	134
Rádio Comunitária	4.726
Total	9.152

* Emissoras com autorização provisória de funcionamento ou licença
Elaborado pelo Ministério das Comunicações (DADOS..., 2014) - adaptado pelo autor.

A pesquisa quantitativa referente aos objetivos está compreendida em três tipos, que são: exploratória, descritiva e explicativa.

A pesquisa exploratória é aquela que oferece mais dados sobre a temática, de forma a proporcionar uma maior familiaridade do pesquisador com o estudo. (FREITAS; PRODANOV, 2013).

O outro tipo é a pesquisa explicativa, que compreende a busca pela solução dos por quês dos questionamentos e hipóteses levantadas por intermédio dos registros, da observação, especificação e compreensão do evento. (FREITAS; PRODANOV, 2013).

A pesquisa descritiva, como remete a palavra, compreende o registro e a narração dos acontecimentos sem interferência do pesquisador. Utilizando-se um sistema padronizado de coleta de dados, por meio de questionários e da observação sistemática. (FREITAS; PRODANOV, 2013).

A observação sistemática diz respeito à quantidade, frequência de termos e assuntos relacionados às modalidades paralímpicas abordadas pelas emissoras radiofônicas.

Quanto ao objetivo, esta pesquisa tem natureza descritiva amparada no método de observação sistemática. Para realizar essa observação, primeiro, foram utilizados critérios para delimitar o corpus de pesquisa, levando-se em conta itens como: disponibilidade de busca e oportunidade de audição do conteúdo encontrado no site de cada tipo de emissora disponível no cenário atual, no caso as rádios comerciais, comunitárias, educativas e institucionais, de forma a levantar e compreender os conteúdos encontrados, sem que haja interferência do pesquisador.

5.1 CORPUS DE ANÁLISE

De posse dos critérios de seleção, chegou-se, então, a quatro emissoras: Jovem Pan AM (comercial), Rádio MEC (educativa), Rádio Senado (institucional) e Rádio Valinhos FM (comunitária), que são descritas a seguir.

5.1.1 Rádio Jovem Pan AM

A Rádio Jovem Pan AM, emissora comercial que atende aos critérios citados no início do capítulo, surgiu em 3 de Maio de 1944 com o nome de Rádio Panamericana S.A. Em novembro do mesmo ano, foi adquirida por Paulo Machado

de Carvalho e passou a figurar no Grupo das Emissoras Unidas. (SOBRE..., [2015?]).

O marco da emissora ocorreu em 1945, com mudança do projeto de atuação, antigamente transmitia as radionovelas, passou a voltar as suas atenções para o esporte, com o slogan “A emissora dos Esportes”.

Em 1965, a rádio Panamericana passou a ser chamada de Jovem Pan. No ano seguinte, sob o comando de Antonio Augusto Amaral de Carvalho (Tuta), inovou com programas musicais com renomados artistas da música popular brasileira. (SOBRE..., [2015?]).

A rádio Jovem Pan criou na década de 70 os programas jornalísticos, com destaque para "Equipe Sete e Trinta", o "Jornal de Integração Nacional" e o "Jornal da Manhã". Este último permanece atualmente na programação da emissora e é considerado referência de jornalismo de rádio.

Em 1973, Antonio Augusto Amaral de Carvalho passou a ser o único proprietário da emissora. Vinte anos depois, a rádio deu início ao projeto Jovem Pan-SAT, inaugurado em 1994, que transmitia sinal de áudio para diversas regiões brasileiras. (SOBRE..., [2015?]).

A emissora tornou-se referência na prestação de serviço à população, com repórteres nas principais capitais brasileiras e correspondentes internacionais que levam a qualidade informativa com rapidez, agilidade e a construir o conhecimento sobre os fatos. (SOBRE..., [2015?]).

Na área esportiva, a emissora dedicou espaço para a transmissão das corridas da Fórmula 1 e atualmente faz a transmissão das partidas de futebol dos times paulistas (São Paulo, Santos, Palmeiras e Corinthians) com a participação dos principais jornalistas esportivos, como: Luiz Carlos Quartarollo, Nilson César e Claudio Carsughi. (SOBRE..., [2015?]).

A programação da emissora de segunda a sexta-feira contempla programas com a promoção da notícia e do esporte, com alguns programas que merecem destaque, como: o Jornal da Manhã; Pan News, presente em todos os dias na programação da emissora; Morning Show; Jornal de Esportes; Esporte em Discussão. Nos finais de semana, a programação da rádio dedica espaço para o esporte, com a transmissão dos jogos dos times paulistas através da jornada esportiva e fim de jogo e programas esportivos, tais como: Jovem Pan no Mundo da Bola e Domingo Esporte. O conteúdo noticioso possui espaço nos finais de semana

com programas como a Hora do Agronegócio e Plantão de Domingo. (PROGRAMAÇÃO..., 2016).

A fim de classificar a segmentação em que se encontra a emissora Jovem Pan, cabe recorrer às contribuições do professor Luiz Artur Ferraretto, que classifica o segmento das emissoras em seis tipos mais frequentes, que são: jornalístico, popular, musical, comunitário, cultural e religioso.

O primeiro tipo, o segmento jornalístico, como destaca Ferraretto (2014), compreende programação voltada para o jornalismo, com a cobertura esportiva, seja ela a locução do evento esportivo ou apenas as notícias sobre o universo esportivo. No ambiente físico, faz-se presente a figura dos âncoras, sendo os profissionais responsáveis por coordenar o programa jornalístico.

Ferraretto destaca o segmento popular, segundo tipo de segmento, como sendo aquele que:

[...] com práticas próximas do populismo – o comunicador que se coloca como um representante do povo ou uma espécie de defensor de suas causas -, apresenta programação baseada na simulação de uma conversa coloquial com o ouvinte, em *hits* musicais, nas informações relacionadas á vida pessoal de celebridades, na constante prestação de serviços e na exploração do noticiário policial. (FERRARETTO, 2014, p. 50).

O terceiro tipo de segmento, o musical, como o nome remete, compreende a transmissão de conteúdo musical, dividido em quatro tipos: (a) musical adulto: com audição por indivíduos com idade superior a 25 anos e das faixas sociais A e B; (b) musical jovem: possui audiência por pessoas entre 15 a 25 anos, com destaque para as músicas do momento e o interlocutor conduz a programação com humor e muita agitação, mecanismos utilizados para estabelecer uma identificação com o receptor; (c) musical gospel: como o nome remete consiste na transmissão de louvores e conteúdo de cunho religioso, principalmente ligado as igrejas evangélicas; (d) musical popular: com abrangência pelo público das faixas B e C, com músicas fáceis que agradam o público, com predominância do gênero do sertanejo, pagode e romântico. (FERRARETTO, 2014).

O quarto tipo é o comunitário, segmento que atinge as rádios comunitárias, com a programação voltada para a região de audiência da emissora radiofônica comunitária, com o propósito da “[...] formação da cidadania, o desenvolvimento da autoestima e a resolução de problemas da comunidade: do bairro ou do grupo de

bairros, na zona urbana, ou mesmo de um assentamento agropastoril na área rural.” (FERRARETTO, 2014, p. 52).

O quinto tipo de segmento, o cultural, possui o intuito de educar e a programação promove a formação do receptor. (FERRARETTO, 2014). Ainda de acordo com o autor, o sexto e último tipo de segmento é o religioso, que compreende a operar em serviço para as correntes religiosas, com a promoção de cultos, exorcismos e pregações.

Dos seis tipos de segmentos radiofônicos apresentados por Ferraretto, o jornalístico é o que se encaixa na programação da rádio Jovem Pan AM, pois a emissora traz para o público as principais notícias do Brasil e do Mundo, possui renomados âncoras, tais como: Reinaldo Azevedo, Patrick Santos e Victor LaRegina, que comandam “Os pontos nos is”, programa que comenta os principais acontecimentos políticos. (JOVEM..., [2016?]). Edgard Piccoli, Paula Carvalho, Claudio Tognolli e Helen Braun, que apresentam o “Morning Show”, programa que apresenta as notícias de forma mais sutil, além de entrevistas exclusivas. (CONTEÚDO..., [2016?]). No aspecto esportivo, há a cobertura dos jogos de futebol dos principais times da capital, citado no início do subcapítulo, além do programa Jornal de Esportes, que retrata o noticiário do dia com as principais notícias esportivas, com a participação de Marcio Spimpolo, Nilson César, Mauro Betting e Wanderley Nogueira. (JOVEM..., [2015?]).

5.1.2 Rádio MEC

A rádio MEC foi a primeira emissora brasileira radiofônica, criada por Roquette Pinto, em 1923, com o nome de Rádio Sociedade. A rádio faz parte da cadeia de rádios administradas pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa que iniciou as atividades em 2007 e possui o intuito de fortalecer a comunicação pública brasileira.

Desde o início, a programação da rádio MEC (rádio Sociedade) se destaca com a divulgação da:

A música clássica foi o carro chefe da programação da Rádio MEC desde a sua fundação. Era certamente parte integrante do perfil educativo e cultural que Roquette-Pinto quis imprimir à emissora ao transferi-la para o Ministério da Educação e Cultura. Esse perfil consolidou-se ao longo dos anos, atingindo a plenitude na gestão fecunda de Fernando Tude de Souza e

René Cavé, quando se tornou uma espécie de BBC brasileira, onde a programação ao vivo, ou em gravações, contemplava, além da música clássica, a literatura, o radioteatro, o ensino de idiomas e diversas disciplinas pelo Colégio do Ar, a poesia, até mesmo a educação física, com os programas matinais de rádio-ginástica. A programação tinha, ela própria, um caráter educativo, de formação e informação do público radiouvinte. Além do repertório predominante, que ia do barroco ao impressionismo, havia – como ainda hoje – programas específicos destinados a divulgar a música pré-clássica – medieval, renascentista – e a música contemporânea. (KRIEGER, 2007, p. 115-116 apud MOREIRA, 2015, p 03-04).

Em 2013, surgiram rumores sobre o possível fechamento da Rádio MEC, que foram desmentidos pelo então presidente da EBC, Eduardo Castro. Por meio da sua coluna no jornal O Dia e portal de internet IG, Castro afirmou que a mudança compreendia somente a transferência dos equipamentos e acervos do antigo prédio para as instalações da EBC, com a finalidade de reforma do antigo prédio. (EDUARDO..., 2013).

A rádio MEC possui subdivisões, que compreendem:

- a) Rádio MEC FM: Cerca de 90% programação destina-se às músicas clássicas ou de concertos, trazendo ao ar para o público, grandes artistas brasileiros e internacionais. (SOBRE A..., [2016?]). O programa Ópera Completa é considerado o programa de música clássica mais antigo do rádio brasileiro, transmitido desde 1953. (ÓPERA..., [2016?]). Além das músicas eruditas, a rádio MEC FM Rio abrange jazz, choro, bossa nova, música de cinema, instrumental e produções de vanguardas.

Alguns programas merecem destaque, como: Clássicos na Madrugada, com músicas de grandes artistas de concerto; Manhã MEC FM, com repertório musical que contempla as músicas de concerto e informações cotidianas e o programa Clássicos do Ouvinte, em que o ouvinte escolhe as músicas por e-mail ou internet e carta. (CLÁSSICOS..., [2016?]).

- b) Rádio MEC AM Rio de Janeiro: Diferentemente da emissora FM, a emissora AM é considerada modelo de educação, arte e cultura, com a promoção dos tradicionais programas de auditórios e a veiculação da Música Popular Brasileira (MPB). (SOBRE B..., [2016?]).

Além disso, destacam-se alguns programas, tais como: o Repórter Nacional, programa jornalístico transmitido de segunda a sexta-feira, ao meio-dia; o Repórter Rio, programa que veicula as principais notícias da região do Rio de Janeiro, com a ênfase para política, economia, cultura, prestação de serviço,

transportes, previsão do tempo e defesa do consumidor. O programa vai ao ar durante a semana em duas edições, das 6h às 7 horas e das 7h30min às 8 horas, e, por fim, Mestre da MPB, apresentado por Jaime Alem, sexta-feira, às 17 horas, e aos sábados, às 16 horas. O programa promove homenagem a artistas da música popular brasileira, com a informação sobre artistas (vida e obra) e repertório musical, por meio de entrevistas, depoimentos, lançamentos de discos e shows. (PROGRAMAS..., [2016?]).

Para o prosseguimento da pesquisa descritiva e seleção do corpus de análise, a rádio que faz parte desse processo é a Rádio MEC AM, por ser a pioneira na transmissão radiofônica brasileira e também por preservar os princípios desde a fundação.

De acordo com os segmentos apresentados por Luiz Artur Ferraretto e que foram apresentados no final do subcapítulo 5.1.1, o que mais se encaixa no perfil da Rádio MEC AM compreende o segmento Musical, especificamente o musical adulto, abrangendo a faixa etária superior aos 25 anos e que apresenta programação ampla que vai desde o erudito a música popular brasileira (MPB).

Nos dias de semana, de segunda à sexta-feira, a Rádio MEC AM apresenta 80 minutos de programação jornalística com os três programas: (a) Repórter Nacional, que apresenta as principais notícias do Brasil e do mundo (REPÓRTER A..., [2016?]); (b) Repórter Rio, que veicula as notícias regionais e aborda política, economia, cultura, prestação de serviço, transportes, meteorologia e defesa do consumidor. (REPÓRTER B..., [2016?]); (c) Voz do Brasil, que apresenta as notícias dos Poderes Judiciário, Legislativo e Executivo. Os três programas atingem 5,5% da grade de programação da emissora, sendo preenchido o restante com programas musicais. No sábado, a percentagem cai para 1,38% da programação, com a veiculação do programa Stadium, que apresenta novidades no contexto olímpico e paralímpico. (STADIUM..., [2016?]). No domingo, a programação é composta por programas musicais.

5.1.3 Rádio Senado

A Rádio Senado foi criada em 29 de Janeiro de 1997, durante a presidência do senador José Sarney. A emissora surgiu com a prioridade de transmitir ao vivo as sessões plenárias, comissões parlamentares do Senado Federal e do Congresso

Nacional. Além das transmissões ao vivo, a emissora realiza a produção do Jornal do Senado, que integra a Voz do Brasil, boletins telefônicos utilizados para as demais rádios e, também, o serviço de som do Senado que recebe o nome de Dim-Dom, responsável pela transmissão sonora do conteúdo ao vivo das atividades políticas dos senadores, avisos e músicas. (RÁDIO A..., 2016).

Com uma programação diversificada, além da transmissão das atividades dos parlamentares, promove a produção de programas jornalísticos, de entrevistas, notas, flashes dos repórteres direto dos locais, com a explicação das propostas e leis para os ouvintes. Entre os intervalos, há a veiculação de reportagens especiais e programação musical, com a finalidade de promover a cultura brasileira e a transmissão de programas didáticos que aproximam o receptor dos acontecimentos cotidianos dos políticos, como o Entenda o Senado. (RÁDIO A..., 2016).

A rádio Senado transmitiu por 12 anos a programação por meio das Ondas Curtas (OC) com a finalidade de atingir as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com a promoção da informação para a prestação de serviços, além das informações políticas para os indivíduos daquela localidade. (RÁDIO A..., 2016).

Inicialmente, a rádio transmitia a programação apenas para o Distrito Federal e municípios vizinhos. Posteriormente, a rádio chegou a Natal (RN), Cuiabá (MT), Fortaleza (CE), Rio Branco (AC), Teresina (PI), Manaus (AM), João Pessoa (PB), Macapá (AP), São Luís (MA), resultando em dez capitais. (RÁDIO A..., 2016).

A emissora também pode ser ouvida pela Internet, através do endereço eletrônico <http://www12.senado.leg.br/radio/canal>, e também por rádios conveniadas, que retransmitem o conteúdo na sua grade de programação. (RÁDIO A..., 2016).

Entre os programas que fazem parte da grade de programação da rádio Senado estão: Cena do Samba, com a apresentação dos sambas clássicos de carnaval; Pautas Femininas, programa que defende os direitos das mulheres; Senado Notícias, com notícias sobre o ambiente político; e Som Temporâneo, programa que abre espaço para novos artistas divulgarem a suas músicas. (RÁDIO B..., 2016).

Além das transmissões em tempo real das sessões do Plenário e do Congresso Nacional, a Rádio Senado apresenta conteúdo jornalístico com o programa Conexão Senado, um jornal radiofônico diário com notícias do Senado Federal e acontecimentos sobre a política mundial, que vai ao ar de segunda à

sexta-feira, das 7h às 9 horas da manhã, produzido por Anderson Jaime Mendanha; Kelem Sumye; Pedro Costa e Lima; Isaura Oliveira e Wellington Araújo e apresentado por Adriano Faria e Jeziel Carvalho. (CONEXÃO..., 2016).

No ano de 2002, a emissora radiofônica criou a “[...] Rádio Agência, que oferece todo o conteúdo da veiculado pela Rádio Senado FM em seu site. Os arquivos estão disponíveis para download gratuito, em formato MP3.” (BARROS; BERNARDES; CARLOS; LARCHER; LEMOS; PAZ, 2007, p. 09).

Com relação aos tipos de segmento apresentados por Luiz Artur Ferraretto no subcapítulo 5.1.1, o que mais se encaixa no perfil da emissora corresponde ao segmento cultural, pois transmite para os ouvintes os acontecimentos políticos nacionais e internacionais, com o intuito de produzir um conhecimento e uma educação política, informando os procedimentos políticos.

Além do segmento cultural, a programação da Rádio Senado, de segunda à quinta-feira, possui cinco horas e trinta e dois minutos dedicados ao conteúdo jornalístico, com veiculação de acontecimentos que abordam o poder político brasileiro, que corresponde a 23,05% de material jornalístico; na sexta-feira o percentual aumenta para 27,08%, com seis horas e trinta minutos de programação jornalística; o restante da programação é preenchido com conteúdo musical, transmissão das sessões do plenário federal e comissões parlamentares.

Nos finais de semana, a programação possui cinco horas de conteúdo jornalístico, representando 20,83% da grade total da emissora, com o preenchimento do restante com conteúdo musical e informativo.

5.1.4 Rádio Valinhos Comunitária FM

A rádio Valinhos Comunitária FM surgiu oficialmente no dia 09 de outubro de 2002, opera na frequência modulada 105,9 e pode ser acessada pelo endereço eletrônico www.valinhosfm.com.br e ouvida 24 horas por dia.

A emissora possui ampla e variada programação que mescla conteúdo musical com os principais programas, tais como: Alvorada Sertaneja e Entardecer na Fazenda, apresentado por Edson Cabral, e Máquina do Tempo, por José Carlos Garcia, de segunda à sexta-feira. (SEGUNDA..., [2016?]). O conteúdo jornalístico é representado pelos programas Jornal Bom Dia, apresentado por Fernando D’Ávilla, a e Revista da Manhã, por Roseli Bernardo, com as principais notícias do Brasil, da

região de Valinhos e do mundo, além de entrevista com diversas personalidades da região.

Utilizando os critérios estabelecidos por Luiz Artur Ferraretto exposto no final do subcapítulo 5.1.1, o segmento da emissora é o comunitário, com o propósito na contribuição para a formação da cidadania, da autoestima pelo receptor e resolução das adversidades.

5.2 OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA DE CONTEÚDO

Realizada a apresentação de cada emissora, passa-se agora à observação sistemática do conteúdo por elas veiculado. Para tanto, foram utilizadas as palavras-chave: parolimpíadas, acessibilidade e deficiente, escolhidas por terem relação direta com o propósito deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A primeira palavra (parolimpíadas) remete ao universo esportivo que os atletas de alto rendimento com limitação disputam determinada modalidade esportiva.

A segunda palavra (acessibilidade) compreende

[...] um atributo essencial do ambiente que garante a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Deve estar presente nos espaços, no meio físico, no transporte, na informação e comunicação, inclusive nos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como em outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na cidade como no campo. (ACESSIBILIDADE..., 2016).

A terceira palavra (deficiente) corresponde à designação, ao nome que a pessoa com alguma limitação carrega.

Em contrapartida, a palavra Olimpíadas será inserida ao processo de busca no site de cada emissora radiofônica para equiparar-se ao termo Parolimpíadas, de forma a ressaltar a possível diferença na quantidade de menções e resultados apresentados entre as palavras.

As buscas foram realizadas nos dias 16, 22 e 23 de Agosto de 2016. Os endereços de acesso utilizados foram os sites de busca das rádios: Jovem Pan, no endereço eletrônico <http://www.jovempan.uol.com.br/busca/>; EBC (Empresa Brasil de Comunicação S.A), que hospeda o site da Rádio MEC AM no endereço eletrônico http://busca.ebc.com.br/?site_id=radios. As duas emissoras possibilitam a atribuição de critérios de busca que facilitam a localização do conteúdo desejado; o site da

Rádio Senado, em <http://www12.senado.leg.br/radio/search>; a rádio comunitária Valinhos FM, no endereço <http://www.valinhosfm.com.br/?s>. As duas últimas não possuem a adição de critérios que facilitam a localização dos áudios. Com relação a esse aspecto, não houve obstáculo à execução da busca.

Inserindo cada uma das quatro palavras-chave no buscador de cada emissora selecionada, aplicando a busca, evidenciou-se a reduzida atenção dedicada ao tema parolimpíadas quando comparada às Olimpíadas, como indicam os resultados apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 – Resultados obtidos no buscador do site das emissoras

	Jovem Pan	Rádio MEC	Rádio Senado	Valinhos FM	Total
Paralimpíadas	01	66	03	00	70
Olimpíadas	128	282	69	10	489
Acessibilidade	06	77	42	18	143
Deficiente	06	274	08	12	300
Totais	141	699	122	40	1002

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a palavra-chave Paralimpíadas, o conteúdo radiofônico encontrado caracteriza-se predominantemente como Programa de Entrevista (Noticiário), tendo como principal característica

[...] a figura do apresentador que conduz as entrevistas, chama repórteres e, quando necessário, emite opiniões. No entanto, a interpelação de protagonistas dos fatos ou de analistas ocupa a maior parte da emissão. (FERRARETTO, 2014, p. 73-74).

Ao encontro da definição, percebe-se claramente a participação dos radialistas na condução das entrevistas com o propósito de expor temas que fogem do cotidiano brasileiro, tais como: história do maratonista paralímpico Tito Sena; história do jogador paralímpico de rugby José Higino; entrevista com Bernardino, técnico da seleção brasileira de vôlei masculino. Outros temas que fogem da temática estudada e que foram encontrados: julgamento do impeachment da presidente Dilma Rousseff; destaque para a atleta Tamires Araújo do handebol.

Entretanto, outros tipos de programas radiofônicos foram encontrados, dentre os quais destaque-se o Radiojornal, espécie de noticiário, que, segundo Ferraretto (2014), conta com apresentação das notícias de diversas maneiras (boletins, comentários, editoriais, seções fixas, etc) para o receptor.

Com a palavra-chave Olimpíadas, o tipo de programa que predominou as buscas foi o informativo especializado, pertencente ao tipo do Noticiário, que pode “adotar a forma de uma síntese noticiosa ou de um radiojornal, diferenciando-se destes pela especificidade dos assuntos tratados. [...] concentra-se em uma área de cobertura determinada.” (FERRARETTO, 2014, p.73).

Os informativos especializados encontrados trataram de temas pertinentes ao cenário paralímpico, com assuntos que abordavam: legado e participação da delegação Brasileira em Londres no ano de 2012, escolha da sede do Rio de Janeiro para receber os Jogos Olímpicos no ano de 2016, as preparações das instalações para receber o evento, criação da CPI das Olimpíadas, preocupação de algumas delegações com o vírus zika. Com relação às modalidades esportivas encontradas percebeu-se uma maior cobertura para aquelas que fogem do tradicional (futebol), como: polo aquático, taekwondo, luta olímpica, natação e salto com vara.

Além do radiojornal e do boletim especializado, outros formatos radiofônicos foram encontrados nas buscas, nos quais se destacam: Programa de Entrevista; de Opinião; Musical; Radiorevista; Radiojornal; Mesa de Opinião (Debate).

Na emissora Valinhos FM, o resultado da pesquisa trouxe temas que pertencem à região de atuação da emissora, disponibilizados no formato de texto para Internet, alguns assuntos destacados são a classificação da corredora Franciela Krasucki para as Olimpíadas do Rio de Janeiro; amistoso entre a equipe local (Renata Valinhos/ Country) e seleção de Camarões e a premiação de 13 alunos nas Olimpíadas de Astronomia e Matemática.

Nos buscadores dos sites das emissoras radiofônicas selecionadas, a palavra-chave Acessibilidade resultou em Programa de Entrevista (Noticiário) como predominante, tendo como principais assuntos: desde a falta de acessibilidade para os portadores de deficiência no Rio de Janeiro até a utilização de aplicativos que facilitam a locomoção desse público.

Com relação à busca no site Valinhos FM, o resultado apresentado na Tabela 2, já apresentada, compreende produtos textuais para ambiente web. As temáticas abordam notícias da cidade de Valinhos, com melhorias em diversas áreas, com destaque: inauguração da filial do Departamento de Trânsito (Detran) com o propósito de garantir acessibilidade e proporcionar a agilidade no atendimento; uso do primeiro táxi adaptado para pessoas com mobilidade reduzida; proposta do

projeto de lei para a criação da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência e a reforma da escola municipal de ensino básico Carlos Vieira Braga.

Os principais resultados para o termo Deficiente nas buscas foi o Programa de Entrevista (Noticiário), com principais assuntos que abordam desde a conversa com personagens que proporcionam esclarecimento sobre direitos garantidos para o público deficiente até as melhorias conquistadas que permitem uma melhor qualidade de vida. Na emissora radiofônica Valinhos FM, os resultados compreendem textos para a web.

Os resultados discorridos ao longo deste capítulo permitem concluir que o estudo sobre a temática paralímpica é pertinente por conta dos reduzidos resultados sobre o tema. Os pontos elencados na Tabela 2 comprovam a necessidade da elaboração e realização do produto radiofônico, visto a pouca disponibilidade de material radiofônico sobre o tema. Percebe-se uma maior cobertura sobre o tema em eventos especiais e que movimentam o universo paralímpico, como os jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro no ano de 2016.

Realizada essa constatação, no próximo capítulo será desenvolvido o produto radiofônico série de reportagens, com a descrição do passo a passo para a execução com aspectos que competem à seleção das pautas, angulação, personagens que se encaixam na abordagem necessária e formato definido.

6 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

O desenvolvimento do produto consistiu na observação e aplicação prática de todos os aspectos levantados nos capítulos anteriores a partir de levantamento do conteúdo bibliográfico com a finalidade de eliminar dúvidas do pesquisador sobre a abordagem do tema paralímpico para o rádio.

Finalizada o aporte teórico, prosseguiu-se para a pesquisa aplicada, cujo objetivo é “[...] gerar conhecimentos para a aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 51). Em relação a este trabalho, a pesquisa aplicada consistiu na construção do produto radiofônico composta por uma série de reportagens sobre o tema paralímpico.

Para a realização do produto radiofônico foram utilizados procedimentos jornalísticos fundamentais para a elaboração de uma série de reportagens, tais como: pauta, entrevistas, decupagem, roteirização, gravação e edição.

Esses processos, que serão retratados posteriormente, devem-se ao fato de o veículo de comunicação, no caso o rádio, estar inserido no processo de construção do produto final, pois possui algumas particularidades, tais como: capacidade auditiva, linguagem radiofônica, tecnologia disponível, fugacidade, tipo de público e formas de escuta.

De acordo com Ferraretto (2014, p. 35), a capacidade auditiva refere-se à “ausência de contato visual leva a uma série de alternativas sonoras para a codificação da mensagem. Resulta daí que a base para a recepção seja o sentido da audição, algo que o profissional de rádio deve ter sempre presente”.

A linguagem radiofônica consistiu no uso da voz humana e elementos sonoros que complementam a construção da mensagem, com o uso de efeitos, silêncio e música. (FERRARETTO, 2014).

A tecnologia disponível diz respeito à criação da tecnologia radiofônica que transmite os sons e elementos sonoros (agregados ou não) por meio das ondas sonoras sem fio.

A palavra fugacidade para o rádio refere-se ao processo de consumo da mensagem radiofônica, em geral imediato e que, com a incorporação da internet, proporciona a possibilidade de audição do conteúdo sonoro ao vivo ou em formato de podcasting. (FERRARETTO, 2014).

Tipo de público refere-se ao tratamento por parte do veículo de comunicação a assuntos que não estão no cotidiano das pessoas. Por exemplo, a veiculação de uma notícia sobre a cotação da bolsa de valores deve trazer aspectos que facilitem a compreensão pelo receptor.

Último aspecto, as formas de escuta compreendem aos modos de audição pelo ouvinte, entendidos de quatro formas distintas: (a) escuta ambiental: o som do rádio atua como fundo musical ou de palavras; (b) escuta em si: compreende a atenção momentânea, paralelo atividade desenvolvida pelo indivíduo; (c) atenção concentrada: consiste na maior atenção do ouvinte, em alguns casos, há um aumento do volume do rádio para que som ultrapasse o som natural do ambiente; (d) escuta por seleção: o receptor escuta e escolhe determinado programa radiofônico.

Portanto, para a execução do produto jornalístico para o rádio com o tema paralímpico, optou-se pela série de reportagens. Segundo Ferraretto (2014), tal formato consiste na adaptação do conteúdo da grande reportagem para o rádio. Durante a verificação do conteúdo disponibilizado pelas emissoras selecionadas como corpus de análise, não foi encontrado nenhuma série de reportagens.

No caso deste trabalho, a série de reportagens sobre os esportes paralímpicos contém cinco episódios. A divisão do trabalho ficou definida da seguinte maneira: dois capítulos executados por este pesquisador e três episódios pelo pesquisador Luís Felipe Zago Carrion, responsável pela outra frente de estudo do trabalho final. A pauta até a edição foi executada de maneira individual pelos estudiosos.

Durante a apuração, para agilizar a captação de sonoras, foi aproveitada entrevistada captada por Luís Felipe Zago Carrion, realizada por telefone, com o diretor técnico do comitê paralímpico brasileiro, Edílson Alves da Rocha. A decisão deveu-se à dificuldade de estabelecer um novo contato telefônico em outro dia e horário compatíveis para este pesquisador e entrevistado.

No próximo subcapítulo, tratamos da descrição das pautas realizadas por este pesquisador.

6.1 PAUTAS

A palavra pauta pode ser definida como uma organização ou parte de seleção dos acontecimentos a serem relatos no telejornal (outros meios de comunicação) ou a serem retratados nas reportagens, com sugestões de uso de técnica; localização das fontes ou locais; angulação de retratação da matéria (LAGE, 2002).

Para Ferraretto, a pauta reflete [...] um breve resumo do assunto; questões as quais a reportagem pretende responder; nomes, cargos, telefones, endereços e outras referências básicas disponíveis da fonte; indicação do que já foi feito (no caso de suítes); quando necessário, a linha editorial da emissora a respeito do assunto em pauta. (FERRARETTO, 2014, p.152).

Isto posto foi realizada reunião de pauta para a série de reportagens com a presença dos pesquisadores Luís Felipe Zago Carrion e Renato Francisco Sônego e a orientadora deste trabalho final, a professora mestre Daniela Pereira Bochembuo. Ficou definido que a série de reportagens sobre esportes paralímpicos seria composta pelas seguintes pautas:

- a) Primeira Pauta: introdução sobre os esportes paralímpicos e o evento esportivo correspondente ao público competidor;
- b) Segunda Pauta: história de vida dos paratletas e obstáculos enfrentados por eles;
- c) Terceira Pauta: fatores que contribuem para o desenvolvimento da prática da modalidade em alto rendimento (auxílio financeiro das confederações ou associações ou patrocínios) e aspectos que compreendem a vida posterior ao encerramento das atividades esportivas dos paratletas;
- d) Quarta Pauta: fatores políticos que abordem o desenvolvimento e aperfeiçoamento do esporte paralímpico;
- e) Quinta Pauta: aspectos midiáticos, como atenção disponibilizada aos esportes paralímpicos.

A seleção das pautas refletiu subtemas que fazem parte do contexto dos esportes paralímpicos e que podem ser explorados pelo jornalismo radiofônico por meio de uma série de reportagens com cinco episódios, de forma a indicar os precedentes, fato e contexto e consequências do assunto, como recomenda Lage (2002).

Com relação ao processo de divisão de tarefas competentes à execução do produto radiofônico composto pela série de reportagens, ficou definido da seguinte maneira: as pautas um, quatro e cinco ficaram a cargo do pesquisador Luis Felipe Zago Carrion e as outras pautas, dois e três, foram desenvolvidas pelo pesquisador Renato Francisco Sônego. A justificativa das pautas designadas para o pesquisador diz respeito a serem temas correlacionados com a busca de fontes que pudessem preencher os requisitos das duas pautas destinadas a este pesquisador.

Todo o processo de produção ficou a cargo de cada pesquisador, respeitando a definição de divisão das pautas elencadas anteriormente.

No próximo subitem, as pautas sob responsabilidade deste pesquisador serão descritas.

6.1.1 Segunda Pauta

Tema: História de vida dos paratletas e obstáculos enfrentados por eles.

Histórico do assunto: Em 1948, Ludwig Guttmann criou os Jogos de Stoke Mandeville para atletas em cadeira de rodas, com disputa do arco e flecha como única modalidade paradesportiva. (SESI, 2013).

Os Jogos Paralímpicos foram realizados no ano de 1960, na cidade de Roma, Itália, porém apenas em 1988, nos Jogos de Seul, na Coreia do Sul, as competições olímpicas foram realizadas na mesma sede do evento paralímpico.

A primeira participação brasileira aconteceu em 1972, nas Paralimpíadas de Munique, contou com a participação de 20 pessoas, sendo todos homens e com nenhuma medalha conquistada pela delegação brasileira. Na edição seguinte, em Montreal, em 1976, foi conquistada a primeira medalha pela delegação brasileira com os paratletas Luís Carlos e Robson Sampaio na modalidade Lawn Bows (atualmente semelhante à prática da bocha). (PIVA, 2016).

Durante a década de 80, houve o surgimento de novos atletas com o aumento de praticantes em solo brasileiro, o que foi fundamental para o desempenho em edições futuras, como as Paralimpíadas de Atenas, em 2004, quando a delegação brasileira contou com 98 paratletas, sendo 76 homens e 22 mulheres, em 13 diferentes modalidades. (ATENAS..., [2004?]).

Na edição seguinte, em Pequim, contou com a participação de 188 paratletas, dos quais 133 eram homens e 55 mulheres em 17 modalidades. (PEQUIM..., [2008?]). No ano de 2012, em Londres, a participação brasileira contou com 185 atletas, sendo 115 homens e 67 mulheres. (LONDRES..., [2012?]).

Na última edição dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, realizado no ano de 2016, a delegação brasileira foi composta por 285 atletas, dos quais 185 eram homens e 100 mulheres, um salto de 93% se comparado à primeira participação, em Munique. (PIVA, 2016).

Histórico de abordagem do assunto na mídia: Os meios digitais, como televisão e Internet, disponibilizam conteúdo sobre a temática, uma delas é a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), que produziu e disponibilizou uma série de reportagens para a televisão, que retratou a história dos competidores paralímpicos: Fernando Rufino, que pratica a canoagem, e dos velocistas Terezinha Guilhermina, Lucas Prado e Yohansson do Nascimento Ferreira (Atletismo), e dos nadadores Clodoaldo Silva e Daniel Dias (Natação). (CAMINHOS..., 2016).

Houve também a retratação por meio de uma matéria para a internet, que contou a história de vida e superação de Jorge Luis Camargo Fonseca, atleta do triatlon paralímpico. (HISTÓRIA..., 2014).

Justificativa: Ao longo do século XX, houve uma melhora significativa na participação brasileira nos Jogos Paralímpicos, no ano de 2004, em Atenas, que ficou na sétima colocação, em Pequim no ano de 2008, passou para a nona colocação e na penúltima edição dos Jogos realizados em Londres, em 2012, a delegação brasileira conquistou a sétima colocação com 21 medalhas, sendo dez de ouro, sete de prata e quatro de bronzes. (SESI, 2013).

Desde 2010, o governo federal investiu cerca de R\$ 67,3 milhões em atividades paradesportivas. Para os próximos Jogos Paralímpicos de Tóquio, em 2020, os recursos para o paradesporto virão via Loteria Esportiva, o percentual destinado que antes era de 0,3% passou para 1,0%. (ESPORTE..., [2016?]).

Isto justifica abordar o tema para o meio radiofônico, tendo em vista o aumento no número de medalhas conquistadas e a melhor colocação no quadro geral ao longo das edições, com a finalidade de aproximar o público ouvinte do tema.

Objetivos: Elaborar uma reportagem radiofônica com duração entre cinco a seis minutos que faça um relato sobre história do atleta paralímpico, com a descrição da rotina de treinamentos e as dificuldades para sobreviver financeiramente (além da relação treino, trabalho e família), com o propósito de despertar o interesse do assunto para o público-receptor.

Angulação: A história de vida dos atletas paralímpicos (um conhecido nacionalmente e outro iniciante/ desconhecido) com destaque para a descoberta da aptidão para a prática da modalidade esportiva, a rotina de treinos, as principais dificuldades e a importância da prática da atividade esportiva.

Fontes de entrevistas:

Verônica Silva Hipolito, paratleta de atletismo, que nasceu no dia 02 de Junho de 1996, tem 20 anos e atua pelo Serviço Nacional da Indústria, Sesi (SP). As principais conquistas são: a medalha de prata nos 100 metros rasos, classe T38, bronze nos 400 metros rasos, também na mesma classe, nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Outras conquistas foram: as medalhas de ouro nos 400, 200 e 100 metros nos Jogos Parapan-Americano, em 2015, em Toronto, no Canadá. Contato: pela rede social no endereço <https://www.facebook.com/veronicasilvahipolito/> e envio do áudio pelo aplicativo Messenger.

Perguntas:

- 1 – Você pratica esportes desde a infância. Você descobriu o esporte paralímpico depois de enfrentar um acidente vascular cerebral. Como foi recomeçar após o ocorrido? Quem foi o grande incentivador para você praticar o atletismo? Por quê?
- 2 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?
- 3 – Quais são os benefícios que a prática da modalidade esportiva (atletismo) trouxe para você?
- 4 – Você considera o esporte de alto rendimento elitista?
- 5 – Como é a sua rotina de treino?
- 6 – A medalha de prata nos 100 metros rasos e de bronze nos 400 metros rasos na categoria T38 conquistadas nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro no ano de

2016 podem ser consideradas as suas maiores conquistas ou existem outras que merecem destaque? Por quê?

7 – Você recebe algum tipo de auxílio da CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro)? Ou há necessidade de buscar patrocínio na iniciativa privada?

8 – Durante a realização dos Jogos Paralímpicos, o povo brasileiro demonstrou uma paixão pelos esportes adaptados. Você espera alguma mudança no cenário paralímpico brasileiro?

Jenyfer Marques Parinos nasceu no dia 22 de fevereiro de 1996, em Santos. Fez parte dos convocados da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, que participou dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, no ano de 2016. Na competição, no Rio, atuou no tênis de mesa individual e por equipe e conquistou a medalha de bronze por equipes, derrotando a equipe australiana.

Contato: via rede social no endereço eletrônico <https://www.facebook.com/jenny.parinos> e envio do áudio pelo aplicativo Messenger.

Perguntas:

1 – Desde 2009, você pratica o tênis de mesa. Quem foi o grande incentivador para praticar a atividade paralímpica?

2 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

3 – Quais são os benefícios que a prática da modalidade esportiva (tênis de mesa) trouxe para você?

4 – Como é conciliar a prática do tênis de mesa paralímpico junto com a vida social? Quais são os pontos positivos e negativos? Conhecer novos lugares, pessoas, ficar longe da família.

5 – Como é a sua rotina de treino? Próximo às competições, os treinos se tornam mais intensos?

6 – Como foi representar o país nos Jogos Paralímpicos e a sensação de conquistar a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos?

7 – A medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro pode ser considerada a sua maior conquista ou outra merece destaque? Por quê?

8 – Você recebe algum auxílio do Comitê Paralímpico Brasileiro?

9 – Durante a realização dos Jogos Paralímpicos, o povo brasileiro demonstrou uma paixão pelos esportes adaptados. Você espera alguma mudança no cenário paralímpico brasileiro?

Daniel Tavares Martins, nascido no dia 12 de Março de 1996, velocista pela AMEI (Associação Mariliense de Esportes Inclusivos) as principais conquistas são: cinco medalhas no INAS Global 2015 (Mundial para pessoas com deficiência intelectual) no Equador, sendo quatro medalhas de ouro e uma de bronze e a medalha de ouro com quebra do recorde mundial com o tempo de 47segundos e 22 milésimos, nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, nos 400 metros categoria T20 (deficiência intelectual).

Contato: via rede social de Levi Carrion no endereço <https://www.facebook.com/levi.carrion>, assessor de comunicação da AMEI, em Marília e envio pelo Messenger.

Perguntas:

1– Você começou praticando outros esportes, como capoeira, futebol e basquete. Quando você descobriu o atletismo e começou a praticar a modalidade?

2 – Como você descobriu a aptidão para a prática da modalidade em alto rendimento e conquistar várias medalhas?

3 – Você é atleta do Amei (Associação Mariliense de Esportes Inclusivos) desde 2013, sendo treinado por Aurélio Guedes e hoje por Luiz Carlos Albieri. Como é a sua rotina de treinos?

4 – Próximo às principais competições, como Mundiais ou Paralimpíadas, o treino é mais intenso?

5 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

6 – A medalha de ouro conquistada nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016 é a sua principal conquista ou existe(m) outra(s) que merecem destaque, como as cinco medalhas, sendo quatro de ouro e uma de bronze, conquistadas no Mundial em 2015? Por quê?

7 – Essas medalhas te ajudam a consolidar a sua carreira, assim que você é como atleta recordista brasileiro e agora essas duas medalhas fizeram você ficar conhecido mundialmente?

8 – O tempo de 47s22 é a sua melhor marca pessoal, com o qual você se tornou 'dono' do recorde mundial na categoria T20. A sua especialidade é os 400 metros ou existe(m) alguma(s) outra (100 metros rasos/ revezamento 4x100 metros rasos/ 400 metros com barreiras) que merece destaque. Por quê?

9 – Quais são os seus objetivos para os jogos Paralímpicos de Tóquio em 2020?

Mauricio Gomes dos Santos, Acupunturista/ Fisioterapeuta formado pela Faculdade Educacional de Fernandópolis, em 2005, membro do Comitê Paralímpico Brasileiro, atuando na natação paralímpica brasileira, com especialidade em Ortopedia, Terapia Manual, Osteopatia Traumatologia (Pré e Pós Operatório).

Contato: via rede social do profissional no endereço <https://www.facebook.com/ft.mauriciogomes.organe> e envio dos áudios pelo Whatsapp.

Perguntas:

1 – Procurando informações sobre a sua formação acadêmica, não encontrei o ano de formação no ensino superior. Quando você se formou pela faculdade Educacional de Fernandópolis?

2 – Quando você descobriu a fisioterapia específica para as pessoas com deficiência?

3 – A fisioterapia aumenta a independência dos deficientes físicos. Além desse aspecto, quais outros podem ser destacados?

4 – Quando surgiu a possibilidade de integrar o quadro de colaboradores do Comitê Paralímpico Brasileiro?

5 – Quais são os principais benefícios da prática da atividade esportiva para as pessoas com deficiência?

6 – Qual a importância da fisioterapia para o esporte paralímpico?

7 – Como é o cenário de mercado para esse tipo de segmento que compreende a fisioterapia para as pessoas com deficiência?

Talita Barbi Hermann, psicóloga com especialização em Terapia Cognitiva Comportamental, pelo Instituto Paranaense de Psicologia Cognitiva e especialização em Neuropsicologia Esportiva pelo Centro Universitário Hermínio da Silveira, em 2011. É membro do Comitê Paralímpico Brasileiro, atuando na bocha paralímpica.

Contato: via rede social da profissional, no endereço eletrônico <https://www.facebook.com/talita.barbihermann> e envio dos áudios pelo Messenger.

Perguntas:

1 – A psicologia do esporte propõe-se a entender como os fatores psicológicos influenciam no desempenho físico. Além desse aspecto, existem outros aspectos que merecem destaque e que beneficiam os atletas? Por quê?

2 – Quando surgiu a oportunidade de ingressar no Comitê Paralímpico Brasileiro?

3 – Qual a importância da psicologia esportiva para o esporte paralímpico de alto rendimento?

4 – Como é o cenário de mercado para a psicologia esportiva? Existem ou faltam profissionais na área? Há uma abertura do mercado para a psicologia esportiva?

Tiago José Frank comandou a seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Formado em Educação Física no ano de 2007 pela Universidade de Caxias do Sul e especialista em Educação Especial com ênfase em Ensino Fundamental, em 2015, pela Faculdade de São Marcos. Possui experiência profissional como técnico de Basquete da APCOBAS/Gigantes; foi técnico da seleção brasileira Sub-21 de basquete em cadeira de rodas; atuou no CIDEF (Centro Integrado das Pessoas com Deficiência de Caxias do Sul) e atualmente exerce a função na Secretaria Municipal do Esporte e Lazer de Caxias do Sul, atuando como coordenador da Seção de Paradesporto e Lazer Inclusivo.

Contato: via rede social do entrevistado no endereço eletrônico <https://www.facebook.com/tiagofrank> e envio dos áudios pelo whatsapp.

Perguntas:

1 – Qual a importância da atividade física, em especial o basquete em cadeira de rodas, para as pessoas com deficiência?

2 – Desde 2009, você desenvolve a atividade com as pessoas com deficiência. Como você descobriu a aptidão para o desenvolvimento da atividade esportiva para esse segmento de público? Houve alguma influência ou fato que marcou você?

3 – Como surgiu o convite para comandar a seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas? E qual a emoção de comandar a seleção nacional tendo a participação do público brasileiro?

4 – Com a transmissão dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, você vislumbra uma mudança no cenário, com uma maior popularização do esporte?

5 – Quais são os principais desafios enfrentados para o desenvolvimento do basquete em cadeira de rodas brasileiro? (Apoio da mídia/ maior participação dos brasileiros).

6 – A quinta colocação conquistada pela Seleção Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas no Rio 2016 é a maior conquista brasileira. Quais são as perspectivas futuras para a modalidade paralímpica?

Raysa Cappelin Costa é formada em Educação Física pelas Faculdades Integradas de Bauru (FIB) no ano de 2015. Inicialmente, desempenhou a função de estagiária na ABDA no ano de 2014 e, atualmente, exerce a função de treinadora paralímpica principal com o grupo de Pessoas com Deficiência (PCD) na mesma instituição.

Contato: Entrevista realizada na sede da ABDA, localizada na Rua Cussy Júnior, em Bauru.

Perguntas:

1 – Como você se identificou e começou a trabalhar com esse público?

2 – Qual a importância da atividade esportiva para as pessoas com deficiência?

3 – A Associação Bauruense de Desportes Aquáticos (ABDA) possui uma estrutura que seguem padrões internacionais, como a Arena ABDA que oferece todo o recurso necessário para o desenvolvimento da atividade física em alto rendimento. Qual é a importância de uma estrutura adequada para a realização dos treinos e o que essa estrutura pode trazer de benefícios aos atletas?

4 – Os Jogos Paralímpicos trouxeram à tona a paixão do brasileiro com os esportes adaptados. Você espera que haja uma mudança no cenário paralímpico brasileiro a partir dos Jogos?

5 – Qual é a importância da abertura das classes (modalidades) para as pessoas com deficiência, no sentido de haver uma maior abertura, uma maior busca dos atletas em participar das atividades, estarem presentes, não só competindo, mas também na socialização? Qual é a importância?

6 – Os nadadores paralímpicos Matheus Ribeiro e Lucas Simões conquistaram as medalhas no Circuito Caixa Paralímpico de Natação, realizado no mês de Março. Esses nadadores são as grandes promessas do ABDA para os próximos eventos esportivos e também Jogos Paralímpicos?

Thiago Pestana da Silva frequenta a Associação de Desportos Aquáticos (ABDA) desde 2010, ano de fundação do Projeto. Exerce a função administrativa na empresa Correios.

Contato: Entrevista realizada nas instalações da ABDA, localizada na Rua Cussy Júnior, em Bauru.

Perguntas:

1 – Como foi começou a praticar a atividade esportiva em alto rendimento, no caso a natação?

2 – Quem ajudou ou foi o grande incentivou a você a começar a praticar a atividade esportiva?

3 – A rotina de treinos é uma prática que visa aumentar o rendimento e trazer bons resultados. Como é a sua rotina de treinos?

4 – Você tem algum acompanhamento de nutricionista que auxilia você na atividade esportiva?

5 – Quais foram as suas principais conquistas e que merecem destaque? Por que delas?

6 – Você tem algum ídolo em que você se espelha? Por quê?

7 – Qual a importância para você da atividade esportiva?

8 – Defina em uma palavra o que significa à atividade esportiva, no caso a natação, para você?

9 – Quando você encerrar a carreira esportiva, o que você pretende fazer?

6.1.2 Terceira Pauta

Tema: Fatores que contribuem para o desenvolvimento da prática da modalidade em alto rendimento, com o auxílio financeiro das confederações, associações ou patrocínios de empresas privadas e fatores que compreendem a vida posterior ao encerramento das atividades esportivas dos paratletas.

Histórico do assunto: Ao longo das últimas edições houve um investimento maior no esporte paralímpico. Nas Paralimpíadas de Pequim, em 2008, o investimento brasileiro foi de R\$ 80 milhões, que proporcionou a conquista da nona colocação no quadro geral de medalhas. (CONDE; MERGUIZO, 2016).

Na edição seguinte, no ano de 2012, em Londres, o investimento foi de R\$ 165 milhões de reais, resultando na sétima colocação no quadro geral de medalhas.

Em 2016, nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, o investimento atingiu a marca de R\$ 375 milhões, provenientes na grande parte de verba federal. (CONDE; MERGUIZO, 2016). Com o suporte financeiro, resultou na quebra no número de medalhas conquistadas em comparação com a edição anterior. Na edição brasileira foram 72 medalhas contra 44 na edição de Londres. (PARALIMPÍADA..., [2016?]).

Histórico de abordagem do assunto na mídia: Através da reportagem especial realizada pela Rádio Câmara, que retratou a história de vida e superação vivida pelo nadador paralímpico Daniel Dias, que contou com o apoio emocional e financeiro dos pais para começar na natação paralímpica. Quando os resultados apareceram, houve uma mudança e os patrocinadores surgiram. (COMO..., 2012).

Quando o paratleta decide encerrar a carreira esportiva, muitos buscam novas oportunidades, como Fabiana Sugimori. A ex-nadadora paralímpica, dona de três medalhas, sendo duas de ouro e uma de bronze, conquistada no ano de 2000, em Sydney, 2004, em Atenas e 2008, em Pequim. (FABIANA..., [2016?]). Após o encerramento, a ex-atleta trabalha na Caixa Econômica Federal. (COMO..., 2012).

O programa Bolsa-A atleta completou 262 atletas, representando 90% dos atletas, que participaram dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. (RIO..., [2016?]).

Justificativa: O esporte paralímpico brasileiro busca investir em tecnologia para superar adversários como Estados Unidos, China e Rússia. Para atingir o alto rendimento, existem parcerias entre as universidades brasileiras, Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e Instituto Nacional de Tecnologia (INT) que proporcionam o surgimento de novos procedimentos e equipamentos a baixo custo. (ESPORTE..., [2015?]).

Isto tem proporcionado o aumento no número de medalhas, em modalidades como atletismo, natação, futebol, canoagem, tênis de mesa e halterofilismo, além da criação de ídolos paralímpicos nacionais.

Quando o paratleta decide encerrar a carreira esportiva, muitos ex-atletas buscam novas oportunidades para manter o sustento pessoal, seja com a apresentação de palestras motivacionais ou dedicação aos projetos sociais, como é o caso do nadador paralímpico Clodoaldo Francisco da Silva Corrêa. (ALEIXO, 2013).

O ex-nadador é dono de 14 medalhas paralímpicas, 19 medalhas em Jogos Parapan-Americanos e nove medalhas em Mundiais. (CLODOALDO..., [2016?]).

O conjunto de fatores justifica a retratação do tema para o ambiente radiofônico, pois aborda o contexto paralímpico brasileiro com a valorização da carreira do paratleta com um panorama sobre o encerramento da vida esportiva.

Objetivos: Consiste em elaborar uma reportagem radiofônica com duração de cinco a seis minutos que retrate o desenvolvimento da prática da atividade paradesportiva em paralelo aos estudos, vida social e/ou profissional. Também destacar aspectos que compreendem a vida posterior ao encerramento da carreira esportiva, com a existência de políticas governamentais que auxiliem os ex-atletas, com a finalidade de apresentar a realidade do tema para o público-receptor.

Angulação: A história de vida esportiva do paratleta em paralelo a vida social, com destaque para a importância do desenvolvimento da atividade paradesportiva, políticas de incentivo oferecidas pelos comitês e confederações desportivas, investimento financeiro no universo paralímpico e perspectivas após o encerramento da vida esportiva.

Fontes de entrevistas:

Sandro Laina Soares, nascido em 21 de março de 1981, ex-paratleta de Futebol de Cinco, onde conquistou as medalhas de ouro nos jogos Paralímpicos de Atenas, no ano de 2004 e Pequim, em 2008. Atual presidente da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), gestão de 2013 a 2017. Possui formação acadêmica em Sistema de informação pela Universidade Iguazu no ano de 2005.

Desempenha a função de Analista de Sistema no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro desde Junho de 2005.

Contato: via rede social no endereço <https://www.facebook.com/sandrolaina> e posteriormente contato telefônico.

Perguntas:

1 – Como foi o início da prática da modalidade paradesportiva, no caso o Futebol de Cinco? Quem foi o grande incentivador?

2 – As duas medalhas de ouro conquistada em Atenas, em 2004, Pequim, em 2008, podem ser consideradas as suas maiores conquistas ou outras conquistas merecem destaque? Por quê?

3 – Como você analisa o cenário antigo (início das suas atividades paradesportiva) e atualmente? Houve alguma grande mudança no cenário paralímpico? Existe um maior incentivo por parte do governo com políticas de incentivo ao esporte paralímpico?

4 – Quando você encerrou a carreira esportiva? Você estava preparado para isso?

5 – O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) oferece algum auxílio financeiro para você?

6 – Além de ser presidente da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Você desenvolve alguma outra atividade remunerada?

7 – Como é o trabalho da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais em parceria com Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)? Existem políticas que incentivam os atletas paralímpicos?

8 – Há o incentivo por meio de práticas governamentais que estimulam o desenvolvimento do esporte paralímpico em âmbito nacional?

9 – A lei brasileira de Inclusão, que viabiliza um aumento no financiamento ao esporte paralímpico, facilita o crescimento do Brasil na próxima edição dos Jogos a ser realizada em Tóquio em 2020?

10 – A parceria com as universidades proporciona o surgimento de novos procedimentos e equipamentos que melhoram o desempenho nas competições, diminuindo a diferença entre o Brasil e as principais potências paralímpicas. Como você avalia esse aspecto? Isto iguala a disputa com as grandes potências como Estados Unidos, China e Grã-Bretanha?

11 – Qual é a contribuição da CBDV nos Jogos Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro?

12 – Qual foi o legado deixado pelos Jogos Paralímpicos Rio 2016 para a população brasileira?

Bruno Landgraf das Neves nasceu no dia 1 de Maio de 1986, atuou como ex-goleiro do São Paulo Futebol Clube até que um acidente automobilístico mudou a sua vida em 2006. O acidente deixou o ex-goleiro sem os movimentos do pescoço para baixo. Após um longo período de recuperação, obteve a recuperação da sensibilidade nas pernas, ainda que mínima e a força nos braços e tronco. Descobriu a vela adaptada, em 2008, representou o Brasil nos jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, onde conquistou o décimo segundo lugar e no Rio de Janeiro no ano de 2016, alcançou a nona colocação.

Contato: endereço de e-mail brunovela01@hotmail.com e áudios encaminhados via aplicativo Whatsapp.

Perguntas:

1 – Você conquistou o Mundial Sub17 pela seleção brasileira e provável substituto do goleiro Rogério Ceni (São Paulo Futebol Clube/SP), como foi para você recomeçar após o acidente?

2 – Em uma entrevista dada para o Cantinho dos Cadeirantes, em Agosto de 2016, você disse considerar o esporte fundamental na sua recuperação. Como você descobriu a vela adaptada?

3 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

4 – Como é conciliar a vida esportiva com a vida social. Quais são os pontos negativos e positivos? Conhecer novos lugares, países, pessoas ou ficar distante da família.

5 – Você considera o esporte paralímpico de alto rendimento elitista?

6 – A conquista da medalha de bronze na Welcome to Rio regata 2016 pode ser considerado a sua maior conquista no cenário paralímpico ou outra conquista merece destaque. Por quê?

7 – Como você analisa a sua participação nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016, levando em conta a melhora na colocação de décimo primeiro em Londres para a nona colocação no Rio de Janeiro?

8 – Quais são os seus objetivos para os jogos Paralímpicos de Tóquio em 2020?

Paulo Cesar dos Santos, mais conhecido como Jatobá, é atleta de basquete em cadeira de rodas atuando pelo Clube Amigos dos Deficientes (CAD), possui 38 anos e uma história marcante. Aos dez anos, após o disparo acidental de uma arma de fogo pelo primo, ficou paraplégico. Atua na seleção de basquete em cadeira de rodas desde 1992.

Contato: via rede social, no endereço <https://www.facebook.com/paulo.jatoba.5> e áudios encaminhados via Whatsapp.

Perguntas:

1 – Como o esporte surgiu na sua vida após o ocorrido?

2 – Você praticou natação antes de chegar ao basquete em cadeira de rodas, como surgiu a oportunidade de desenvolver a atividade esportiva em alto rendimento?

3 – Como é a rotina de treinos?

4 – A seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas conquistou a quinta colocação nos Jogos Paralímpicos. Essa é a principal conquista da seleção ou outra competição merece destaque? Por quê?

5 – Você recebe algum tipo de auxílio da CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro)?

6 – Você desenvolve algum trabalho remunerado fora do universo esportivo? (Palestras motivacionais)

7 – Após o encerramento da carreira paradesportiva, o que você pretende fazer?

Edilson Alves da Rocha, diretor técnico do Comitê Paralímpico Brasileiro, desde março de 2004 e chefe de missão da delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016.

Contato: via assessoria do Comitê Paralímpico Brasileiro e gravação realizada pelo pesquisador Luis Felipe Zago Carrion.

Perguntas:

- 1 – Há o incentivo por meio de práticas governamentais em parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro que estimulam o desenvolvimento do esporte paralímpico em âmbito nacional?
- 2 – A utilização da ciência e novas tecnologias proporciona a melhora no desempenho paradesportivo? Isto iguala a disputa com as grandes potências como Estados Unidos, China e Grã-Bretanha?
- 3 – A lei brasileira de Inclusão, que viabiliza um aumento no financiamento ao esporte paralímpico, facilita o crescimento do Brasil na próxima edição dos Jogos a ser realizada em Tóquio em 2020?
- 4 – Após o encerramento da carreira esportiva, muitos ex-atletas dedicam a outras atividades para manter o rendimento financeiro. Existem políticas do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) que beneficiam ex-atletas paralímpicos?
- 5 – A parceria com as universidades proporciona o surgimento de novos procedimentos e equipamentos que melhoram o desempenho nas competições, diminuindo a diferença entre o Brasil e as principais potências paralímpicas mundiais. Como você avalia esse aspecto?
- 6 – Qual foi o legado deixado pelos Jogos Paralímpicos Rio 2016 para a população brasileira?

Miracema Ferraz participou dos Jogos Paralímpicos de Nova York/ Stoke Mandeville, em 1984, conquistando seis medalhas, sendo um de ouro no arremesso de peso e as demais nos 100, 200, 400, 800 metros rasos em cadeira de rodas e na categoria slalom, na mesma edição dos Jogos. É considerada a primeira mulher a conquistar maior número de medalhas em uma única edição.

Contato: via rede social da ex-atleta no endereço <https://www.facebook.com/miracema.ferraz> e envio dos áudios pelo Whatsapp.

Perguntas:

- 1 – Como você começou a praticar o atletismo? Quem foi o grande incentivador para praticar a atividade paralímpica?
- 2 – Quais foram os benefícios que a prática do atletismo trouxe para você?
- 3 – Ainda existe pouco apoio governamental ao esporte paralímpico. Durante a sua participação em Stoke Mandeville, em 1984. Existiu algum tipo de apoio financeiro para a sua participação nos Jogos Paralímpicos?

4 – Qual foi a sensação de ser a primeira atleta paralímpica a conquistar seis medalhas em uma única edição dos Jogos de Stoke Mandeville, em 1984? Qual foi a sensação que você sentiu em representar o Brasil e conquistar as medalhas?

5 – Quando você decidiu parar de competir? Você estava preparada para isso?

6 – Você recebe algum auxílio do Comitê Paralímpico Brasileiro?

7 – Gostaria que você comentasse o cenário paralímpico de Stoke Mandeville em que você participou e atualmente? Você percebeu alguma mudança significativa com relação aos equipamentos, apoio e preparação dos atletas para as competições?

8 – Como você analisa o futuro dos atletas paralímpicos e o cenário nacional posterior à realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016?

Debora da Silva Rodrigues Campos nasceu no dia 4 de Outubro de 1975. Durante a realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, no ano de 2016, foi a única mulher brasileira a representar o país no tiro esportivo e competiu em duas provas: Tiro Esportivo P2 – Pistola de ar 10m feminino e Tiro Esportivo P3 – Pistola 25m mista. A maior conquista no cenário internacional foi a medalha de ouro em Fort Benning, competição realizada nos Estados Unidos no mês de Julho de 2016.

Contato: via rede social da atleta no endereço <https://www.facebook.com/debora.campos.7121> e envio dos áudios pelo aplicativo Messenger

Perguntas:

1 – Como foi recomeçar após o ocorrido?

2 – Em 2009, você começou a praticar o Tiro Esportivo e na primeira competição foi campeã brasileira. Como você chegou a ela. Quem foi que apresentou a modalidade esportiva para você?

3 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

4 – Quais são os benefícios que a prática da modalidade esportiva (tiro Esportivo) trouxe para você?

5 – Como é a sua rotina de treino?

6 – Você considera o esporte de alto rendimento elitista?

7 – A medalha de ouro conquistada na Fort Benning, evento realizado no mês de Julho de 2016, nos Estados Unidos. Essa pode ser considerada sua maior conquista ou outra conquista merece destaque. Por quê?

8 – Você recebe algum tipo de auxílio da CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro)? Ou há necessidade de buscar patrocínio na iniciativa privada?

9 – Você foi a única mulher representando o Brasil no Tiro Esportivo nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Como você avalia a sua participação nos Jogos?

10 – Durante a realização dos Jogos Paralímpicos, o povo brasileiro demonstrou uma paixão pelos esportes adaptados. Você espera alguma mudança no cenário paralímpico brasileiro?

11 – Você pretende escrever um livro, retratando a sua história de vida e o que o esporte impactou nela. Gostaria que você comentasse sobre o livro?

12 – Após encerrar a carreira esportiva, o que pretende fazer?

6.2 EXECUÇÃO E ENTREVISTA

A partir das pautas produzidas e do processo de divisão de tarefas destacada no capítulo 6.1, iniciou-se a busca de fontes que contemplasse as pautas pertinentes a este pesquisador.

O processo de busca contemplou o período de 31 de Agosto de 2016 até o dia 16 de outubro de 2016.

De posse com a lista de convocados para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, o pesquisador buscou o contato inicial com os atletas por meio das redes sociais, tendo em vista que muitos deles residem fora de Bauru, lócus deste TCC. Essas buscas nem sempre foram tranquilas, uma vez que muitas delas não se dispunham a realizar a entrevista. Exemplo dessa dificuldade foi observada na primeira semana de Setembro de 2016: dez pessoas foram contatadas, mas apenas duas concordaram em colaborar com o pesquisador. Logo, a solução encontrada foi entrar em contato com mais atletas profissionais para que a quantidade de fontes fosse atendida.

Ao final do período de buscas, foram realizados contatos com 78 fontes diversas pelas redes sociais, com a abrangência de profissionais, atletas, dirigente e

ex-atletas, dos quais 14 pessoas contribuíram para a realização das entrevistas deste pesquisador após entrevistas realizadas de forma presencial, telefone, *Whatsapp* e *Messenger*.

Para a realização da entrevista com as fontes, foi realizado levantamento de informação por meio da observação direta, que, segundo Ferraretto (2014), possui quatro aspectos: (1) pesquisa bibliográfica, que compreende ao conteúdo existente e registrado sobre o assunto; (2) pesquisa documental, que envolve o processo de busca do material na esfera pública, em documentos oficiais, e/ou em instituições privadas, utilizando os meios digitais, gráficos, fotográficos e etc; (3) pesquisa audiovisual, que consiste na busca por registros no formato de áudio, englobando músicas, efeitos sonoros para a realização do produto radiofônico; e (4) entrevistas, que abrange o relato do espectador, personagem ou especialistas, com a busca de informações sobre o tema.

Ao encontro da proposta deste trabalho final, verifica-se que todos os itens foram utilizados, cada qual no momento adequado e oportuno do trabalho. Os itens 1, 2 e 3 foram utilizados para o aporte teórico do tema e informações sobre os entrevistados e o item 4 na realização da entrevista.

A entrevista tem como objetivo “[...] fornecer nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão no que diz respeito á validade do que está sendo dito”. (MCLEISH, 2001, p. 44).

Outra ponderação importante é lembrar que a entrevista é “[...] uma oportunidade de informar não apenas o que o ouvinte quer saber, mas também o que ele precisa saber”. (MCLEISH, 2001, p. 43). Logo, no caso deste TCC, a entrevista busca trazer a realidade do universo paralímpico, ampliando a cobertura esportiva além do habitual futebol.

Entretanto, o entrevistador necessita organizar as perguntas de forma que preencha as necessidades do tema, estabelecendo os questionamentos mais interessantes e antecipar as possíveis respostas. (MCLEISH, 2001).

No caso das entrevistas para a série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro”, têm a finalidade de oferecer para o ouvinte, informações sobre o início dos esportes paralímpicos, histórias de vida e obstáculos enfrentados pelos paratletas, parcerias com as universidades, conciliação da carreira esportiva com os estudos, vida social e profissional, aposentadoria, políticas de incentivos

para o desenvolvimento do esporte paralímpico e cobertura dos meios de comunicação com o universo paralímpico.

Os contatos telefônicos dos entrevistados foram preservados, para evitar exposição e manter o respeito às fontes. Todas as entrevistas foram transcritas e inseridas como apêndices no final deste trabalho. (B)

6.3 REDAÇÃO, GRAVAÇÃO E EDIÇÃO

Depois de realizadas as entrevistas para a coleta de sonoras e dados por meio da pesquisa aplicada, iniciou-se a produção dos roteiros para as pautas 02 e 03 destinado ao pesquisador. O roteiro “[...] constitui-se no guia básico para organizar, planejar e produzir um conteúdo sonoro gravado” (FERRARETTO, 2014, p.198).

Tendo em vista esse conceito e de que o propósito do rádio é comunicar, os escritores britânicos Paul Chantler e Sim Harris destacam ser necessário seguir algumas recomendações. O texto para rádio deve “[...] ser dito de forma direta, clara, simples e precisa.” (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 50).

Desse modo, obedecendo às recomendações, as reportagens para série de reportagens foram escritas com períodos curtos, frases claras e forma direta, com a finalidade de atingir o objetivo do redator.

Além das recomendações de redação para rádio, Ferraretto (2014) destaca que o roteiro pode ou não sofrer alterações no decorrer de execução do produto radiofônico. As alterações sujeitam-se ao bom senso dos produtores e demais profissionais envolvidos.

Os roteiros da série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” compreenderam o período de execução entre 25/10/16 a 03/11/16. Em síntese, contaram as particularidades do esporte paralímpico, por meio de depoimentos e músicas, totalizando um produto com 30 minutos e 34 segundos de duração, dividido em cinco episódios.

As gravações foram realizadas no período compreendidos pelos dias 03/11/2016 a 08/11/2016 nas instalações do laboratório de rádio da Universidade do Sagrado Coração, com participação do jornalista Renan da Silva Watanabe na apresentação e do aluno do terceiro do curso de jornalismo da USC Ronaldo Carvalho na locução da vinheta.

O pesquisador Luís Felipe Zago Carrion realizou a locução das pautas um; quatro e cinco; Renato Francisco Sônego as pautas dois e três e os trabalhos técnicos ficaram a cargo de Aleksandro Costa e Leandro Zacarim.

Aplicado ao cenário radiofônico, a série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” pode ser apresentada em um radiojornal, que corresponde “[...] um programa jornalístico que se caracteriza por reunir várias formas noticiosas [...]” (FERARRETTO, 2014, p. 144). Portanto, a série de reportagens se encaixa no padrão estabelecido no rádio brasileiro.

Após a veiculação no radiojornal e atendendo à ampliação da oferta de conteúdo, a série ficará disponível em arquivos no formato de podcasting, com a vantagem que

[...] o receptor não precisa mais ficar gravando o conteúdo para ouvi-lo depois, pois muitas transmissões já se encontram disponíveis na Web, acessíveis aos ouvintes 24 horas por dia, permitindo que eles definam qual é o horário mais adequado para cada um ouvir o que deseja. (NEGROPONTE, 1995 apud VANASSI, 2007, p. 45).

Nos apêndices são apresentados os roteiros desenvolvidos a partir das pautas destinadas a este pesquisador. (C)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das etapas deste Trabalho Final de Conclusão de Curso, foi possível ponderar sobre o estudo do universo paralímpico, os benefícios da prática da atividade paradesportiva com a apresentação das características de cada modalidade, a abordagem sobre as características do jornalismo especializado e radiojornalismo esportivo, avaliar a abordagem midiática sobre os esportes paralímpicos e produzir uma série de reportagens radiofônica dividida em cinco episódios.

O problema de pesquisa apresentado consistia em saber qual o espaço dedicado para os esportes paralímpicos na cobertura radiofônica. Com base neste questionamento, foram levantadas três hipóteses. A primeira hipótese versava sobre a disponibilidade de espaço nas emissoras radiofônicas para os esportes paralímpicos, a segunda sobre a possibilidade do aumento na divulgação dos esportes paralímpicos pelos meios radiofônicos por conta da realização do evento em solo brasileiro. Em contrapartida, o terceiro aspecto, consistia na demonstração negativa de interesse da população brasileira pelo segmento paralímpico, restrito apenas ao conteúdo tradicional, no caso o futebol.

Após a finalização das pesquisas, o resultado demonstrou haver pouco conteúdo disponibilizado pelas emissoras radiofônicas sobre os esportes paralímpicos, tendo em vista a maior abordagem e disponibilidade de conteúdo olímpico em comparação com o paralímpico a partir de corpus de análise formado por quatro emissoras de rádio.

Dessa forma, a primeira hipótese é negada parcialmente. Por outro lado, a pesquisa aplicada proporcionou a comprovação da segunda hipótese, de forma parcial, ao verificar que os meios de comunicações disponibilizaram conteúdos sobre as Paralimpíadas, mesmo em menor quantidade em comparação com as Olimpíadas.

Desta forma, apesar do mínimo conteúdo disponibilizado pelas emissoras radiofônicas, nega-se a terceira hipótese, pois existe uma perspectiva de mudança durante a realização dos Jogos Paralímpicos no ano de 2016, no Rio de Janeiro, que contou com a participação de dois milhões de espectadores, na sua grande

maioria composta por famílias brasileiras que viveram o espírito paralímpico nos 11 dias de competições.

Nesse sentido, demonstrou-se ser viável realizar abordagem pelos meios radiofônicos, longe do tradicional, no caso o futebol, sobre os esportes paralímpicos, de forma a aproveitar o cenário positivo da realização do evento paralímpico.

A concretização desta proposta deve envolver mudança na linha editorial das emissoras radiofônicas, com abertura de espaço para o segmento paralímpico, visto as características do veículo, como uso de uma linguagem simples, objetiva, precisa, clara, além de estar acessível a qualquer cidadão a um baixo custo, e o uso das novas tecnologias, que facilitam a abordagem radiofônica.

Com o uso das novas tecnologias, WhatsApp e Messenger, somadas às características do veículo de comunicação, entende-se ser possível uma abordagem de assuntos nacionais a um custo menor, agilizando o processo de abordagem pelas emissoras nacionais ou locais sobre os esportes paralímpicos.

A produção desta série de reportagens indica que esse uso pode favorecer o trabalho dos jornalistas atuantes no rádio, pois fez uso das redes sociais Facebook e Twitter para localização e realização do contato com as fontes espalhados pelas diferentes regiões brasileiras, além de WhatsApp e Messenger, o que possibilitou a realização das entrevistas e envio das sonoras pelos entrevistados, visto a distante localização dos personagens da série de reportagens e este pesquisador.

Nesse sentido, além da localização e realização das entrevistas, a série de reportagem contribuiu para a abordagem de um novo tema e colocação em prática das características do repórter como: as técnicas de apuração, redação e edição do material. Observa-se, no entanto, que para atingir o objetivo desejado, a entrevista deve seguir um planejamento prévio com o estudo sobre o tema e personagens.

O planejamento é necessário, inclusive, para superar dificuldades, como as encontradas durante a execução deste estudo: a primeira consistiu na demora de envio das respostas pelas fontes selecionadas e que, anteriormente, deram a sinal positivo para a realização das entrevistas. Para a superação do obstáculo foi necessário entrar em contato com mais fontes possíveis e adequar as pautas de acordo com os resultados obtidos. A segunda dificuldade foi superar a ansiedade durante a espera dos contatos com as fontes.

Por fim, avalia-se que o esporte paralímpico, tema da série de reportagens, proporcionou a abordagem de um novo tema no jornalismo esportivo, fugindo dos tradicionais programas de debates, programas de entrevistas e transmissões das partidas de futebol.

A série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” possibilitou retratar e interpretar diversos temas, que versam sobre a história e obstáculos enfrentados pelos paratletas, ações governamentais para o desenvolvimento da prática paradesportiva, fatores que buscam o aperfeiçoamento do cenário paralímpico nacional e atenção midiática dada aos esportes paralímpicos. Esse conjunto de fatores indica ser possível fugir dos clichês, como a superação dos limites físicos e da deficiência.

O produto foi realizado em parceria com Luis Felipe Zago Carrion, o que possibilitou a realização separada das pautas destinadas a cada pesquisador, o trabalho em conjunto na edição e finalização do produto final.

A troca constante de informações, ideias, sugestões de fontes e a produção dos textos entre os pesquisadores possibilitou a realização de um produto de qualidade, que atende aos requisitos atribuídos, indicando que a composição de uma frente de pesquisa é uma forma válida de estudar temas complexos de forma aprofundada e que resulte em produtos de qualidade.

Por fim, o Trabalho Final de Conclusão de Curso trouxe como contribuição pessoal o amadurecimento diante das dificuldades encontradas, ratificando a necessidade de melhor planejamento das entrevistas, com a adequação necessária da quantidade de questionamentos e importância de cada personalidade na série de reportagens.

A conversa com os entrevistados, em sua grande parte de forma on-line, possibilitou adentrar em um novo caminho esportivo e quebra de paradigmas pessoais sobre o tema.

A escolha do rádio, veículo escolhido para a produção do produto final, proporcionou uma identificação pessoal do pesquisador com o meio, entretanto, alguns obstáculos pessoais devem ser superados, a fim de proporcionar uma melhor convivência no futuro ambiente de trabalho.

A realização do Trabalho Final de Conclusão de Curso e do Produto Final com a abordagem sobre esportes paralímpicos, contemplando o esporte como tema principal, reforçou ainda mais o gosto em torno do segmento pelo pesquisador, pois

o tema (esporte) foi contemplado na maior parte dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos durante a jornada acadêmica.

O pesquisador possui a perspectiva de continuar na área esportiva quando entrar no mercado de trabalho, mas destaca a importância da passagem em outros segmentos, a fim de proporcionar um maior conhecimento de área pelo profissional de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Gustavo Maciel. **NATAÇÃO**: In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ACESSIBILIDADE. **SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**, 2016. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/acessibilidade-0>> Acesso em: 10 nov. 2016.

ALEIXO, Caroline. Ídolo dentro e fora d'água, Clodoaldo Silva conta a sua vida em Uberlândia. **GE**, 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/04/idolo-dentro-e-fora-dagua-clodoaldo-silva-counta-sua-vida-em-uberlandia.html>> Acesso em: 10 nov.2016.

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; MORATO, Márcio Pereira. **GOALBALL**: In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; CARMO, Isadora Augusta Carneiro do; RODRIGUEZ, Joyce Jamile Hiar. **HIPISMO**: In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; CERQUEIRA, Diego; GOMES, Maria Simões Pimentel. **JUDÔ**: In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ALVES, Marco Antonio Ferreira; MARQUES, Rui David. **Basquete em Cadeira de Rodas**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ATENAS: 2004. **BRASIL 2016**, 2004. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/o-brasil-nos-jogos/atenas-2004>> Acesso em: 13 set. 2016.

BAGNARA, I. C. Educação física e Esporte adaptado para pessoas com deficiência física. **Revista Digital**: EFDesportes.com. c2016. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd148/esporte-adaptado-para-pessoas-com-deficiencia-fisica.htm>> Acesso em: 01 mar. 2016.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de Radiojornalismo**: Produção, Ética e Internet. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual de Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BARBOSA, Luiz Henrique Freitas Barbosa. **Chiruliruli chirulirulá: a importância de Osmar Santos para a narração esportiva no rádio.** C2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/LuizHenriqueFretasBarbosa.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2016.

BARROS, A. T. de; BERNARDES, C. B.; CARLOS, M. B.; LARCHER, Marcello; LEMOS, C. R. F.; PAZ, A. D. História dos canais de comunicação no Legislativo. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTORIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos.** São Paulo: INTERCOM, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Historia%20dos%20canais%20de%20comunicacao%20do%20Legislativo.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2016.

BARROS, A. T.; BERNARDES, C. B.; MACEDO, S.M. **Identidade política e programação das rádios públicas: estudo comparativo de quatro emissoras federais.** Brasília, n. 1 abr 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.141.05/742>> Acesso em: 10 nov. 2016.

BRASIL: supera marcos históricos nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. **Jornal do Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/paralimpiada-2016/noticias/2016/09/18/brasil-supera-marcos-historicos-nos-jogos-paralimpicos-rio-2016/>> Acesso em: 09 nov. 2016.

BRAZUNA, Melissa Rodrigues; DECASTRO, Eliane Mauerberg. Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento. Uma Revisão da Literatura. Universidade Estadual Paulista. Motriz. Vol. 7, n.2. Jul- Dez 2001. Disponível em: <www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

CAMINHOS: da reportagem destaca a vitoriosa trajetória dos paratletas brasileiros. **TV BRASIL**, 2016. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/noticia/2016-04-07-caminhos-da-reportagem-destaca-a-vitoriosa-trajetoria-dos-paratletas-brasileiros>> Acesso em: 06 set. 2016.

CAMPANHA, Mateus Betanho; CAMPOS, Luis Felipe Castelli Correia de; GORLA, José Irineu. **RUGBY EM CADEIRA DE RODAS.** In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

CAMPEÃO, Marcia; VIEIRA, Ivaldo Brandão. **BOCHA.** In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

CANOAGEM, **Rio2016**, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/modalidades/canoagem>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

CARRION, Luis Felipe Zago. **OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: ANÁLISE DE CONTEÚDO DE REPORTAGENS RADIOFÔNICAS PARA PRODUÇÃO DE UMA SÉRIE DE REPORTAGENS**. Bauru: Editora EDUSC, 2016.

CAVALCANTE, Wanderson Araújo. **TÊNIS EM CADEIRA DE RODAS**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Editora Summus, 1998.

CHIARELLO, Berenice; VALENTIM, Renato. **VELA**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

CLÁSSICOS do ouvinte. EBC Rádios, 2016. Disponível em: <<http://radios.etc.com.br/classicos-do-ouvinte>> Acesso em: 10 nov. 2016.

CLODOALDO: silva mentor do time Nissan. **Nissan News**, 2016. Disponível em: <<http://nissannews.com/pt/nissan/brasil/channels/br-brasil-nissan-corporativo-projetos-e-eventos-biografia-dos-atletas/releases/clodoaldo-silva-mentor-do-time-nissan>> Acesso em: 10 nov. 2016.

CIVATTI, Claudio. **CICLISMO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COMO os atletas paralímpicos buscam patrocínio e encerram a carreira. **Rádio Câmara**, 2012. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/reportagem-especial/411061-como-os-atletas-paralimpicos-buscam-patrocínio-e-encerram-a-carreira.html>> Acesso em: 10 nov. 2016.

CONDE, P. R.; MERGUIZO, M. Recursos para o esporte paraolímpico aumentam 127%. **Folha de São Paulo.com**, 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1811159-recursos-para-o-esporte-paraolimpico-brasileiro-aumentam-127.shtml>> Acesso em: 19 set. 2016.

CONEXÃO: Senado. **Agência Senado**, 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado>> Acesso em: 10 nov. 2016.

CONTEÚDO sobre o morning show. **JP**, 2016. Disponível em: <<http://jovempnfm.uol.com.br/page/sobre-o-morning-show/>> Acesso em: 10 nov. 2016.

CÓRDOVA, F. P.; SILVEIRA, D. T. **Unidade 2 – A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

COSTA, A. M.; WINCKLER, C. **A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE PARALÍMPICO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

CPB: Comitê Paralímpico Brasileiro. **CPB**: Site que disponibiliza conteúdo sobre o universo paralímpico. C2016. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/>> Acesso em: 24 abr. 2016.

CRUZ, Paulo. **FUTEBOL DE SETE**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

DADOS. **Ministério das Comunicações**, 2014. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/dados>> Acesso em: 12 nov. 2016.

DUARTE, Edison; NAZARETH, Valber Lázaro. **ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

EDUARDO castro: a rádio MEC não acabará. **O DIA**, 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniaio/2013-11-13/eduardo-castro-a-radio-mec-nao-acabara.html>> Acesso em: 14 jun. 2016.

ERBOLATO, M. L. **Jornalismo Especializado**: Emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Editora Atlas, 1981.

ESPORTE: paralímpico simbiose entre ciência e tecnologia? **Dicyt**, 2015. Disponível em: <<http://www2.dicyt.com/noticia/esporte-paralimpico-simbiose-entre-ciencia-e-tecnologia>> Acesso em: 27 set. 2016.

ESPORTE: governo vai investir em atletas paralímpicos para Tóquio 2020. **PORTAL BRASIL**, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/09/governo-vai-investir-em-atletas-paralimpicos-para-toquio-2020>> Acesso em: 13 set. 2016.

FABIANA: sugimori. **Brasil 2016**, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/medalhistas/fabiana-sugimori>> Acesso em: 10 nov. 2016.

FAQ. **Associação Desportiva para deficientes**. 2016. Disponível em: <<http://www.add.org.br/faq.asp#.VgIYpMtViko>> Acesso em: 22 fev. 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. São Paulo: Summus, 2001.

_____, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA JÚNIOR, Antônio. **HALTEROFILISMO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

FONSECA JUNIOR, Wilson C. **Análise de conteúdo**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Org). **Metodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FREIRE, Jonas; MORATO, Márcio Pereira. **FUTEBOL DE CINCO** In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico – 2 edição**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2016.

FUTEBOL de sete fica com a prata em Atenas. **Terra**, c2016. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/atenas2004/interna/0,,OI391527-EI4114,00-Futebol+de+sete+fica+com+a+prata+em+Atenas.html>> Acesso em: 24 mai. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAENSELL, Christian. **TIRO COM ARCO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

HISTÓRIA: de superação. Conheça a trajetória do atleta paraolímpico Jorge Luis Camargo Fonseca. **TRACK&FIELD**, 2014. Disponível em:

<<http://www.tf.com.br/blog/famosos/historia-de-superacao-conheca-a-trajetoria-do-atleta-paraolimpico-jorge-luis-camargo-fonseca/>> Acesso em: 06 set.

IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. Apresenta o censo demográfico do Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm> Acesso em: 22 fev. 2016.

JOVEM pan Os pingos nos is. **JP**, 2016. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/programas/os-pingos-nos-is/>> Acesso em: 10 nov. 2016.

JOVEM pan jornal de esportes. **JP**, 2015. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/programas/jornal-de-esportes/>> Acesso em: 10 nov. 2016.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

LEME, Tiago. Brasil vira no fim, vence a Austrália e fica em quinto no basquete: 70 a 69. **Globoesporte.com**, c2000-2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/brasil-vira-no-fim-vence-australia-e-fica-em-quinto-no-basquete-70-69.html>> Acesso em: 09 nov. 2016.

LONDRES: 2012. **BRASIL 2016**, 2012. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/o-brasil-nos-jogos/londres-2012>> Acesso em 19 set. 2016.

LUIZ Claudio Canuto. **Em 1935 surgiu A Hora do Brasil, mais conhecida como A Voz do Brasil**. Autor: Luiz Claudio Canuto. Brasília: 2012. 1 áudio sonoro (13 min) stereo ou estéreo.

MCLEISH, R. **Produção de Rádio: Um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.242p.

MEDEIROS, Alexander; OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves de; RIBEIRO, Amauri. **VOLEIBOL SENTADO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MEDINA, C. A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2008. 96p.

MELO, Marco T., WINCKLER, Ciro. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MESSA, F. C. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento**. In: 8º Fórum Nacional dos Profissionais de Jornalismo. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-e-so-entretenimento%5B169%5D.pdf>> Acesso em: 22 Fev. 2016.

MIRANDA, Tatiane Jacusiel; WINCKLER, Ciro. **TIRO ESPORTIVO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). Esporte Paralímpico. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

Ministério do Esporte. **Diesporte**: Diagnóstico Nacional do Esporte. c2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_grafica.pdf> Acesso em: 28 fev.2016.

MODALIDADES. **Rio 2016**, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/modalidades>> Acesso em: 21 fev. 2016.

MOREIRA, S. V. Emissoras educativas X sistema público brasileiro de radiodifusão – o caso da Rádio MEC do Rio de Janeiro (1936-2015). In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015. Congresso. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2566-1.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2016.

MOURA, Jonas; SILVEIRA, Igor. Brasil investe R\$ 375 milhões para ser top 5 na Paralimpíada. **TERRA.COM**, c2016. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/lance/brasil-investe-r-375-milhoes-para-ser-top-5-nos-jogos-paralimpicos,1342459c8ebf9240113721ba2aa8fd7bb6dweoor.html>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

NAKASHIMA, Celso Toshimi. **TÊNIS DE MESA**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). Esporte Paralímpico. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

NORONHA, Julio; MUTCHNICK, Eliana. **REMO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ÓPERA completa. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/opera-completa>> Acesso em: 10 nov. 2016.

ORTIZ, Elaine. O cego que é craque da seleção brasileira de futebol de 5. **Istoé2016.com**, c2016. Disponível em: <<http://www.istoe2016.com.br/por-que-o-brasil-nao-olha-para-ele/>> Acesso em: 26 abr. 2016.

PARALIMPÍADA: apesar de não bater meta, comitê vê resultado positivo do Brasil. **Jornal do Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/paralimpiada-2016/noticias/2016/09/18/paralimpiada-apesar-de-nao-bater-meta-comite-ve-resultado-positivo-do-brasil/>> Acesso em: 19 set. 2016.

PARAOLIMPÍADAS: quadro de medalhas. **UOL**, 2016. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/paraolimpiadas/quadro-de-medalhas/>> Acesso em: 03 nov. 2016.

PARATRIATHLON. **Confederação Brasileira de Triathlon**, c2016. Disponível em: <<http://www.cbtri.org.br/paratriathlon.asp>> Acesso em: 24 maio 2016.

PIVA, Soraia. De Heidelberg 1972 ao Rio 2016: evolução das medalhas e do time brasileiro nas Paralimpíadas. **Superesportes**, 2016. Disponível em: <<http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/olimpiadas/jogos2016/jogos2016-noticias/2016/09/06/noticia-jogos2016,350031/de-heidelberg-1972-ao-rio-2016-evolucao-das-medalhas-e-do-time-brasileiro-nas-paralimpiadas.shtml>> Acesso em 19 set. 2016.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Jornalismo: Jovem Pan**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PEQUIM: 2008. **BRASIL 2016**, 2008. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/o-brasil-nos-jogos/pequim-2008>> Acesso em: 13 set. 2016.

PRADO, Magaly. **Historia do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PROGRAMAÇÃO: segunda a sexta. **JP**, 2016. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/programacao/>> Acesso em 18 out. 2016.

PROGRAMAS da rádio MEC AM – Rio de Janeiro. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/mecamrio/programas>> Acesso em: 10 nov. 2016.

QUADRO: de medalhas. **GE**, 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/medalhas.html>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

RÁDIO A: senado completa 19 anos. **Agência Senado**, 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/01/29/radio-senado-completa-19-anos>> Acesso em: 10 nov. 2016.

RÁDIO B: senado lança nova programação musical para se aproximar ainda mais do ouvinte. **Agência Senado**, 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/15/radio-senado-lanca-nova-programacao-musical-para-se-aproximar-ainda-mais-do-ouvinte>> Acesso em 10 nov. 2016.

RADIODIFUSÃO: comercial. **Ministério das Comunicações**, 2012. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao-comercial>> Acesso em: 16 ago. 2016.

RADIODIFUSÃO A: comunitária. **Ministério das Comunicações**, 2014. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao-comunitaria>> Acesso em: 16 ago. 2016.

RADIODIFUSÃO B: educativa. Ministério das Comunicações, 2014. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao-educativa>> Acesso em: 16 ago. 2016.

REPÓRTER A: nacional. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/reporter-nacional>> Acesso em: 10 nov. 2016.

REPÓRTER B: rio. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/reporter-rio>> Acesso em: 10 nov. 2016.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: Histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIO: 2016 90% dos atletas que disputarão paralimpíadas recebem bolsa atleta. **IG**, 2016. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-09-01/bolsa-atleta-paralimpiada-2016.html>> Acesso em: 06 set. 2016.

ROZENBERG, Marcelo. Que fim levou? Blog que retrata e imortaliza jogadores e profissionais da área esportiva. C2015. Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/blota-junior-2432>> Acesso em: 12 abr. 2016.

SEGUNDA: feira. Rádio Valinhos Comunitária FM 105,9, 2016. Disponível em: <<http://valinhosfm.com.br/programacao/>> Acesso em: 10 nov. 2016.

SESI, Serviço Social da Indústria. **Espportes Paralímpicos**: Col. Atleta do Futuro. São Paulo: Editora Sesi, 2013.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Editora Summus, 1994.

SOBRE. **JP**, 2015. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/page/sobre/>> Acesso em: 10 nov. 2016.

SOBRE A: a rádio MEC FM – Rio de Janeiro. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/mecfmrio/sobre>> Acesso em: 10 nov. 2016.

SOBRE B: a rádio MEC AM – Rio de Janeiro. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/mecamrio/sobre>> Acesso em: 10 nov. 2016.

SOUZA, Lígia Maria Trigo de. **REVISTA USP**: 80 anos de Rádio. c2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/33810/36548>> Acesso em: 24 abr. 2016.

STADIUM. **EBC Rádios**, 2016. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/stadium>> Acesso em: 10 nov. 2016.

STUMPF, Ida. R. C. **Pesquisa Bibliográfica**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

TRIATLO. **Rio2016**, c2015. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/modalidades/triatlo>> Acesso em: 24 mai. 2016.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

VANASSI, G. C. **Podcasting como processo midiático interativo**. 2007. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade de Caxias do Sul, 2007.

WINCKLER, Ciro. **ATLETISMO**. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

APÊNDICE B – Decupagem das entrevistas para elaboração da série de reportagens

a) Entrevista com Bruno Landgraf das Neves

1 – Você conquistou o Mundial Sub17 pela seleção brasileira e provável substituto do goleiro Rogério Ceni (São Paulo Futebol Clube/SP), como foi para você recomeçar após o acidente?

Foi bem difícil no começo que a gente não conhecia muito, mas é com apoio da família e dos amigos, eu consegui recomeçar e entrar no esporte de novo.

2 – Em uma entrevista dada para o Cantinho dos Cadeirantes, em Agosto de 2016, você disse considerar o esporte fundamental na sua recuperação. Como você descobriu a vela adaptada?

Então, a vela para mim foi muito importante, pra poder, na minha recuperação também, que quando eu comecei, eu não conseguia treinar muito tempo, então, tive que melhorar a minha parte física, os meus movimentos para poder treinar, então, eu fazia fisioterapia na faculdade, em São Paulo, uma professora Berenice ligou para professora da faculdade e a Berenice e o Renan tem um projeto na represa Guarapiranga de vela, o clube paradesportivo de superação que fica lá no Clube Asbac. Então, me convidaram, eu fui conhecer, gostei e tô até hoje.

3 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

As dificuldades são em termos de patrocínio e também a visibilidade porque o patrocínio é, dificilmente, alguém quer te patrocinar sem aparecer, então, o esporte paralímpico, no Brasil, tá pouco divulgado, tá melhorando, mas ainda é pouco divulgado e também tem algumas coisas que organização que tem que ser muito melhorada para o esporte e pra os atletas não ser prejudicada.

4 – Como é conciliar a vida esportiva com a vida social. Quais são os pontos negativos e positivos? Conhecer novos lugares, países, pessoas ou ficar distante da família.

A gente, eu consigo conciliar no final, no começo de 2015, a gente mudou para o Rio, eu tive conciliar um pouquinho a parte do estudo com o esporte, mas deu para conciliar a faculdade me ajudou, meus amigos de sala também. É minha família, meu pai e a minha mãe se mudou comigo, então, eu consegui conciliar, aí poder ir para Niterói, fiquei um ano e pouco, onde o lugar é incrível, pessoas excelentes que eu conheci, fiz grandes amigos, então, no meu caso foi bem tranquilo, então, consegui conciliar, tive o apoio do time São Paulo, que é a parceria do governo do Estado com o Comitê Paralímpico, então, a gente conseguiu mudar para lá, pra poder treinar mais, e ficar no lugar que ia acontecer a competição. Então, para mim, foi muito bom.

5 – Você considera o esporte paralímpico de alto rendimento elitista?

É o esporte paralímpico tem tanto o começo nas escolinhas, nos clubes de preparação e também é um esporte de alto rendimento pros atletas, que estão competindo né. A gente é igual ao atleta olímpico, tem o mesmo tipo de treinamento e o mesmo tipo de cobrança, também, isso o que muda é que o atleta paralímpico teve alguma deficiência e alguma adaptação que faz, mas o esporte olímpico também é de alto rendimento e os atletas treinam e trabalham no mesmo jeito que os atletas olímpicos.

6 – A conquista da medalha de bronze na Welcome to Rio regata 2016 pode ser considerado a sua maior conquista no cenário paralímpico ou outra conquista merece destaque. Por quê?

Então, Welcome to Rio foi muito bom para gente que a gente conseguiu ficar em terceiro, mas o resultado é assim sempre bom para o tá melhorando a autoestima, mas o importante foi o treinamento que a gente fez e aproveitou com as equipes de fora, isso tem um crescimento muito bacana para a gente e a gente aprendeu muito e conseguiu chegar na paralimpíada com melhoras no que a gente vinha treinando e viu nas paralimpíadas mesmo ficando em oitava, tinha condição de ficar entre os seis primeiros, mais isso acontece é continuar trabalhando para poder melhorar.

7 – Como você analisa a sua participação nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016, levando em conta a melhora na colocação de décimo primeiro em Londres para a nona colocação no Rio de Janeiro?

Então, o resultado de Londres, eu fiquei um pouco chateado que a minha meta é ficar entre os seis, mais a gente teve alguns problemas, em duas regatas, então, isso atrapalhou um pouquinho, mas o resultado, em si, foi muito bom né a gente ficou na meta da Confederação que era ficar entre os 10 primeiros né e de melhorar o resultado de Londres de 2012 para o Rio já foi um grande feito né. A gente tem muito que melhorar, mas é foi a melhor colocação da vela paralímpica em paralimpíadas. Então, a gente viu que com treinamento, com o material adequado, a gente consegue melhorar.

8 – Quais são os seus objetivos para os jogos Paralímpicos de Tóquio em 2020?

Eu continuo treinando, tô esperando uma posição da confederação em relação ao calendário e continuo fazendo a minha parte física, e fisioterapia, também, mas o objetivo é continuar velejando, participando dos mundiais e ir buscar tá melhorando sempre apresentar melhora o Brasil e abaixando nossas posições para ficar entre os três, cinco primeiros, do mundo, entre os três, então, ela ser um grande feito para a gente.

b) Entrevista com Daniel Tavares Martins

1 – Você começou praticando outros esportes, como capoeira, futebol e basquete. Quando você descobriu o atletismo e começou a praticar a modalidade?

Eu descobri em 2010, o atletismo só que aí antes eu já fazia capoeira e futebol. Sim, aí foi numa brincadeira, brincadeira não, mas uma competição que teve quando eu era da casa do pequeno cidadão, aí por acaso, eles falaram que eu ia fazer o atletismo.

2 – Como você descobriu a aptidão para a prática da modalidade em alto rendimento e conquistar várias medalhas?

Em 2013, quando eu participei do campeonato brasileiro que teve, que eu tive um dos melhores 100 metros meus que eu já tive, foi um dos melhores 100 metros meu, naquele ano, depois de um ano, eu consegui virar um atleta de alto rendimento e com graças a Deus, eu pude entrar na seleção.

3 – Você é atleta do Amei (Associação Mariliense de Esportes Inclusivos) desde 2013, sendo treinado por Aurélio Guedes e hoje por Luiz Carlos Albieri. Como é a sua rotina de treinos?

Minha rotina de treino é de segunda a sábado de manhã. De manhã, eu ia (vou) na fisioterapia e já via para cada direto, aí já treinava até as 11 (horas) e voltava. De segunda e quinta, eu ia para a acupuntura, ia para casa, almoçava e a tarde, eu ia para a fisioterapia.

4 – Próximo às principais competições, como Mundiais ou Paralimpíadas, o treino é mais intenso?

Sim, o treino fica bem mais intenso, pois a gente quer ter um melhor resultado. Então, os treinos aumentam, a intensidade aumenta. Então, a gente precisa se dedicar ao máximo para que o resultado seja bom.

5– Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

Um dos principais, assim, é a falta de apoio, pois a gente só tem apoio da prefeitura (Marília) e do Comitê. (Comitê Paralímpico Brasileiro), então, a gente precisa de bem mais apoio para que o nosso esporte seja divulgado.

6 – A medalha de ouro conquistada nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016 é a sua principal conquista ou existe(m) outra(s) que merecem destaque, como as cinco medalhas, sendo quatro de ouro e uma de bronze, conquistadas no Mundial em 2015? Por quê?

A medalha, sim, mudou a minha vida, pois de um tempo para cá, a minha vida mudou bastante, pois muitas pessoas que vêm falar comigo e tal, mas as medalhas tanto do Mundial, como das Paralimpíadas foi muito importante para mim, pois eram as duas medalhas que faltavam para mim realizar o meu sonho.

7 – Essas medalhas te ajudam a consolidar a sua carreira, assim que você é como atleta recordista brasileiro e agora essas duas medalhas fizeram você ficar conhecido mundialmente?

Sim, graças a Deus, hoje, eu tenho o meu nome reconhecido, então, com um trabalho bem feito, não só por mim, com todo pessoal que estava do meu lado ali me ajudando e graças a Deus, hoje, todo mundo sabe quem que é o Daniel Martins.

8 – O tempo de 47s22 é a sua melhor marca pessoal, com o qual você se tornou ‘dono’ do recorde mundial na categoria T20. A sua especialidade é os 400 metros ou existe(m) alguma(s) outra (100 metros rasos/ revezamento 4x100 metros rasos/ 400 metros com barreiras) que merece destaque. Por quê?

Nos Jogos tinha só de velocidade os 400 metros né e lá (Mundial) tinha os 1500, só que os 1500 eu não pude fazer. Só que do brasileiro tem os 100 e 200 (metros) que hoje eu tenho as três recordes no meu nome, dos 100, 200 e 400, fora os dois recordes mundiais que é o do 4x100 (4 por 4) e dos 400 metros também.

(Levi Carrion) – Nas Paralimpíadas, na classe dele de velocidade só tem a prova dos 400 (metros), mas no cenário nacional e algumas das competições internacionais, tem os 100 e 200 que ele (Daniel) também é recordista.

9– Quais são os seus objetivos para os jogos Paralímpicos de Tóquio em 2020?

O meu foco agora tá no ano que vem no Mundial que vai ter em Londres, a gente depois começa a pensar um pouco em Tóquio, vai ser um trabalho pra 2020, só que aí o meu foco vai mudando a cada ano. Aí, quando chegar em 2020, meu foco vai ser pros Jogos.

c) Entrevista com Debora da Silva Rodrigues Campos

1 – Como foi recomeçar após o ocorrido?

Boa tarde, Renato, desculpa, a demora em te responder, mas vamos lá segunda resposta, não se, eu acho que a primeira era bem básica, eu como eu era muito criança então nessa questão do recomeçar a vida e tudo mais para mim foi uma continuação. Aí eu costume falar que eu tive que me tornar adulta aos 12 anos essa foi a diferença né a gente passar por experiências difíceis nessa questão de hospital ver coisas que uma criança normalmente não vê a gente acaba com dor e sendo mais rápido mas para mim foi bem natural isso.

2 – Como foi recomeçar após o ocorrido? Em 2009, você começou a praticar o Tiro Esportivo e na primeira competição foi campeã brasileira. Como você chegou a ela. Quem foi que apresentou a modalidade esportiva para você?

É sobre a segunda pergunta né. O tiro, nessa época do acidente, eu fiquei algum tempo sem sair de casa sem andar e tudo mais, então, o meu pai gostava de caçar, quando era criança tudo e quando era permitido né.

3 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

Então vamos a terceira pergunta em relação aos desafios da minha atividade do tiro esportivo, é uma pergunta muito interessante. Enfim, eu enfrento duas dificuldades básicas: hoje nem tanto uma delas, é o fato de ser mulher, o tiro esportivo é um esporte predominantemente masculino, então, ser uma mulher nesse meio, nesse mundo, foi um pouco difícil no início, hoje não, hoje, eu consegui graças a Deus é certo respeito à relação então não tenho grande dificuldades, mas acabei enfrentando um pouco. O segundo desafio, a segunda dificuldade comum que a gente enfrenta é a questão do brasileiro ainda vincular muito o tiro esportivo.

4 – Quais são os benefícios que a prática da modalidade esportiva (tiro Esportivo) trouxe para você?

Vamos lá, quarta, quarta resposta, eu acho que um dos principais benefícios que o esporte trouxe para mim foi a disciplina, eu sempre fui um pouco indisciplinada em termos de levar uma vida mais saudável, uma alimentação mais correta, cuidar da minha saúde, enfim, esse foi um dos grandes benefícios que o esporte traz para mim, então, acho que o principal é esse.

5 – Como é a sua rotina de treino?

Bem, nos últimos, principalmente, nos últimos meses antes da, essa é a quinta resposta, eu acho, nos últimos meses antes dos Jogos Paralímpicos, a minha rotina de treino foi é bem intensa né. Eu sempre dividir parte treino físico e treino técnico né, mas nos últimos, últimos meses né antes dos jogos foi mais intenso, então, eu tava tirando um dia de folga, duas vezes por semana, eu faço parte física, em São Paulo, é parte da academia, fisioterapia, massoterapia, enfim, o treino específico com tiro, quatro vezes por semana agora, depois dos jogos, eu tirei agora uns dias de descanso e estou recomeçando agora com os treinos.

6 – Você considera o esporte de alto rendimento elitista?

A resposta número seis, bem acho que alguns esportes, sim, eles podem ser pouco elitizados, mas no caso do esporte olímpico. É o esporte paralímpico, alguns talvez, tem um pouco mais de um número menor de atleta, um pouco mais dificuldade em relação a custos, mas então acaba tendo uma procura um pouco menor, mas os atletas que conseguem ajuda de algum clube paralímpico para começar na carreira esportiva, então, com o tempo quando começa a ter resultados é o Comitê Paralímpico Brasileiro e aí, você entra para a seleção, então, acaba tendo um pouco mais de ajuda. Enfim, então, se torna um pouco mais fácil.

7 – A medalha de ouro conquistada na Fort Benning, evento realizado no mês de Julho de 2016, nos Estados Unidos. Essa pode ser considerada sua maior conquista ou outra conquista merece destaque. Por quê?

Resposta número 7. É sim, sem dúvida é o resultado que eu tive em Fort Benning, nos Estados Unidos foi o meu melhor resultado em competição internacional. Apesar de não estarem, naquela competição, as melhores do mundo atualmente, mas em termos de resultados de ponto, o resultado individual foi o resultado muito bom para mim e eu vinha de uma baixa, então, eu tinha mudado um treinamento, eu vinha treinando com o meu marido, ultimamente, a gente mudando o tipo de treino e foi um bom resultado vê que valeu, que tava dando certo o caminho para a gente estava seguindo.

8 – Você recebe algum tipo de auxílio da CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro)? Ou há necessidade de buscar patrocínio na iniciativa privada?

Resposta número 8, se não me falhe a memória, sobre a questão financeira, como te falei antes, é um lado meio complicado pelo esporte tiro esportivo; Sobre o CPB, eu não recebo nenhuma ajuda do Comitê Paralímpico Brasileiro, o que eu recebo nas competições oficiais,

nos meus compromissos oficiais, na semana de treinamento ou viagens internacionais, toda despesa é arcada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro com alimentação, transporte, hospedagem, enfim, através do Comitê Paralímpico Brasileiro é, desde 2015, eu recebo auxílio da Caixa Econômica, Loterias Caixa, perdão.

9 – Você foi a única mulher representando o Brasil no Tiro Esportivo nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Como você avalia a sua participação nos Jogos?

Resposta número 9 ser a primeira mulher a representar o país né nos Jogos Paralímpicos para mim foi uma honra fazer parte da história do tiro esportivo é algo muito especial para qualquer atleta. Minha participação nos Jogos, eu fiquei muito satisfeita, eu fui a melhor, o meu resultado acabou sendo o melhor da equipe brasileira, já me deixa muito orgulhosa, mas eu queria claro queria tá ter passado para final na minha na minha prova principal, foi por muito pouco, passei perto, mas fiquei muito satisfeita de ter passado por esse desafio.

10 – Durante a realização dos Jogos Paralímpicos, o povo brasileiro demonstrou uma paixão pelos esportes adaptados. Você espera alguma mudança no cenário paralímpico brasileiro?

Resposta número 10, bem, Renato, eu tive uma surpresa uma grata surpresa, nesses jogos, apesar de não ter tido a visualização de mídia, a não ser tão veiculado é como foi os jogos, como foram os Jogos Olímpicos aí, eu pude ver que o povo brasileiro, principalmente, a população carioca nos recebeu de braços aberto com carinho muito grande e eu fiquei encantada com isso né eu pude, eu tive uma oportunidade depois de terminar a minha participação no jogos, é um dia ou dois dias depois, eu meu marido fomos visitar o Parque Olímpico, e aí, eu vi assim como tinham pessoas, filas imensas para assistir os Jogos Paralímpicos, é uma multidão de pessoas.

11 – Você pretende escrever um livro, retratando a sua história de vida e o que o esporte impactou nela. Gostaria que você comentasse sobre o livro?

Resposta número 11, bem em relação ao livro, sim, eu tenho esse desejo sim, esse sonho eu venho alimentando já acho que uns 10 anos ou mais, é sempre que eu colocava minha história para as pessoas, que eu tenho muitas histórias na minha vida e sempre as pessoas brincavam né, brincam até hoje, eles falam nossa essa história dá um livro e aí durante uma aula na Faculdade, há muito tempo atrás, numa dinâmica de grupo né a professora fez com que a gente vendesse que cada um vendesse a sua autobiografia.

12 – Após encerrar a carreira esportiva, o que pretende fazer?

A parte boa do tiro esportivo é que é um esporte de muita longevidade para você ter uma ideia agora no Rio, nos Jogos Paralímpicos, uma atleta da Carabina, uma atleta australiana que estava competindo a sua décima segunda paralimpíadas, aos 74 anos de idade e sempre falo que ela é minha inspiração, Elizabeth Kosmala, então, é o esporte que eu posso ainda pensar em disputar por muitos anos né, a parte física é o meu grande desafio, hoje, eu tenho lesão nos dois ombros, então, eu tenho que cuidar muito para que eu possa levar o esporte por um longo tempo né, então, não penso em me aposentar por enquanto.

d) Entrevista Edilson Alves da Rocha

1 – Há o incentivo por meio de práticas governamentais em parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro que estimulam o desenvolvimento do esporte paralímpico em âmbito nacional?

Não, precisa ter uma política de esporte mais detalhada, mais clara né. Hoje, não tem bem muito claro qual é o papel de cada um no esporte paralímpico, sobretudo. Então, usando um exemplo, quando você fala de esporte olímpico, é bom, bom, uma cidade costuma realizar as suas competições, jogos na cidade né. Quando você fala da olimpíadas, agora mudou o nome para Olimpíadas Escolares Estudantis do COB que agora se chama de Jogos

Escolares Brasileiros, Jogos Brasileiros Escolares, não lembro bem exatamente, para chegar a uma etapa, fase nacional, no final dessa olimpíada, o município realiza a seletiva municipal, da seletiva municipal, sai uma seleção que vai para a seletiva regional, da regional para a estadual, e daí a regional monta uma seleção dos estados para chegar ao nacional. Já nas paralimpíadas, ninguém faz isso, o Comitê Paralímpico Brasileiro é que tem que ir lá e produzir eventos para, no mínimo, o cara tem uma seletiva minimamente, organizada para chegar numa etapa nacional e ter uma equipe né e ainda assim ter 1000 atletas praticando, é o maior evento adulto do mundo. Então, essa política nos traz uma dificuldade maior para desenvolver o esporte, se você não tem uma política desenvolvida e essa tava conversando qualquer clube, bairro ta ali, agora você não viu o Campeonato de Futebol das Favelas ou o Campeonato Universitário, no paralímpico, não tem, se o Comitê Paralímpico não realizar, não vai ter nenhuma atividade. Então, essa falta de política de esporte para as pessoas com deficiência ou de incluir a pessoa com deficiência nos esportes nos municípios, nós dá bastante trabalho, nos causa muito trabalho. Então, essa falta de política nos atrapalha um pouco.

2 – O esporte paralímpico brasileiro faz o uso de ciência e novas tecnologias para melhorar o desempenho? Isso pode ajudar a igualar a disputa com as grandes potências como Estados Unidos, China e Grã-Bretanha, por exemplo?

Isso, o esporte paralímpico brasileiro, no é pioneiro no Brasil, né no Brasil, em alguns casos muito antes do esporte olímpico. Em Atlanta, já temos uma equipe de ciência do esporte que trabalha no desenvolvimento de pesquisa para os novos atletas, avaliação dos atletas, produção de trabalhos que melhorem a qualidade de treinamento ou até identificando atleta que forma ada. Para você ter um exemplo, em Sidney e Atenas, mudou completamente o estilo de nado do Clodoaldo (Silva), identificando que a envergadura dele era muito grande com o potencial de melhorar o número de braçadas entre uma volta e outra na piscina trabalhamos isso e mudamos o treinamento dele, e o Clodoaldo virou e foi conhecido como tubarão das piscinas, em Atenas. Então, esse é um trabalho feito com a ciência do esporte, trabalho com a Academia, nós já temos parcerias com a Unifesp, Universidade Federal de São Paulo, com a Universidade Federal de Uberlândia, que é a UFU, a Unicamp (Universidade de Campinas) a anos, a anos. Por exemplo, a gente até estava fazendo uma conta aqui (CPB) de profissionais que trabalham no Comitê Paralímpico Brasileiro mais de 50% saíram da Unicamp, de projetos e treinamentos, projetos de pesquisa dentro da Unicamp, com pessoas que começaram a desenvolver projetos de pesquisa lá dentro e se interessaram e começaram a se especializar no esporte paralímpico que foram absorvidos por nós. Então, a gente faz muito bem o uso dessa ferramenta, para você ter uma ideia, o Centro de Treinamento de Estudo Avançado, aqui dentro tem o melhor da tecnologia para todas as áreas de treinamento esportivo, já foi projetado com câmeras de biomecânica, se você der uma volta pelo Centro, em todos os cantos as câmeras já estão posicionadas de forma com que a gente avalie o treinamento do atleta, nós temos sócios como Darthe Fischer, Sportek de avaliação de performance, avaliação de movimento, entre outras coisas. Vou ti dar um exemplo, no voleyball, por exemplo, um software que a gente tem, a gente consegue montar uma tevê ou um telão ao lado da quadra e o jogo é filmado o tempo todo com um delay, um delay de tempo que o técnico resolveu colocar, aí ele pode parar imediatamente o treino e mostrar para o atleta, oh o movimento errado que você fez ta vendo aqui, e esse aqui é o que você tem que fazer ao mesmo tempo. A nossa piscina, ela já foi construída em três das raias da piscina usa um led ao longo da piscina de oito cores, a gente coloca o tipo que o atleta nade e o atleta tem que nadar em cima, percorrer o tempo o tempo que ele faça, se ele quer que faça na primeira etapa da piscina de três minutos, eu vou ritmando até o tempo de descanso de uma braçada e outra. O que tem de mais moderno em tecnologia a gente tem aqui no Centro de treinamento.

2 - A nossa tecnologia paralímpica está bem avançada em relação aos outros países? Isso ajuda a igualar a disputa?

São poucas as tecnologias nossas, a gente importa, eu te falei de duas situações do leds e das câmeras, então, tudo isso é importado, o software de movimentação Fischer é americano, o Sportek é americano, a piscina é italiana, os equipamentos que a gente vai botar no nosso laboratório de biomecânica são italianos. Então, a nossa academia que a gente pretende botar os equipamentos da Tecnogi é italiano, então, pouquíssima coisa é uma tecnologia nossa paralímpica brasileira, tudo é o que tem para o mundo e é assim que todo mundo faz a gente busca o que tem de melhor no mundo e você utiliza a seu favor.

3 – A lei brasileira de Inclusão, que viabiliza um aumento no financiamento do esporte paralímpico, pode facilitar o crescimento do Brasil na próxima edição dos Jogos a ser realizada em Tóquio em 2020?

Pode com certeza porque o aumento do investimento proporciona melhor qualidade de treinamento, melhor condições de preparação, e aí se você aliar o aumento do recurso da lei brasileira de inclusão aplicado ao treinamento desses atletas dentro do centro de treinamento, essas duas coisas aliadas podem melhorar significativamente a qualidade do nosso atleta e aí certamente ele estará mais preparado para as conquistas das medalhas.

4 – Após o encerramento da carreira paradesportiva, muitos ex-atletas dedicam a outras atividades para manter o rendimento financeiro. Existem políticas do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) que beneficiam ex-atletas paralímpicos que já encerram a carreira?

Existem foram lançados a pouco tempo que é o programa chamado de transição de carreira. O que é o programa de transição de carreira? Desde que foi lançado há um ano agora e funciona corretamente ele visa prepara o atleta durante o exercício dele para que ele faça enquanto ele parar tenha... como ele começou agora é destinados a todos os atletas que participaram dos Jogos Paralímpicos, considerando a participação dele nesse ano, e aí se ele parceria com grande universidade que então, o atleta faz parte com bolsa de estudo gratuita nas universidades, passou no vestibular é só fazer em parceria com uma escola de inglês com um ensino a distância. Qualquer atleta que queira fazer o inglês, ele pode iniciar imediatamente. (Ruídos)

Nós temos um programa que se chama CPB de transição de carreira, ela tá no nosso site, se você ir lá você vai ver. O que é o programa? Esse programa visa trabalhar o atleta com outras atividades durante a carreira para que quando ele pare de competir ele tenha uma profissão. E aí nós temos parceria com vários parceiros para isso, nos temos a DLFHH, que são duas multinacionais que são especializadas com a gestão de pessoas e recolocação de mercado. Essas duas empresas fazem a avaliação do perfil do atleta e indicam o que é melhor, qual é o melhor caminho para ele. Nós temos uma parceria com uma grande universidade brasileira que tem unidades em todos os estados, o atleta que faz parte do programa, ele tem 100% de bolsa para estudar em qualquer uma dessas universidades, basta ele fazer o vestibular e passar no vestibular. Nós temos uma parceria com uma escola de inglês de ensino a distância, qualquer atleta que queira fazer o ensino a distância, está pronto. Nós temos a parceria com a Esse, Sebrae, Sesi e Senai. Tem uma atleta eventualmente que quer ser um empreendedor e quer investir o dinheiro dele, a gente vai ajudar, com ele participando de monitorias, de atividades que possam prepara-lo melhor para isso. Então, tudo isso a gente e quer que ao longo da carreira, estamos com dezesseis atletas cursando. E ai agora a gente vai ampliar isso com a participação dos jogos do Brasil com o maior número de atletas. No nosso site tem todas as informações sobre esse programa onde você pode acompanhar melhor.

5 – A parceria com as universidades proporciona o surgimento de novos procedimentos e equipamentos que melhoram o desempenho nas competições.

Fundamental, sem a parceria com as universidades dificilmente você consegue crescer e desenvolver. Dentro da universidade, você pode pesquisar que vai conseguir trabalhar todos os potenciais que você pode desenvolver dentro do esporte paralímpico seja em tecnologias de construção de novos equipamentos ou o aprimoramento de equipamentos, seja para

protocolo de avaliação de treinamento. Então, se você não tiver o lado da academia ao lado da universidade dificilmente você consegue desenvolver uma atividade diferente do que você já faz nos dia a dia.

e) Entrevista Jennyfer Marques Parinos

1 – Desde 2009, você pratica o tênis de mesa bocha. Quem foi o grande incentivador para praticar a atividade paralímpica?

Eu comecei em 2009, com a minha vizinha que ela tinha acabado de voltar né das parolimpíadas de Pequim, ela jogava tênis de mesa também e ela foi me incentivando, foi me mostrando um pouquinho do esporte e me levou para treinar e desde então nunca parei.

2 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

Os principais desafios foram, com certeza, a dedicação diária porque eram muitas horas de treino e eu tinha que estar sempre concentrada e eu era muito nova e as prioridades que eu tive que escolher porque quando é criança a maioria das crianças gostam de fazer outras atividades e eu era concentrada só nos treinos.

3 – Quais são os benefícios que a prática da modalidade esportiva (tênis de mesa) trouxe para você?

Os benefícios são as viagens, pra conhecer culturas diferentes, lugares diferentes, viagens, que eu digo, para as competições, a saúde melhora com a atividade, o reconhecimento, que a gente tem também de atleta, a disciplina e a superação.

4 – Como é conciliar a prática do tênis de mesa paralímpico junto com a vida social? Quais são os pontos positivos e negativos? Conhecer novos lugares, pessoas, ficar longe da família.

Bom, hoje eu até consigo conciliar bem, mas a parte positiva disso é conhecer pessoas novas, culturas diferentes e o lado negativo, eu acho, é fazer as coisas que as pessoas da minha idade, normalmente, fazem e porque eu sempre tô mais concentrada nos treinos nas competições, eu tenho objetivos e eu prefiro focar nos objetivos hoje.

5 – Como é a sua rotina de treino? Próximo as competições, os treinos se tornam mais intensos?

O meu treino começa de manhã, com a fisioterapia às 7:30 da manhã e aí eu vou para o treino na mesa, que começa às 8:30 e eu treino até as 11:00, aí eu almoço, volto, e foi treinar as 3:00 (15:00), treino até as 6:00 (18:00) e depois vou para academia, à noite. Perto das competições, os treinos diminuem o tempo e aumentam a intensidade, por exemplo, a gente ao invés de treinar 3 horas na parte da manhã e 3 horas na parte da tarde, eles diminuem, treinam mais ou menos de duas horas a uma hora e meia, mas com bastante intensidade, sem parar, suando bastante e fazendo jogadas que a gente quer produzir nos jogos e nas competições.

6 – Como foi representar o país nos Jogos Paralímpicos e a sensação de conquistar a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos?

Representar o Brasil nos jogos, foi uma sensação única, foi incrível, eu imaginava uma competição grande, mas não porte, do tamanho que foi, foi tudo muito incrível, a Vila tava perfeita, os atletas que eu convivi, foi tudo super legal. Foi muito bom poder participar das parolimpíadas aqui, no Brasil, e ainda poder voltar com uma medalha né.

7 – A medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro pode ser considerada a sua maior conquista ou outra merece destaque? Por quê?

A medalha de bronze foi sim a minha melhor conquista, melhor dos Paralímpicos. Em 2014, no Mundial, na China, também a gente conseguiu medalha de bronze por equipes, também

uma medalha inédita, em mundiais, para o Brasil, tanto olímpico, como paralímpico totalmente foi muito importante, mas essa dos jogos paralímpicos não tem comparação né.

8 – Você recebe algum auxílio do Comitê Paralímpico Brasileiro?

A gente tem bastante apoio do Comitê Paralímpico Brasileiro e que hoje é uma autoridade do esporte paralímpico.

9 – Durante a realização dos Jogos Paralímpicos, o povo brasileiro demonstrou uma paixão pelos esportes adaptados. Você espera alguma mudança no cenário paralímpico brasileiro?

Sim, eu espero que os olhos das pessoas mudem em relação ao esporte paralímpico porque antes eles viam a gente como atleta, ah coitadinhos né, tem deficiência. E hoje, como eles viram né as parolimpíadas aqui no Brasil, eles viram que a gente é atleta normal, que a gente tem corpo de atleta, mente de atleta, a disciplina de atleta, tem tudo como um atleta normal e eu tô sentindo que vai mudar bastante a opinião deles porque eles virão realmente como que é o esporte paralímpico e que a gente tem tanto objetivo, quanto no olímpico, é tudo igual.

f) Entrevista Mauricio Gomes dos Santos

1 – Procurando informações sobre a sua formação acadêmica, não encontrei o ano de formação no ensino superior. Quando você se formou pela faculdade Educacional de Fernandópolis?

Eu me formei em fisioterapia pela Fundação Educacional de Fernandópolis, me graduei em fisioterapia, em 2005.

2 – A fisioterapia aumenta a independência dos deficientes físicos. Além desse aspecto, quais outros podem ser destacados?

Sem sobra de dúvidas a fisioterapia hoje, ela pode ajudar em toda e qualquer situação que possa trazer uma independência as pessoas portadoras de necessidades especiais, né. A fisioterapia, ao longo dos anos, se desenvolveu de uma maneira grandiosa, e hoje, a fisioterapia, ela tem recursos extremamente importantes de grande valia, a cada vez mais, ajudar na melhora dessa independência, do portador de deficiência no dia-a-dia. Além do mais, a fisioterapia hoje, dentro do contexto do esporte paralímpico, ela tem um papel fundamental de dar condições para esse atleta paralímpico desenvolver a sua atividade porque o esporte de alto rendimento, ele é extremamente desgastante. No contexto convencional, a fisioterapia já faz um trabalho extremamente importante, então você pode imaginar no contexto paralímpico, a necessidade desse atleta é ainda maior levando em consideração a sua deficiência, as suas limitações, se assim eu posso dizer, porque suas limitações, na realidade, no esporte paralímpico elas são superadas cada dia. Dentro desse quadro de superação, a fisioterapia tem um papel fundamental para que esse atleta possa se desenvolver dentro da modalidade, no qual ele pratica a fazer tudo de maneira mais perfeita possível. Então, a fisioterapia tem com certeza um papel fundamental no contexto paralímpico.

3 – Quando surgiu a possibilidade de integrar o quadro de colaboradores do Comitê Paralímpico Brasileiro?

Então, essa oportunidade como eu havia dito, ela surgiu em meados de 2010 para 2011, eu já havia saído da cidade de Fernandópolis, onde me formei, e um professor meu dessa faculdade que já trabalhava no contexto, no comitê paralímpico, ele me fez um convite, na verdade, ele me indicou, né, ele me indicou junto ao Comitê para que eu fizesse um teste lá junto a seleção de natação. Eu já morava na cidade de Campinas, e moro hoje na cidade de Campinas fui até São Paulo, onde estava tendo a semana de treinamento, né, com a seleção brasileira de atletas permanentes, com atletas do Brasil inteiro, estavam hospedados em São Paulo para uma série de baterias de exames e testes físicos e

treinamentos, né. Particpei de toda a rotina desde treinamentos, reuniões e abordagens fisioterápicas né. Particpei junto com eles e toda a equipe nessa semana de treinamentos. Ao final dessa semana, o coordenador da equipe e o técnico-chefe fizeram o convite para fazer parte do grupo, da equipe multidisciplinar que até então o meu teste tinha tido um excelente êxito e de lá pra cá, eu faço parte da seleção permanente. No ano, final do ano de 2014, eu recebi uma proposta para trabalhar fora do país, fiquei o ano de 2015 todo fora nos Emirados Árabes, precisamente na cidade Dubai fui trabalhar lá e agora no começo do ano, deste ano (2016), eu retornei para o Brasil, né, por motivos da minha esposa ter ficado grávida, e nós retornamos ao Brasil e logo em seguida, fui convidado novamente a voltar a fazer parte do quadro de profissionais da equipe e desde então estou lá. Hoje faço parte novamente.

4 – Quais são os principais benefícios da prática da atividade esportiva para as pessoas com deficiência?

O esporte hoje, ele vem de uma forma brilhante pra poder ajudar as pessoas com deficiência, né. A autonomia que o esporte traz para as pessoas é fundamental, né. Então, a pessoa com deficiência hoje, ela procurar buscar uma forma de praticar qualquer tipo de atividade física que é muito importante ressaltar respeitando muito a limitação da deficiência dela vai só ajudar muito, vai agregar muito. Então é muito importante esse atleta, esse deficiente, ele dentro do contexto no qual ele vive a sua cidade, as suas condições, aquilo que a cidade e o município oferecem né, no esporte adaptado, ele pode desenvolver esse esporte, com certeza, vai suprir ele em muitas coisas, né, desde o desenvolvimento músculo esquelético até no psicossomático né, socialmente falando na questão do intelecto, então, esse atleta tem muito a ganhar. Já o contexto paralímpico, nós tratamos de um esporte de alto rendimento, quero deixar bem claro que o esporte paralímpico hoje, ele está num nível altíssimo de treinamento, de qualidade, então, é algo realmente muito (muito) (muito) competitivo né, então, o esporte vem contribuir e muito com essa pessoa com deficiência.

5 – Qual a importância da fisioterapia para o esporte paralímpico?

O esporte paralímpico hoje, ele tem se tornado cada dia mais competitivo. Ele tem atingindo níveis impressionantes de performance. Isso eu falo com muita propriedade dentro da natação. Os jogos de Londres de 2012, já mostrou um nível absurdo dos atletas né. E isso veio confirmar nos Jogos do Rio 2016. A natação paralímpica hoje, ela está no nível de excelência muito grande. Dentro das condições desse atleta adaptado né, com deficiência, ele é exigido no seu máximo né, ele tem mostrado os resultados assim absurdamente fortes dentro da água. Então, o que eu posso dizer hoje no contexto paralímpico, a fisioterapia tem papel fundamental nisso, porque os treinos são extremamente duros e eles precisam ter uma manutenção, um trabalho preventivo para suportar esse treino extremamente forte. Então, a fisioterapia hoje dentro do contexto paralímpico, dentro do Comitê Paralímpico hoje, ele tem um papel fundamental, extremamente importante. Ele visa dar condições para que esse atleta suporte as grandes necessidades de treino, essa grande exigência de treinamento. O contexto paralímpico hoje ele está saindo de uma condição amadora e hoje tá num nível de profissionalismo altíssimo. A fisioterapia sem sombra de dúvidas tem um grande papel nesse crescimento e ficamos muito contentes em participar dessa grande revolução.

6 – Como é o cenário de mercado para esse tipo de segmento que compreende a fisioterapia para as pessoas com deficiência?

O mercado, hoje, ele está mais competitivo né, não somente para a fisioterapia, mas como qualquer área profissional. O contexto paralímpico, o esporte adaptado, né, ele realmente tem uma carência de profissionais, né, principalmente, na fisioterapia, né, tanto é que já existe hoje projetos fomentados dentro do Conselho Federal de Fisioterapia para que se faça aprimoramentos e formações específicas aos profissionais de fisioterapia dentro do contexto paralímpico, né. Então, sem sombra de dúvida, o mercado está carente disso, na fisioterapia, na área da educação física, em treinadores que queiram trabalhar com atletas

paralímpicos. É a estrutura de tratamento, de treinamento, ele não muda muito, a base é a mesma coisa. É preciso você entender as patologias, as limitações que ela impõe e dentro dessa limitação, eu poder ter condições de explorar esse atleta ao máximo, nós não admitimos hoje chama-los de atletas paralímpicos ou atletas adaptados, não eles são atletas, paralímpicos, mas atletas, não há outro termo que a não ser esse, eles são atletas né, com modalidades diferentes, contextos diferentes, mas são atletas. Então, ele não é deficiente, mas atleta paralímpico, tá essa é a forma de dizer, ele é um atleta como qualquer outro e dentro das condições deles, ele é exigido no seu máximo.

É muito importante o surgimento de profissionais capacitados nesse meio cresça porque nós somos carentes disso, todos os profissionais que hoje fazem parte do quadro de profissionais do Comitê Paralímpico são apaixonados pelo que faz porque eles ali descobriram universo novo, extremamente promissor e muito bonito, gratificante. Então, eu vejo o mercado como promissor para o esporte paralímpico. A tendência que isso ganha, ganhe ao longo dos anos uma proporção ainda maior, o legado deixado nos jogos do Rio, com certeza, vai incentivar e trazer um surgimento de novos atletas né. Então, acredito que, com certeza surgirão pessoas que até então se achavam incapazes que não tinham nenhum tipo de perspectiva e que sua vida se limitasse apenas ali na sua cadeira de rodas ou nas suas muletas, ou nas suas limitações. O esporte veio para quebrar isso, o esporte paralímpico veio para dar asas as pessoas, dar liberdade, então, da mesma forma que é fundamental o surgimento de novos atletas também é muito importante o surgimento de profissionais capacitados para trabalhar com esses atletas. Eu vejo esse quadro um futuro como promissor.

g) Entrevista Miracema Ferraz

1 – Como você começou a praticar o atletismo? Quem foi o grande incentivador para praticar a atividade paralímpica?

Bom, eu conheci o esporte através de uma associação chamada Clube dos Paraplégicos, no Rio de Janeiro, em que o pessoal que era deficiente físico lá praticava esporte.

O incentivo foi através dessa associação porque eles usavam o esporte como meio de reabilitar o deficiente a sociedade. Então, o esporte era uma forma de mostrar que o deficiente poderia agir como qualquer outra pessoa e superar os seus limites também, então, o incentivo, na época, veio através do Aldo Miccolis que foi um dos fundadores da Ande que trabalhava como desporto para cadeirante.

2 – Quais foram os benefícios que a prática do atletismo trouxe para você?

Os benefícios foram vários né tipo melhora nossa coordenação motora, nos ajuda a viver melhor porque quando o deficiente, ele pratica esporte ele consegue se adaptar melhor no meio e no ambiente social, tipo, às vezes, precisa pegar ônibus, precisa nos virar né, fazer os afazeres de casa. Então, tudo isso aí, melhora nossa cabeça, a autoestima. Então, o esporte, ele vem melhorar a nossa condição física né porque a gente tem que praticar exercícios é como se fosse um esporte como outro qualquer, ele melhora a nossa capacidade em tudo tanto, por exemplo, o esporte me ensinou a ter determinação, força de vontade e não abaixa a cabeça para a dificuldade, enfrentar o dia a dia.

3 – Ainda existe pouco apoio governamental ao esporte paralímpico, durante a sua participação em Stoke Mandeville, em 1984. Existiu algum tipo de apoio financeiro para a sua participação nos Jogos Paralímpicos?

Não, pro atleta não, a gente tinha apoio tipo é para uniforme, para cadeira, pra suporte de treinamento, mas para o deficiente físico em sim, não. A gente sempre teve que trabalhar e praticar o esporte. Hoje em dia, tá um pouco melhor, mas assim mesmo nós que somos os veteranos que praticamos lá atrás não tive ajuda espécie nenhuma. Até hoje mesmo, a gente tem que se virar trabalhando é com nosso próprio esforço, não temos ajuda de nada e os atletas novos eles ganham sim, mas não tem muito apoio vamos dizer assim em todos os lugares e nem todos os locais só é para alguma classe de deficiente físico.

4 – Qual foi a sensação de ser a primeira atleta paralímpica a conquistar seis medalhas em uma única edição dos Jogos de Stoke Mandeville, em 1984? Qual foi a sensação que você sentiu em representar o Brasil e conquistar as medalhas?

Bom, como eu falei para você, é a base de esforço né. Então, eu antes de conhecer o esporte, eu tinha vontade de ser atleta só que é imagina uma pessoa andando de cadeira de roda, achar que pode ser uma atleta no futuro. Então, que acontece quando vi essa oportunidade na minha frente eu mesmo sem ter muito suporte, as cadeiras eram de péssimo, pelo menos na minha na minha classificação, eram cadeiras que não dava muita condições para você competir com outros países, outras pessoas de outros lugares, então, eu me sentir bem porque eu só contava com a ajuda, que era de Deus, então, eu pedia muita força a Deus e eu conseguir praticar e ganhar essas medalhas, vamos dizer assim sobrenatural porque minha condição física não tinha nenhuma né, muitas vezes, a gente não tinha alimentação direito para poder tá treinando, eu tinha que pegar o ônibus, eu tinha que fazer muita coisa. Então, ganhar essas medalhas para mim foi uma questão de honra embora o meu país não valoriza tanto assim né, mas o que podia dar de mim eu dei. Então, eu fico feliz de ter conquistado.

5 – Quando você decidiu parar de competir? Você estava preparada para isso?

Bom, eu fui praticamente obrigada a parar de competir é mesmo me sentindo bem mesmo me sentindo uma pessoa capacitada. É, na época, houve certa discriminação dentro do próprio grupo porque eles achavam que dependendo da deficiência a gente chamaria muita atenção, como é que eu vou te explicar, eu sou um pólio, então, o que acontece eu sou na classificação geral eu sou 1B que é um pólio, tipo ele classificam por deficiência, então, eles achavam que eu e algumas pessoas que eram classe baixas que se chamavam assim, estariam agindo feio entendeu perante as pessoas, então, eles tipo não me convocaram mais não que eu não pudesse competir. Hoje, eu garanto para você se eu pudesse fazer alguma coisa estaria fazendo, mas existe certa discriminação, hoje em dia, então, começou a levar as pessoas que eles achavam que era interessante levar, com porte físico, essas coisas assim. Então, eu não tava preparado ainda para parar né. Eu acho que ainda daria muitas medalhas ainda pro Brasil, mas, infelizmente, eu fui forçada a isso e depois eu casei também aí fui ter filhos, então, eu resolvi parar.

6 – Você recebe algum auxílio do Comitê Paralímpico Brasileiro?

Não, não recebi e não recebo auxílio nenhum, muitas vezes, eu vou para a rua vender bala para poder pagar minhas conta entendeu. Eu fiquei sabendo, não sei se é verdade ou não, porque ninguém fala, é uma coisa fechada, mas houve uma aposentadoria que deram pros atletas que tinham medalhas a nível internacional. Eu sofri um assalto e, desde então, eu não tenho recurso nenhum entendeu, inclusive eles não me deram ajuda nenhuma.

7 – Gostaria que você comentasse o cenário paralímpico de Stoke Mandeville em que você participou e atualmente? Você percebeu alguma mudança significativa com relação aos equipamentos, apoio e preparação dos atletas para as competições?

Eu achei interessante lá é uma vila que segundo a história né, nós procuramos saber, eram pessoas que viam de guerra, e lá, a coroa dos reis lá resolveram formar uma vila e ajudar essas pessoas para poder se integrar à sociedade, eles competiam que eram veteranos de guerra, que sofreram consequências né, sequelas devido à guerra, então, eu achei um lugar interessante. É o país lá, também os países de fora né, eles dão um auxílio muito bom pros atletas, os atletas lá é equiparada de igual pra igual, ou seja, todos os atletas são consideradas igual, tem ajuda do governo, as cadeiras são fornecidos pelo governo, transporte. Muitos deles não trabalho, vivem só para o esporte, ganham ajuda e isso para mim foi uma coisa que eu achei o máximo, coisa que às vezes, a gente aqui ganhamos com nosso esforço e, às vezes, não é reconhecido. Isso fez uma diferença muito grande, mas de qualquer forma é o meu país, eu amo o Brasil, mas sinceramente falando, eu acho que eles deveriam dar mais valor, até porque é um grupo de pessoas, não menosprezando os

andantes não, que eu falo andante, cadeirante, não é menosprezando não, mas é que ganham muitas medalhas, sabe se esforçam muito e, às vezes, o material mesmo inferior, eu digo, até na parte do atletismo que eu pratiquei esporte, mas foi no atletismo mais, aí mesa e atletismo, então, cadeira de roda para a gente poder competir é muito cara e eu não tinha dinheiro para comprar uma cadeira decente para competir, então, eu vejo que eu lutei o que pude, por isso te digo que Deus me ajudou em tudo porque as medalhas que eu tive foram justamente, medalhas que foram Deus que me deu eu considero que seja ele que me deu.

8 – Como você analisa o futuro dos atletas paralímpicos e o cenário nacional posterior à realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016?

Bom, eu analiso assim, eu ainda acho muita dificuldade. Existe ainda, muita discriminação, é os atletas, tenho certeza, que só são lembradas no momento da competição, mesmo volta aí, eles apresentam a medalha que eles ganharam, entendeu, mas ainda falta muita coisa eu acho que o esporte deveria não ser amador, mas ser profissional, como todo mundo. É uma coisa que me chamou atenção que durante a Olimpíadas né, aqui, no bra, no Rio de Janeiro, a abertura foi toda apresentada na televisão para que todo mundo pudesse ver, já as Paralimpíadas que foi muito bonito, quem foi, disse que foi muito bom mesmo, não foi, a rede, a mídia não apresentou pra gente poder ver, entendeu, mas eu acho que há muita discriminação, muita falta de consideração com o atleta e por isso, mesmo o um nível também cair, é porque como é que a gente vai se esforçar tanto por alguém que não dá valor. Eu acho que eles deveriam dão valor e um carinho, a mídia, em si, é como se vamos supor por mais que eles digam que não existe preconceito, existe preconceito no meu dia a dia, existe preconceito, se eu quiser treinar, transporte, alimentação, mas não são todos os atletas que têm e o futuro fica comprometido porque os novos que agora estão se lançando, esses novos, como que eles vão sobreviver? Como que eles vão se destacar? Ele só dão para aquele tem medalha, mas ele tem que dar para que eles também que estão se esforçando, tem que ter mais investimento, entendeu.

E além do mais, também, e se eu te falar que eu não sei direito o quadro de medalhas da paralimpíadas, que na televisão não deu, eu não sei, nas provas também não passou as provas, aonde o Brasil ganhou medalhas, pelo menos eu não vi nada, aqui na tevê e o dia de competição também e dizem que foi para uma colocação boa, mas nem o encerramento nada, não foi falado nada, para dizer a verdade, a gente só sabe através daquelas pessoas que foram lá e viram, fora disso, não sei nada. Então, é assim que eles tratam entendeu. Então, eu acho que deveria ter um pouquinho mais de carinho com esses atletas, afinal de contas, a gente faz aquilo além, é como se você, não tem, não sei como é que eu posso te explicar, mas é que um atleta cadeirante, ele faz além do que ele pode fazer, se um atleta normal ele supera limite, a gente supera limite dois que é o limite do limite, é algo assim que a gente tenta mostrar para as pessoas que a gente é normal igual a todo mundo que a gente é capaz, igual a todo mundo, e, às vezes, a gente faz até um pouco melhorar porque a gente não tenho o que oferecer, a gente é tão discriminado que a gente dá o melhor, não importa tanto pra gente quanto para os outros também. E o atleta é atleta independente de andar numa cadeira ou de andar de uma muleta ou uma perna mecânica, ele é atleta, nós somos atletas todos os dias né. Eu digo a todo mundo, eu só atleta todo dia porque todo dia eu tenho que passar por cima de uma barreira, de um obstáculo, eu tenho que vencer a corrida da vida e para mim o maior presente, eu até gosto de você de ser deficiente porque às vezes eu vejo pessoas dita normal que tão bem menos, nunca, não valoriza o que eles têm e a gente às vezes não tem nada, ele tem que valorizar o que a gente tem que. Eu gosto muito de ver e se eu pudesse um dia trabalhar, eu trabalharia para ajudar deficiente físico, esses novos que estão chegando agora.

h) Entrevista Paulo Cesar dos Santos (Jatobá)

1– Como o esporte surgiu na sua vida após o ocorrido?

Né, surgiu, eu sofri o acidente aos 10 anos de idade e como sempre fui muito envolvido com esporte, jogo desde criança, sempre jogava bola, joguei no mirim dos Santos né. Meu pai era técnico de futebol varzeano, então, sempre tive muito envolvimento com o esporte e aí o paradesporto apareceu na minha vida, o vizinho meu né, sempre Renato Sabino, foi uma pessoa que sempre me levava para nadar nos clubes lá, em Santos, e aí, foi quando ele me apresentou a Adifisa, Associação dos deficientes físicos de Santos, e aí, foi quando eu comecei a praticar natação, e logo depois, conheci o basquete né dentro da própria entidade.

2 – Você praticou natação antes de chegar ao basquete em cadeira de rodas, como surgiu a oportunidade de desenvolver a atividade esportiva em alto rendimento?

Então, a oportunidade apareceu é como eu falei, anteriormente, na própria entidade já iniciou o basquete e foi quando eu comecei a jogar, fiquei apaixonado, um ano depois, já tinha sido pré-convocado, já participando do campeonato, já foi pré convocado né. E aí quando comecei a jogar na seleção comecei a me dedicar, naquela época, a gente não tinha tanto apoio né, os atletas, praticamente tinha que custear a sua vida diária, graças a Deus, minha mãe e meu pai sempre me deram total apoio em tudo que eu fiz e tinha certeza que era isso que eu queria pra minha vida.

3 – Como é a rotina de treinos?

Aqui no CAD (Clube Amigos dos Deficientes) né, aqui em São José do Rio Preto, nos treinamos todos os dias todos os dias né todos, durante a semana, de segunda a sexta, das 15:00 às 18:30 horas, três horas e meia de treino e nos dedicamos muito a isso, pra que a gente alcance nosso melhor resultado, a dedicação é muito grande, tirando que a gente tem sempre vários atletas aqui de São José do Rio Preto do CAD (Clube Amigos dos Deficientes) representando a Seleção Brasileira, sempre temos grandes profissionais qualificados para postar o melhor treino possível para que a gente consiga melhor desempenho. Nós somos o atual campeão sul-americano e atual campeão brasileiro e agora já estamos na final, nesse ano, no Campeonato Paulista.

4 – A seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas conquistou a quinta colocação nos Jogos Paralímpicos. Essa é a principal conquista da seleção ou outra competição merece destaque? Por quê?

Nós temos várias outras competições temos sul-americano, parapanamericano, Copa América né, o Brasil já ficou em terceiro no parapanamericano que aconteceu no Rio de Janeiro, em 2007, fomos tri campeão sul-americano e da Copa América sempre fica entre os quatro melhores equipes, mas essa colocação né, campeonato, tirando Mundial, também que existe né, mas a paralimpíadas é o top né da competição do basquete em cadeira de rodas, aonde todas as equipes, todas as seleções almejam estar, todos os atletas sonham em poder participar e a gente conseguir esse feito né, saiu, não participamos na paralimpíadas, em 2012, então, quer dizer já tinham 12 equipes a nossa frente, muito mais né e chegar na paralimpíadas aqui, no Brasil, e conquistar o quinto lugar isso foi um feito um maravilhoso. O Brasil nunca havia passado tá numa fase de classificação né, na primeira, da primeira fase e a gente passa dessa primeira fase e ficar em quinto lugar. Também acho que temos muito trabalho ainda né, é sempre grande seleções, mais hoje, estamos a um nível de qualquer seleção do mundo. Espero que o Brasil possa vir a frente conquistar títulos, medalhas e trazer muito orgulho para o Brasil.

5 – Você recebe algum tipo de auxílio da CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro)?

O basquete, como é um esporte coletivo, em relação a receber algum auxílio, principalmente, do comitê paralímpico, nós não recebemos auxílio algum, nós como atletas, nós temos sim, através do Ministério do Esporte que é o auxílio da bolsa atleta, mas é uma minoria que têm esse privilégio né, geralmente, são atletas da seleção brasileira ou que participa de uma paralimpíadas ou quando o Brasil fica entre as três melhores em qualquer torneio internacional. Infelizmente, isso é muito ruim né para o desenvolvimento,

principalmente, na modalidade basquete, onde temos mais de cento, mas quase cem equipes registrada pelo comitê, pela Confederação Brasileira de Basquete, CBBC e outras tantas que não participam e se colocar em quantidade de atletas é muito grande né. Então, somos uma minoria que têm esse privilégio de ter essa bolsa através do Ministério do Esporte e, infelizmente, o Comitê Paraolímpico, nós temos, não temos apoio algum em relação a isso né, o Comitê Paralímpico faz sim o desenvolvimento, apoiando né, em relação, a fase de treinamentos, em relação à logística de tudo né, mas em relação a algum tipo de auxílio, não temos nenhum.

6 – Você desenvolve algum trabalho remunerado fora do universo esportivo?

Então, eu faço trabalho fora desse, não do meio esportivo né, a gente tem aqui, em São José do Rio Preto, na secretaria municipal de esportes, fazendo a coordenação de esporte para a pessoa com deficiência, onde a gente tem outra remuneração, através disso, mas também, alguns tipos de palestras, mas geralmente, são poucas, e eu, geralmente, nem cobro as palestras que eu faço, sempre revento os valores para a entidade, mas o que a gente tenta conquista, a gente tenta ganhar né, a gente sobrevive da melhor forma.

7 – Após o encerramento da carreira paradesportiva, o que você pretender fazer?

Assim, eu já sou muito envolvida no meio político, do político que eu falo, do paradesporto né, eu pretendo dar continuidade porque sou fundador do CAD (Clube Amigos dos Deficientes), em São José do Rio Preto, fui presidente já da Federação Paulista, sou presidente do conselho municipal da pessoa com deficiência, aqui, em São José do Rio Preto, vou dar continuidade, nesse segmento, da luta da pessoa com deficiência, seja ela através do esporte, de empregabilidade, dessa socialização, a gente, pretendo dar continuidade nisso, de repente, um dia dê oportunidade de estar ajudando diretamente né na Confederação Brasileira de Basquete ou Comitê Paralímpico, a gente sempre pensa um pouco mais, eu quero tá envolvido dentro desse meio porque foi um meio que me trouxe, que me resgatou né, o esporte, o paradesporto e a gente espera ter essa oportunidade de poder cada vez mais ajudar, com uma excelência grandiosa para que as pessoas com deficiência possam ter a reintegração através do esporte, beleza.

i) Entrevista Raysa Cappelin Costa

1 – Como você se identificou e começou a trabalhar com esse público?

Eu acredito que pra trabalhar com paralímpico, na verdade, assim apesar de eu ter que gostar, de eu ter um porquê de tá aqui. Eu acredito assim que eu tenha sido escolhida para estar aqui, não são todas as pessoas que sentem vontade de trabalhar com paralímpico e muito menos que se realizem trabalhando nesse esporte.

2 – Qual a importância da atividade esportiva para as pessoas com deficiência?

Ah, é muito importante porque não só fisicamente falando no desenvolvimento fisiológico e muscular deles, mas assim, o social deles melhora muito com o treinamento, com as competições. Eles se sentem importantes, lá eles são mais importantes do que são no dia-a-dia, então é muito importante para eles.

3 – A Associação Bauruense de Desportes Aquáticos (ABDA) possui uma estrutura que seguem padrões internacionais, como a Arena ABDA que oferece todo o recurso necessário para o desenvolvimento da atividade física em alto rendimento. Qual é a importância de uma estrutura adequada para a realização dos treinos e o que essa estrutura pode trazer de benefícios aos atletas?

A estrutura que a ABDA tem hoje é uma estrutura de porte mundial pra trazer diversos campeonatos para cá. Pra a gente é muito importante porque a condição de treinamento que a gente tem é muito melhor do que eu tinha antigamente, a piscina é muito melhor, a água é muito melhor, é aquecida. Nós temos os materiais que nós precisamos aqui, que são os equipamentos que eles usam durante os treinos, como pé de pato, palmar, paraquedas,

nadadato, enfim, a gente tem todo esse apoio. E para a gente foi muito bom, trouxe uma visibilidade muito grande não só para a ABDA, mas para o paralímpico que não aparecia antes. Na verdade, sempre foi muito difícil da gente aparecer e agora nós estamos aparecendo, nós estamos com resultados bons, aí nos brasileiros. Então, a estrutura influencia muito no que tudo o que tem hoje e que o que a gente se tornou.

4 – Os Jogos Paralímpicos trouxeram à tona a paixão do brasileiro com os esportes adaptados. Você espera que haja uma mudança no cenário paralímpico brasileiro a partir dos Jogos?

Espero não, já tá tendo uma mudança muito grande. A procura pelo esporte paralímpico aumentou muito, principalmente, aqui em Bauru, que antes nós não tínhamos procura nenhuma, na verdade, a gente ia atrás dos atletas. Hoje, já tem atletas me procurando querendo saber como que faz para participar, ah, mas eu sou velho, mas são inúmeros, ah, que eles colocam inúmeros empecilhos, mas que a gente sempre dá um jeitinho de eles estarem aqui. Eu acho bem legal eles estarem procurando.

5 – Qual é a importância da abertura das classes (modalidades) para as pessoas com deficiência, no sentido de haver uma maior abertura, uma maior busca dos atletas em participar das atividades, estarem presentes, não só competindo, mas também se socializando? Qual é a importância?

É muito importante, porque eles não nascem com a patologia ou com a deficiência física ou visual, independente da deficiência que for, pode ser deficiência aconteça no durante a vida deles, e é uma mudança de hábitos, uma mudança de tudo que você faz na vida muito grande na realidade, para uma pessoa que enxergava e teve alguma patologia e que por algum motivo deixou de enxergar, essa patologia foi muito grave, vai ser persistente, vai ser uma cegueira total ou não. Isso daí influencia totalmente, quando vai praticando algum esporte que traz a sociabilização de volta, faz toda a diferença. A pessoa não vai estar mais em casa, vai buscar fazer uma faculdade, ela não é mais o cara que ficou cego, ele é o campeão de natação agora.

6 – Os nadadores paralímpicos Matheus Ribeiro e Lucas Simões conquistaram as medalhas no Circuito Caixa Paralímpico de Natação, realizado no mês de Março. Esses nadadores são as grandes promessas do ABDA para os próximos eventos esportivos e também Jogos Paralímpicos?

São, eles são sim. O Matheus Ribeiro, ele tá pré-selecionado para os parapan jovens no começo do ano que vem, se tudo der certo no próximo nacional, que vai ser em novembro, a gente consegue essa classificação dele. Ele foi selecionado em meio a outros paratletas jovens, e eu tô com uma boa expectativa em relação a ele. O Lucas Simões, ele foi muito bem na seletiva paralímpica pros Jogos, né. Infelizmente, a gente não conseguiu assim por conta de três segundos ou um pouquinho menos, aí que ele conseguisse uma vaga, mas nós estamos muito confiantes também com os treinos que estamos realizando pro próximo ciclo olímpico.

j) Entrevista Sandro Laina Soares

1 – Como foi o início da prática da modalidade paradesportiva, no caso o Futebol de Cinco? Quem foi o grande incentivador seu?

Então, na verdade, eu não tenho um grande incentivador, cara, na verdade, a gente no Instituto Benjamin Constant onde eu estudei por ser uma escola voltada para as pessoas com deficiência visual, a gente tem, a gente experimenta todos os esportes, então, eu passei por todos os esportes possíveis para cegos, atletismo, natação, goalball, futebol, judô e acabei ficando no futebol por ter gostado, né, eu acho que é o sonho de todas as pessoas, sonho de quase todo o brasileiro, de modo geral, é jogar futebol, vai 90% dos brasileiros tem aquele sonho de jogar futebol. Então, a gente acaba identificando uma certa qualidade e acabei ficando por lá. Quando eu comecei a jogar, quando comecei a jogar lá no Benjamin a

gente sempre se destacava, inclusive jogando com pessoas mais velhas, e aí eu acabei achando que ali ia ser, ali eu teria algum futuro. De verdade mesmo, eu atuei jogando futebol, goalball e correndo fazendo atletismo por uns dois, três anos, depois larguei o atletismo de 93 até 96, larguei o atletismo e fiquei só com o goalball e o futebol. No goalball, eu fui aí com o goalball até 2002 foi o último campeonato que eu fui de goalball, e aí depois, eu fiquei só com o futebol que foi na hora, no momento que comecei a trabalhar e não tinha mais tempo para atuar nas duas modalidades e aí eu fiquei só com o futebol.

2 – As duas medalhas de ouro conquistada em Atenas, em 2004, Pequim, em 2008, podem ser consideradas as suas maiores conquistas ou existem algumas outras conquistas que merecem destaque? Por que delas?

Cara, esportivamente sim, eu citaria mais duas outras também. Eu citaria o parapan, em 2007, no Rio, já que foi um evento na minha cidade, perto da minha família, então, ela tem um apelo emocional muito forte, muito grande. E eu cito também em 2010, o Campeonato Mundial de 2010, que foi a minha última competição, foi a última vez em que eu pisei em uma quadra que disputei um jogo oficial. Então, são dois eventos que tem um apelo emocional muito forte para mim.

3 – Como você analisa o cenário antigo (início das suas atividades paradesportiva) e atualmente? Você percebe alguma grande mudança no cenário paralímpico? Existe um maior incentivo por parte do governo?

As mudanças são notórias, antigamente, ninguém sabia que existia esporte paralímpico, muito menos futebol de cegos, até porque o futebol de cegos, na época, que eu comecei a competir nem fazia parte do programa dos Jogos Paralímpicos. Hoje, a gente tem, em especial depois dos Jogos Paralímpicos, dos Jogos Paralímpicos do Rio, a gente tem a convicção que sei lá, não existe uma pesquisa sobre isso, mas eu arrisco a ti dizer que 80% a 90% da população brasileira sabe que existe esporte paralímpico e conseguiria te citar um atleta paralímpico independente da modalidade. Era algo para ser pesquisado, sei lá, via lbope, via essas empresas de coleta de dados. Então, a gente tem hoje, verdadeiramente, muito mais visibilidade, muito mais reconhecimento do que tinha antes. E existe também muito mais recurso, né. Antigamente, quando iniciei a prática esportiva, a gente não tinha recurso garantido, como a gente tem hoje da Lei Agnelo Piva, a gente não tinha os incentivos federais, estaduais e até municipais, através das Bolsas-Atletas, através de ações, como Bolsa Pódio, Bolsa, Plano Brasil Medalha e outras ações governamentais. O que na verdade ainda não está acontecendo, não acontecia antes, e continua não acontecendo, lamentavelmente, é o reconhecimento das empresas privadas, hoje, o esporte paralímpico assim como antes, hoje o esporte paralímpico vive exclusivamente de incentivo e financiamento público, são raras as ações com o financiamento privado, então para nós, ainda é uma tristeza e um certo desapontamento por conta disso, mas eu acho que a gente tá caminhando para mudar esse cenário, não sei, não consigo te dizer quando a gente muda, se muda agora, imediatamente, mas a gente está caminhando para mudar esse cenário, em especial, no futebol, como eu te disse, uma paixão nacional e o nosso esporte, especialmente, tem resultados muito significativo que eu se empresário fosse, com certeza, aplicaria, investiria recursos na seleção, no esporte, na modalidade.

4 – Quando você encerrou a carreira esportiva? Você estava preparado para isso?

Eu acho que são poucos os atletas que estão preparados para encerrar a carreira esportiva. Eu para a minha sorte talvez, eu tive a oportunidade de encerrar a carreira dentro de quadra e imediatamente ser guindado, alavancado, empurrado para dentro da gestão do esporte. Então, isso de algum modo, até me trouxe um alento, me trouxe uma certa um certo conforto. Eu não digo que refleti bastante, mas eu senti bastante não poder competir, a primeira competição que eu fui logo depois que parei de competir já como presidente da CBDV (Confederação de Desportos de Deficientes Visuais), me deu uma certa palpitação, porque, na verdade, você sempre tem aquela vontade de tá dentro de quadra, o atleta ele nunca, ele senti muito quando não pode tá dentro de quadra, quando ele não está fazendo o

que ele gosta, tinha obviamente, um prazer imenso em jogar futebol, mas eu acho que o fato de eu ter ido, ter sido convidado, ter tido a oportunidade de estar diretamente envolvido com a gestão esportiva, me deu uma certa, um certo conforto em relação a isso, eu tenho convicção de que se não tivesse vindo para a gestão, não tivesse vindo para o trabalho fora de quadra, mas ainda conectado com o esporte, com o esporte paralímpico, eu acho que teria sofrido um pouco, eu imagino.

5 – O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) oferece algum auxílio financeiro para você ou não?

Na verdade, o Comitê Paralímpico Brasileiro é o nosso grande, é o nosso grande capitão, né. Se a gente atua todo o trabalho que a gente faz é com o apoio e com o indicativo do Comitê Paralímpico Brasileiro, a gente, obviamente, tem autonomia esportiva, autonomia política, autonomia técnica, mas a gente tem um estreito relacionamento com a área técnica, com a área política do Comitê Paralímpico Brasileiro em todas as nossas áreas, tanto na área financeira, então, todo o apoio de gestão, todo o controle orçamentário, tudo mais e também no que diz respeito a captação de novos recursos e tudo mais. Então, o Comitê Paralímpico Brasileiro, ele não só dá esse apoio técnico que ele nos dá, mas ele também é o órgão que recebe os recursos da lei Agnelo Piva e faz a redistribuição desses recursos. Então, eu poderia te dizer que apesar dos recursos serem por força da lei da CBDV dos esportes de cegos, goalball, futebol e do judô, ele passa antes pelos cofres do CPB e através de projetos bem estruturados, e tecnicamente de qualidade técnica é que a gente consegue alcançar esses recursos da lei Agnelo Piva. Além disso, também é através disso do patrocínio da Caixa, das Loterias Caixa que é recebido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro e através desse patrocínio, o futebol de cinco e o goalball também são contemplados. Então, na verdade, a gente tem uma relação muito estreita e o Comitê Paralímpico Brasileiro é bastante importante nesse trabalho que é feito pelas confederações, em especial, pelo CBDV.

6 – Além de ser presidente da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Você desenvolve alguma outra atividade remunerada?

Na verdade, eu só exerço uma única atividade remunerada que eu sou analista de sistemas do Ministério Público do estado do Rio de Janeiro. Aqui na CBDV, até por eu ser funcionário público, eu não recebo remuneração.

7 – Como é o trabalho da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais em parceria com Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)? Existem políticas que incentivam os atletas paralímpicos?

Sim, então a gente faz parte do subsistema paralímpico brasileiro, então, todo o trabalho, a gente no início de cada ciclo a gente faz uma avaliação de todo trabalho que foi feito no ciclo anterior e a gente projeta o próximo ciclo. Isso faz parte do planejamento do esporte paralímpico brasileiro que é enviado que o comitê envia para o Ministério dos Esportes e pra Casa Civil. Esse trabalho conjunto ele, obviamente, ele parte dos resultados alcançados e projetando todas as ações do ciclo para que a gente busca, pra que a gente alcance os resultados que a gente se propõe a alcançar. Então, o CPB atua viabilizando que tudo isso que todas as ações que a gente deseja para que a gente alcance que a gente busque os resultados que a gente projeta e que planeja o CPB trabalha viabilizando essas ações. Então, seja com o suporte técnico para algumas atividades, seja buscando e ajudando a gente a captar recursos no Ministério do Esporte, através de editais e de projetos nos Ministério do Esporte ou em qualquer outra ação, em qualquer outro projeto, qualquer outro financiador, eventualmente, Caixa e tudo mais. Então, a gente busca planifica as ações e com base nessa planificação, o Comitê nos auxilia a buscar os recursos. Então, é um trabalho, como te disse, na resposta anterior, é um trabalho muito próximo e que graças a Deus tem dado bastante fruto.

8 – A lei brasileira de Inclusão, que viabiliza um aumento no financiamento ao esporte paralímpico, facilita o crescimento do Brasil na próxima edição dos Jogos a ser realizada em Tóquio em 2020?

Sim, sem sombra de dúvida, o aumento do recurso destinado ao Comitê Paralímpico Brasileiro e ao movimento paralímpico é essencial para um bom trabalho no próximo ciclo e nos próximos ciclos, não só em 2017 a 2020, mas também 21-24 e 25-28. Muito mais até do que propriamente o aumento dos recursos, mas a gente pode estar apontando até o Centro Paralímpico Brasileiro, parte importante desses recursos, que a lei brasileira de Inclusão injetou no esporte paralímpico brasileiro serão utilizados para a manutenção do Centro de Treinamento Paralímpico, lá em São Paulo. Esse centro de treinamento paralímpico deve ser o grande alavancador do esporte paralímpico brasileiro, oferecendo uma estrutura de altíssimo nível em todas as áreas fisiologia, técnica, nas arenas esportivas equipamentos esportivos, todas as áreas, dando aí possibilidade de gente, não só diminuía os custos com treinamento de alto nível, treinamento das seleções de base, mas também em alguns eventos que a gente pode fazer lá, já que o centro de treinamento tem uma estrutura para receber eventos de alto rendimento. Então, eu acho o centro de treinamento é a grande cereja dos próximos ciclos que a gente tem que utiliza-lo em sua plenitude, e eu acho que dessa forma que a gente vai continuar crescendo o esporte paralímpico.

9 – A parceria com as universidades proporciona o surgimento de novos procedimentos e equipamentos que melhoram o desempenho nas competições, diminuindo a diferença entre o Brasil e as principais potências paralímpicas. Como você avalia esse aspecto? Isto iguala a disputa com as grandes potências como Estados Unidos, China e Grã-Bretanha?

Então, na verdade, o Brasil já utiliza a parceria com as universidades desde 2004, eu creio, na verdade, até antes, o esporte de cegos, por exemplo, tem uma parceria de longo tempo com a Unicamp, com a UFU, a Universidade Federal de Uberlândia, e com a bom tem uma outra que não me recordo que os esportes de cegos já usam há um tempo. O esporte paralímpico, obviamente, o Comitê Paralímpico Brasileiro ampliou essa parcerias, então, hoje, a gente, além da Unicamp, da UFU e algumas universidades em Florianópolis, em Curitiba, em São Paulo, tem a Unifesp e outras universidades que fazem parte dessa parceria desse grupo de apoio técnico esportivo e obviamente, a participação do quadro universitário no esporte paralímpico amplia a nossa capacidade de desenvolvimento do esporte, trazendo de fatos novas metodologias de treinamento, trazendo novas técnicas, talvez, até modernizando equipamentos né, com estudo de biomotores, enfim, mas na verdade eu não consigo te dizer se isso reduz de fato a diferença porque os Estados Unidos, China e Grã-Bretanha já utilizam isso também. Então, na verdade, a gente continua correndo atrás e o que eu acho que vai reduzir a distância nossa para eles, eu penso que é obviamente, que a utilização a continuação dessa parceria com as universidades, mas trazendo as universidades e todo esse know how para dentro do centro de treinamento e ai sim, lá, aplicando desde o início toda a metodologia esportiva, todo o trabalho na área de biomecânica, na área de fisiologia esportiva nos atletas desde o início, desde o processo de desenvolvimento do atleta, desde o atleta mais jovem até quando ele alcançar de fato o alto rendimento, quando ele alcançar de fato as seleções adultas né. Então, eu acho que é isso pode talvez diminuir essa diferença. Hoje, o que eles fazem é o que a gente faz, o que a gente estava fazendo agora é o que eles fazem há mais tempo, inclusive, com o centro de treinamento.

k) Entrevista Talita Barbi Hermann

1 – A psicologia do esporte propõe-se a entender como os fatores psicológicos influenciam no desempenho físico. Além desse aspecto, existem outros aspectos que merecem destaque e que beneficiam os atletas? Por quê?

Além de entender os fatores psicológicos que podem influenciar no desempenho e na performance dos atletas, a psicologia também propõe o desenvolvimento das habilidades

mentais de cada modalidade pra aprimorar ou desempenhar ainda melhor a performance de um atleta. Nesse sentido, a gente faz um treinamento das habilidades psicológicas e a preparação mental dos atletas, dentro dessas habilidades psicológicas, cada modalidade vai ter as suas próprias habilidades psicológicas que se destacam, geralmente, as que tão dentro de todas as modalidades, são temas, como, concentração, autorregulação, ansiedade e depois a gente vai derivar para aquilo que cada modalidade necessita como habilidade psicológica.

2 – Quando surgiu a oportunidade de ingressar no Comitê Paralímpico Brasileiro?

Bom eu ingressei no comitê paralímpico porque eu sou a psicóloga da Seleção Brasileira de bocha paralímpica e como profissional dessa modalidade, o comitê paralímpico contrata todos os profissionais que trabalham com as devidas seleções. Então, por meio da seleção da bocha que eu ingressei no comitê paralímpico.

3 – Qual a importância da psicologia esportiva para o esporte paralímpico de alto rendimento?

O atleta de alto rendimento e ele passa por diversas situações, tanto no treinamento dele, quanto nas competições, de muita pressão em que o rendimento dele tem que ser atingido o ideal né. Então, a psicologia esportiva vem justamente nesse nicho para conseguir estabilizar o comportamento emocional do atleta, fazer com que ele mantenha a concentração, focada naquilo que é preciso e atingir um nível ótimo de ativação para que ele consiga desempenhar a melhor performance dele, em campeonato e também em treinamento.

4 – Como é o cenário de mercado para a psicologia esportiva? Existem ou faltam profissionais na área? Há uma abertura do mercado para a psicologia esportiva?

O cenário atual da psicologia esportiva, aqui no Brasil, é que existem muitas modalidades, tanto do olímpico, quanto do paralímpico, ou seja, tanto modalidades convencionais, quanto do paradesporto que necessitam do acompanhamento da psicologia esportiva. É uma área emergente, é uma área que tá crescendo muito, o que tá dificultando um pouquinho nas áreas são os cursos de especializações, que existem no Brasil, são poucos. Então, o profissional tem que ler muito literatura estrangeira, tem que ir atrás, tem que correr, tem que ser aperfeiçoar, se qualificar porque existe uma diferença de psicologia do esporte e psicologia no esporte e a gente precisa entender é de biomecânica, de fisiologia do exercício, então, precisa de muito estudo para se especializar na psicologia do esporte, mas é uma área que tem muito crescimento.

l) Entrevista Thiago Pestana da Silva

1 – Como foi começou a praticar a atividade esportiva em alto rendimento, no caso a natação?

Eu nado desde os quatro anos de idade, comecei eu e meu irmão juntos, desde 1995, em 1998, dei uma parada, voltei em 2000 e consegui a classificação para natação paralímpica, em 2009, não, em 2009, comecei a disputar a paralímpica.

2 – Quem ajudou ou foi o grande incentivou a você a começar a praticar a atividade esportiva?

Na verdade, desde criança, os pais colocaram, o médico mandou por conta da paralisia cerebral, então o médico indicou a natação como um esporte. Minha mãe e meus pais começaram a colocarem eu e meu irmão a gente para nadar.

3 – A rotina de treinos é uma prática que visa aumentar o rendimento e trazer bons resultados. Como é a sua rotina de treinos?

A rotina de treinos é de segunda a sábado, de uma hora e meia a duas horas por dia é a rotina.

4 – Você tem algum acompanhamento de nutricionista que auxilia você na atividade esportiva?

A gente tem nutricionista, fisioterapeuta, e a equipe nossa e a parte física também.

5 – Quais foram as suas principais conquistas e que merecem destaque? Por que delas?

As principais conquistas foram o terceiro lugar no Brasileiro, no ano passado (2015), esse ano peguei dois terceiros lugares neste ano (2016), no Campeonato Brasileiro Circuito Caixa Paralímpico, Caixa Loterias. E a disputa da seletiva paralímpica, em Abril, desse ano (2016) que foi a seletiva para as Paralimpíadas, no Open, em Abril, nas piscinas das Olimpíadas mesmo.

6 – Você tem algum ídolo em que você se espelha? Por quê?

Ídolo? O maior ídolo nas piscinas é o meu irmão (Daniel Pestana), ele foi o meu treinador durante muito tempo aqui e agora saiu daqui, ele foi o meu técnico durante muito tempo na natação, como amigo, esportista, técnico também.

7 – Qual a importância para você da atividade esportiva?

A atividade esportiva é muito importante porque além dos problemas que tive da paralisia cerebral e ajudaram a parte física. Também me auxilia na rotina de treinos, foco, como posso falar até para trabalhar, porque você tem que ser mais direcionado, manter o foco no serviço, essas coisas também.

8 – Defina em uma palavra o que significa à atividade esportiva, no caso a natação, para você?

Uma palavra? Como posso definir a natação pra mim. Esporte pra mim a natação é vida.

9 – Quando você encerrar a carreira esportiva, o que você pretende fazer?

Se parar, eu não vou parar, não pretendo parar, eu acho que o alto rendimento tem um limite, mas se Deus permitir, a gente vai estar sempre nadando, sempre ajudando o pessoal do PCD (Pessoa Com Deficiência) nessa parte. E sempre que precisar de algum auxílio nas piscinas, a gente vai ajudar, talvez não como técnico, tenho formação, três formações, mas porque eu gosto. Vou estar sempre ajudando. Parar, eu não vou parar não.

m) Entrevista Tiago José Frank

1 – Qual a importância da atividade física, em especial o basquete em cadeira de rodas, para as pessoas com deficiência?

A atividade física na vida da pessoa com deficiência, ela serve, num primeiro momento, para os processos de reabilitação, assim, ela servirá de suporte para que o indivíduo tenha maior autonomia e conseqüentemente uma melhora na qualidade de vida, além disso, atividade física auxiliará na reinserção na sociedade, foi justamente e com essa proposta de reabilitação, que o esporte adaptado foi criado, como é o caso do basquete em cadeira de rodas.

2 – Desde 2009, você desenvolve a atividade com as pessoas com deficiência. Como você descobriu a aptidão para o desenvolvimento da atividade esportiva para esse segmento de público? Houve alguma influência ou fato que marcou você?

Eu já atuava como técnico de basquete. Recebi o convite, aceitei, o que considereei como um novo desafio, a descoberta que acabou se dando naturalmente, mas passei por um processo de adaptação a nova realidade eu desejava e continuo desejando maiores conhecimentos a respeito da área, para que isso ocorra é necessário, como em qualquer outra área, muito estudo. Penso que exista um perfil adequado para cada tipo de atuação profissional independente da área que seja, encontrei a minha, vocação de lidar não olhar

também é adequado para tratar as pessoas com quem trabalho, porém, a base de tudo está no respeito.

3 – Como surgiu o convite para comandar a seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas? E qual a emoção de comandar a seleção nacional tendo a participação do público brasileiro?

Eu fui técnico da seleção sub-21, no ano de 2013, então, foi o primeiro contato com a seleção brasileira de basquete de cadeira de rodas, no caso de base. O convite para atuar como técnico da seleção principal ocorreu ano passado após a campanha do Brasil no parapan-americano de Toronto, aceitei o convite, como um novo desafio na minha carreira. Falar a respeito dos jogos é uma atmosfera incrível, o carinho da torcida com todos os membros da equipe, a energia na arena e no parque paralímpico também, contagio o grupo positivamente, sem dúvidas, uma experiência única na vida dos atletas e dos membros da comissão técnica. Particularmente, fiquei muito feliz em presenciar esse clima, a realização de um sonho e também presenciar essa aceitação e apoio com o esporte paralímpico, parte do público. Espetáculo do basquete de cadeira de rodas, sem dúvidas, surpreendeu o público, as arenas estiveram lotadas e modalidade foi a mais procurada durante os jogos.

4 – Com a transmissão dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, você vislumbra uma mudança no cenário, com uma maior popularização do esporte?

Eu espero que os Jogos Paralímpicos do Brasil tenha ajudado a impulsionar a conquista de um maior espaço nas mídias. Basta comparar, com edições anteriores, nós tivemos avanços, em termos de mídia, com realização dos jogos do Brasil. É evidente que minha expectativa que haja o mesmo reconhecimento dos Jogos Olímpicos, mas isso, eu acredito que seja um processo. Penso que o fato das arenas estarem lotadas, de um grande público nos jogos, impulsionará cada vez mais uma mídia especializada ou segmento e uma ampla cobertura, afinal de contas, trata-se de um espetáculo e quem esteve nesse ambiente e nessa atmosfera percebeu o quão grandioso é o movimento paralímpico. Praticamente, todos os jogos de basquete em cadeira de rodas foram transmitidos e o acredito também que a internet pode ser um pouco mais explorado na difusão do paradesporto em todos os níveis.

5 – Quais são os principais desafios enfrentados para o desenvolvimento do basquete em cadeira de rodas brasileiro? (Apoio da mídia/ maior participação dos brasileiros).

Acredito que são diversos desafios, mas destacaria como principal, a estruturação de um clube, na sua concepção, em formatar uma equipe multidisciplinar, profissional e com qualidade específica para uma específica atuação no universo paralímpico e no nosso caso do basquete em cadeira de rodas e para que isso aconteça perpassa por apoio financeiro tanto de recurso privado, quanto público, se bem que, atualmente, nós temos diversas ferramentas para a obtenção e captação de recursos. E também isso, evidente que passa para o planejamento é o que nós necessitamos visar daqui para frente, planejamento a médio e longo prazo, é um desafio que se estabelece no basquete em cadeira de rodas em geral.

6 – A quinta colocação conquistada pela seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas no Rio 2016 é a maior conquista brasileira. Quais são as perspectivas futuras para a modalidade paralímpica?

Para que estabeleçamos como meta dentro da competição, a quinta colocação foi o resultado positivo, observando a partida contra os turcos e comparando com que a equipe apresentou com a Austrália, fica um sentimento de que poderíamos ter ido mais além, mas estão satisfeitos em atingir os nossos objetivos, em termos de resultados que é consequência de esforço e dedicação de todos os membros da equipe e também por parte da diretoria da Confederação Brasileira de Basquete em cadeira de rodas que proporcionou condições necessárias, nós tínhamos um bom período de preparação, com jogos amistosos, que condicionou a equipe pros jogos paralímpicos. Como futuro, eu realmente acredito que

a gente tem a possibilidade de um aumento no número de participantes, mas eu acho que nós temos que olhar e pensar bem, nas categorias de base e na possibilidade de inserção no basquete em cadeira de rodas nas paralimpíadas escolares, que é um evento organizado pelo CPB, essas são, sem dúvida, poderia ajudar a alavancar novos adeptos crianças e jovens, com idade escolar, talvez, uma ferramenta para isso seja um basquete 3 Contra 3 que facilitaria né justamente em encontrarmos aí número de alunos com idade escolar e que viesse a praticar também o basquete em cadeira de rodas. E acredito que nós temos tudo para fazer um novo ciclo paralímpico em quatro anos, com um bom planejamento estratégico, é um desafio, que se estabelece no basquetebol em cadeira de rodas no Brasil em diversos níveis. É uma questão de planejamento de médio em longo prazo e que a gente possa visar Japão, em 2020, quem sabe pensar no planejamento, quem sabe como resultado a obtenção de uma medalha que seria inédita para a seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas.

n) Entrevista Veronica Silva Hipolito

1 – Você pratica esportes desde a infância. Você descobriu o esporte paralímpico depois de enfrentar um acidente vascular cerebral. Como foi recomeçar após o ocorrido? Quem foi o grande incentivador para você praticar o atletismo? Por quê?

Bom é os meus incentivadores, os meus maiores incentivadores sempre foi e sempre serão meus pais. Quando eu tive o AVC, foram eles que ficaram comigo, quando eu tive o tumor também, todas as fases ruins, da minha vida, eles estavam lá e boa também, mas após o AVC eu escutei muitas coisas que não eram tão legais, como que não ia voltar a andar, que não é voltar a falar, que eu ia ficar de cama o resto da vida e minha mãe sempre dizia para eu dar meu melhor e meu pai sempre disse que não podia deixar ninguém me limitar. Principalmente quando eu saísse do hospital daí que sempre falo que só eu digo que é impossível para mim, nada vai ser impossível, eles me ensinaram que nada impossível, é difícil, mas tem que trabalhar duro, então, nada é impossível, difícil é diferente de impossível e eu trabalho muito duro para isso para conseguir as coisas.

2 – Quais são os principais desafios (próprios) enfrentados para o desenvolvimento da atividade paralímpica?

A gente tem vários problemas, vou colocar primeiro os meus, eu tive AVC, eu tenho uma limitação do lado direito do corpo, muita gente, não vê, mas tomo remédio para isso, faço fisioterapia, sinto dores, então, é complicado e dolorido para mim continuar no esporte mais dolorido do que é um atleta que não tem essa limitação, não tem essa paralisia, então, eu tenho que sempre ficar de olho, sou suscetível as lesões, é bem complicado. E também tem ponto do movimento, do movimento paralímpico ainda tá engatinhando, em que o brasileiro, o movimento paralímpico Internacional, do movimento paralímpico brasileiro tá mais lenta ainda, mas a gente tá tentando fazer eles andarem de uma forma mais rápida, caminharem a passos largos, a serem mostrado para mais gente e esse alguém que agarra muito a bandeira, amo muito movimento paralímpico, quero que todos conheçam e conheçam como alto rendimento.

3 – Quais são os benefícios que a prática da modalidade esportiva (atletismo) trouxe para você?

O atletismo, inicialmente, começou com reabilitação e inserção na sociedade, para eu voltar andar, de pouquinho em pouquinho, eu vou ter coragem de conversar com as pessoas, aumentar minha autoestima e acabou me levando no patamar mundial, patamar internacional e me levou no alto rendimento. Começou como qualidade de vida, hoje o alto rendimento.

Basicamente, o atletismo foi a minha salvação, sempre vai ser minha salvação é a minha diversão, minha profissão e passou de qualidade de vida e passou muito além de qualidade de vida, hoje, é a minha vida.

4 – Você considera o esporte de alto rendimento elitista?

Não elitista, eu não considero não. Eu acho que o esporte de alto rendimento é próximo de um triângulo, a base é sempre maior e vai afunilando, é um funil, mas não é elitista, não sei, eu acho essa palavra muito pesada, é muito arrogante, não é a palavra que colocaria no esporte. O alto rendimento não é para todos e isso eu garanto, o alto rendimento, primeiro que é muito dolorida, sofrido, você tem que amar muito para continuar. Você tem que dedicar muito para isso, mas eu não considero, ele elitista, é complicado.

5 – Como é a sua rotina de treino?

A minha rotina de treino, depende muito da época em que me encontro, se é pré-base, base, que são treinos mais fortes, se é época do específico, que é treino próprio para a minha prova, se é época de competição, depende muito, mas uma coisa que eu te garanto, no mínimo, é que a gente treina de cinco a seis vezes por semana, um a dois períodos por dia, depende da época, isso consiste treino de pista, de musculação, de corte, toda parte de estabilização, abdominal tem exercício de alongamento, a parte de psicologia, a parte de nutrição, hoje, eu tô fazendo academia três vezes por semana, posso correr todos aparelhos da academia, as outras três vezes na semana é um período de pista, depende cada hora de treino e é muito relativo a época, como é a nossa rotina, mas é bem pesada.

6 – A medalha de prata nos 100 metros rasos e de bronze nos 400 metros rasos na categoria T38 conquistadas nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro no ano de 2016 podem ser consideradas as suas maiores conquistas ou existem outras que merecem destaque? Por quê?

Eu acho que todas as minhas medalhas merecem destaque porque todas elas têm uma história, tenho um carinho especial por todas né, mas colocando em nível de competição, elas são uma das, a de prata e bronze foram nos jogos paralímpicos que é um ápice de um atleta, que eu consegui chegar com 20 anos e apesar de todos os problemas que ocorreram, inclusive da cirurgia, no último ano, mas também tem do campeonato mundial que foi que me abriu a portas, eu ganhei ouro no campeonato mundial, com o recorde do campeonato e, ano passado, também no parapan-americano sai com quatro medalhas, três ouros e uma de prata no conjunto dos jogos parapan- americano, então, essas medalhas, em nível de competição, merecem maior destaque, mas tem uma outra medalha, a minha primeira medalha do regional, que foi a minha primeira medalha na vida, no movimento paralímpico, que eu também tenho muito carinho por ela, e eu acho também merece muito destaque.

7 – Você recebe algum tipo de auxílio da CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro)? Ou há necessidade de buscar patrocínio na iniciativa privada?

Olha, o Comitê Paralímpico Brasileiro, ele ajuda muitos os atletas, têm o Time São Paulo, Time Rio, tem a Bolsa Pódio que todas apesar de eu ter os meus resultados, eu também dependia de uma aprovação deles, uma indicação deles, se eles me indicarem, assim, e mostrarem essa menina tem talento, tem potencial, ela pode fazer parte desse programa, eles tem a chance de indicar os atletas para esses programas, você tem que ter o resultado, claro, mas ele tem a chance de indicar. E também agora eu vou começar a fazer o programa transição de carreiras porque ela é o que o Comitê Paralímpico Brasileiro oferece em que tem curso de idiomas, cursos na faculdade, tem cursos especializantes, cursos técnicos, para qualquer atleta que já tenha participado dos jogos paralímpicos para que ele possa ter uma transição de carreira, não que eu queira aposentar agora, mas é uma coisa que já penso no futuro.

8 – Durante a realização dos Jogos Paralímpicos, o povo brasileiro demonstrou uma paixão pelos esportes adaptados. Você espera alguma mudança no cenário paralímpico brasileiro?

Eu realmente espero que tenha uma mudança maior no cenário do movimento paralímpico brasileiro, torço muito para também ter uma mudança no cenário do movimento paralímpico

mundial, mas, principalmente, no brasileiro por que poderia falar que saíram as coisas daqui, para que as pessoas parem de ver os atletas paralímpicos como coitadinhos, deficientes, que saem dos estádios, arenas das pistas, e aí vai e vendo o que realmente aconteceu, que teve um jogo, teve uma competição de alto rendimento foi isso. É isso que eu quero que ela veja, espero que ele as paralimpíadas não fiquem só nas paralimpíadas, que agora no circuito caixa estejam cheios de pessoas que queiram assistir, que nos regionais também, que tenha mais gente querendo participar, que a gente consiga melhorar a quantidade de competições e festivais no nosso calendário porque isso é alto rendimento e espero que as pessoas veem como alto rendimento, que todo mundo veja como o alto rendimento, inclusive a iniciativa privada.

APÊNDICE C – Reportagens produzidas em pesquisa aplicada

Programa:	
Série de Reportagem: Os desafios do esporte paralímpico brasileiro – Capítulo 02	
Repórter: Renato Francisco Sônego	
Duração:	

Apresentador–	Os esportistas paralímpicos possuem limitações físicas ou funções do corpo que podem resultar em desvantagem competitiva no esporte. Isto, no entanto, é superado com a força de vontade em competir em alto rendimento. No segundo capítulo da série “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO”, conheça a história dos paratletas e como encaram a rotina de treinos para viver a paixão pelo esporte paralímpico.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>ENTRA VINHETA</u>
Repórter –	<p>A questão psicológica é um dos obstáculos encarados pelo atleta paralímpico que deseja alcançar o nível de alto rendimento. Para isso, a pessoa precisa conhecer as características da modalidade esportiva, compreender como pode evoluir na atividade e encontrar alguém que a incentive a realizar a atividade paralímpica.</p> <p>Os familiares, principalmente os pais, são grandes incentivadores da modalidade esportiva em alto rendimento, mesmo quando os fatores externos não são nada animadores.</p> <p>A corredora VERONICA HIPOLITO, de SÃO BERNARDO DO CAMPO, é um exemplo dessa realidade. A atleta pratica atletismo desde 2011 e conquistou duas medalhas nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Veronica Hipolito - 24 seg</u> D.I.: “Os meus maiores incentivadores...” D.F.: ... saísse do hospital.”
Repórter –	<p>Contando com o apoio dos familiares, dos institutos e associações para pessoas com deficiência, os atletas paralímpicos têm de superar os limites pessoais para atingir os resultados desejados.</p> <p>VERONICA HIPOLITO explica que é sensível a lesões e precisa superar outras dificuldades para poder competir.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Veronica Hipolito 01 – 12 seg</u> D.I.: “Eu tive um...” D.F.: ... continuar no esporte.”

Repórter –	Além da superação dos obstáculos pessoais para continuar no esporte, o aspecto psicológico é outro fator que interfere no preparo dos paratletas.
Repórter –	<p>Por isso, há a especialidade psicologia do esporte, que tem como finalidade treinar as habilidades psicológicas e realizar a preparação mental dos esportistas para as competições e treinamentos. As atividades auxiliam no desenvolvimento do esporte paralímpico.</p> <p>A psicóloga esportiva da seleção brasileira de bocha, TALITA HERMANN, de CURITIBA, destaca a importância e os atributos que a psicologia traz para o esporte paralímpico.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – TALITA HERMANN – 16 seg</u> D.I: “Além de entender os fatores... D.F.: ...de um atleta”.</p>
Repórter –	<p>Somado à questão psicológica, para atingir o alto rendimento e a conquista de resultados expressivos, existe a necessidade de realizar uma rotina rigorosa de treinos.</p> <p>O velocista DANIEL MARTINS, de MARÍLIA, comenta sobre sua rotina de treinos, que é acompanhada por vários profissionais da área de saúde.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – DANIEL MARTINS - 18 seg</u> D.I: “A minha rotina de treino... D.F.: ...ia para a fisioterapia”.</p>
Repórter –	Quando as competições se aproximam, DANIEL MARTINS afirma que o treino se torna mais intenso. Nesta fase, o objetivo é a busca do máximo preparo do corpo para as competições.
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – DANIEL MARTINS 01 – 11 seg</u> D.I: “O treino fica bem mais intenso... D.F.: ...para que o resultado seja bom”.</p>
Repórter –	Os treinamentos variam de uma modalidade a outra. A atleta do tênis de mesa paralímpico JENYFER PARINOS, de PIRACICABA, explica que a sua rotina de treinos se torna mais leve perto das competições. A duração do treino é diminuída e a intensidade aumentada.
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – JENYFER PARINOS – 25 seg</u> D.I: “Perto das competições... D.F.: ...produzir nos jogos.”</p>
Repórter –	Logo após a realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, atletas e membros da comissão técnica já notaram uma mudança no cenário paralímpico local.

Repórter –	<p>A percepção é de que existe maior procura dos esportistas em praticar as modalidades paralímpicas, bem como busca mais intensa pela melhora das condições físicas e sociais para se chegar ao esporte de alto rendimento.</p> <p>A treinadora da ASSOCIAÇÃO BAURUENSE DE DESPORTOS AQUÁTICOS, a A-B-D-A, RAYSSA CAPPELIN, explica que essa mudança é uma realidade em Bauru.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – RAYSSA CAPPELIN – 16 seg</u> D.I.: “Já tá tendo uma mudança muito grande... D.F.: ... como faz para participar.”</p>
Repórter -	<p>Em um primeiro instante, a prática da modalidade esportiva paralímpica pode servir para reabilitação pessoal e interação social.</p> <p>Mas, com o avanço do treinamento e convívio com outros atletas e comissão técnica, o indivíduo pode descobrir um novo universo, alcançar marcas expressivas e chegar à conquista de medalhas.</p> <p>De Bauru, RENATO SÔNEGO.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>ENTRA VINHETA</u></p>
Apresentador-	<p>No próximo capítulo da série “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro”, saiba o que os atletas paralímpicos fazem após o fim de suas carreiras.</p>

Programa:	
Série de Reportagem: Os desafios do esporte paralímpico brasileiro – Capítulo 03	
Repórter: Renato Francisco Sônego	
Duração:	

Apresentador –	Ao longo das edições dos Jogos Paralímpicos, o Comitê Paralímpico Brasileiro tem tentado propiciar melhores condições aos atletas do país. É o que aborda o terceiro capítulo da série “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO. Vamos ouvir.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>ENTRA VINHETA</u>
Repórter –	O fator econômico é fundamental para o investimento no desenvolvimento do esporte paralímpico. Exemplo disso é o Centro de Treinamento Paralímpico de SÃO PAULO, complexo que abriga 15 modalidades e oferece a tecnologia necessária para o desenvolvimento do esporte adaptado nacional. Além disso, parcerias com as universidades têm auxiliado o COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO a inserir novos conhecimentos à prática do esporte entre comissão técnica e atletas. Isto é feito por meio de uma equipe de ciência do esporte, que desde 1996 aplica os conhecimentos resultantes de pesquisas ao cenário paralímpico nacional, como afirma o diretor técnico do comitê, EDILSON ALVES DA ROCHA.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – EDILSON ROCHA – 35 seg</u> D.I.: “Então esse é um trabalho.... D.F.: ...foram absorvidos por nós.”
Repórter –	O resultado da aplicação dos novos conhecimentos para o universo paralímpico é a perspectiva de uma carreira paradesportiva mais longa e que resulte na prática da modalidade em alto rendimento. Um dos atletas que pretende seguir esse caminho é DEBORA CAMPOS, de CURITIBA, que pratica o tiro esportivo.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – DEBORA CAMPOS – 33 seg</u> D.I.: “A parte do tiro.... D.F.: ...por muitos anos..”
Repórter –	Quando o atleta paralímpico decide encerrar a carreira esportiva, muitos esportistas são absorvidos e entram na administração e gerência do esporte adaptado.

Repórter –	Esse é o caso do ex-atleta de futebol de Cinco SANDRO SOARES, atual presidente da CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS. Ele afirma que foi convidado a ingressar na gestão esportiva logo após o término da carreira como paratleta.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – SANDRO SOARES – 20 seg</u> D.I.: “Eu acho que são poucos... D.F.: ... para dentro da gestão do esporte”.
Repórter –	Mas nem todos têm a mesma sorte de Sandro Soares. Apesar do auxílio da tecnologia para prolongar a carreira, há casos em que os atletas paralímpicos são obrigados a deixar o esporte mais cedo do que gostariam. A primeira mulher brasileira a conquistar seis medalhas nos Jogos Paralímpicos de 1984, MIRACEMA FERRAZ, afirma que o encerramento da sua carreira aconteceu de forma prematura. Segundo ela, fatores externos colaboraram para a difícil decisão.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – MIRACEMA FERRAZ – 22 seg</u> D.I.: “Eu fui praticamente... D.F.: ... chamaria muita atenção”.
Repórter –	Pensando em auxiliar os atletas paralímpicos brasileiros após o encerramento da vida esportiva, o COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO lançou em 2014 o programa TRANSIÇÃO DE CARREIRA. Por meio do projeto, atletas que integraram a delegação desde 1996 podem se inscrever e participar do programa. O diretor técnico do COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO EDILSON ALVES DA ROCHA explica o que significa e como funciona o programa.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – EDILSON ROCHA 01 – 31 seg</u> D.I.: “É um programa.... D.F.: ...caminho para ele.”.
Repórter –	Em relação ao encerramento da carreira, existe a preocupação em dar melhores condições para que os ex-atletas tenham um futuro promissor após o encerramento da vida esportiva. Desde o início do projeto, 16 atletas já participam do programa TRANSIÇÃO DE CARREIRA. A expectativa é que o número de interessados aumente após o positivo impacto dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro entre a comunidade esportiva.
Repórter –	De Bauru, Renato Sônego.

<p><u>TÉCNICA –</u></p> <p>Apresentador-</p>	<p><u>ENTRA VINHETA</u></p> <p>No próximo capítulo da série “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro”, saiba como foi a evolução do investimento no esporte paralímpico.</p>
--	--

APÊNDICE D – Arquivo em áudio